

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE  
PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Aline Cristina de Souza

**DISCURSOS DO/SOBRE O TRANSMIGRANTE:**  
um estudo de caso sobre a identidade no entrelugares

Governador Valadares

2012

ALINE CRISTINA DE SOUZA

**DISCURSOS DO/SOBRE O TRANSMIGRANTE:**

um estudo de caso sobre a identidade no entrelugares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nádia D. F. Biavati

Governador Valadares

2012

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território - GIT  
**ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE  
ALINE CRISTINA DE SOUZA**

**Matrícula Nº 48895**

Aos vinte e nove dias do mês de junho de 2012 (dois mil e doze), às oito (08h) horas, no auditório A do Edifício Pioneiros no *Campus* Antônio Rodrigues Coelho da Universidade Vale do Rio Doce, reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação da Mestranda intitulada "DISCURSOS DO/SOBRE O TRANSMIGRANTE: um estudo de caso sobre a identidade no entrelugares", Linha de Pesquisa: Migração, Cultura e Território, elaborada pela aluna **Aline Cristina de Souza**. A comissão julgadora foi composta pelos professores Doutores: Dra. Nádia Dolores F. Biavati (Orientadora) – GIT/Univale, Dr. Mauro Augusto dos Santos - GIT/Univale, Dr. Antônio Luiz Assunção – Universidade Federal de São João Del Rei- UFSJ. Abrindo a sessão, a presidente da Comissão, Prof<sup>ª</sup> Dra. Nádia Dolores F. Biavati, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra a mestranda Aline Cristina de Souza para apresentação de sua Dissertação. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora consideraram por unanimidade a Dissertação

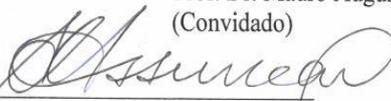
*aprovada* fazendo as seguintes observações:

*O trabalho foi bem construído e, com as devidas adaptações, recomenda-se a publicação em artigos.*

Em seguida o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata que será assinada por todos os membros da comissão Examinadora. Governador Valadares, 29 de junho de 2012.

  
Prof.ª Dra. Nádia Dolores F. Biavati  
(Orientadora)

  
Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos  
(Convitado)

  
Prof. Dr. Antônio Luiz Assunção – UFSJ  
(Convitado)

Aos brasileiros de duplo território. De dupla vida.  
E de duplo coração.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço Deus pela força espiritual concedida em cada momento de cansaço e de desânimo.

Agradeço meu esposo pelo incentivo moral e financeiro, mesmo quando se mostrou indiferente à minha ausência física.

Agradeço meu filho por suportar a distância entre nós.

Agradeço Sandra, mamãe e Tia Regina por acalentarem meu bebê em minhas horas de estudo e de pesquisa.

Sou grata a minha orientadora que, entre uma teoria e outra, ensinou-me também o valor de uma amizade.

Agradeço Sirlene por ter sido companheira de estudos, de debates e de frustrações.

Aos transmigrantes, obrigada pela disponibilidade em conceder entrevistas.

Exponho também especial agradecimento à professora Dra. Sueli Siqueira, através da qual as teorias de migração se tornaram muito mais surpreendentes e claras.

Todos merecem vivenciar este resultado.

## RESUMO

Esta pesquisa investiga, em estudo de caso, a representação do perfil identitário de transmigrantes, provenientes da microrregião de Governador Valadares/MG, construída a partir de seus dizeres sobre a língua, os costumes, os valores e as práticas desenvolvidos tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. O objetivo principal é observar aspectos que constituem identidade para aqueles que vivem num movimento recorrente de cruzar fronteiras geográficas, estabelecendo interação estreita com o estadunidense, com o mundo estrangeiro e com o universo nacional. Através de um estudo de caso, no qual os transmigrantes se colocaram como objeto de análise, buscou-se detectar a forma como se processa a redefinição identitária desses indivíduos, uma vez que eles estabelecem idas e vindas frequentes e ressignificam-se constantemente na tentativa de se adequarem ao entrelugares. Essa compreensão foi possível à luz da Análise de Discurso Crítica, especialmente através do trabalho de Fairclough (2003). Como resultado, detectou-se que, para o grupo em questão, o perfil identitário muda conforme mudam os contextos geográficos. No entanto, isso é facilmente resolvido pelos transmigrantes, que não se veem em crise de identidade, mas como seres híbridos, amalgamados, fruto do processo de globalização.

Palavras-chave: Globalização. Transmigração. Representação. Identidade. Análise de Discurso Crítica.

## **ABSTRACT**

This research investigates, in a case study, the representation of transmigrants' identity profile from the Northeast region of Governador Valadares-MG, constructed from his sayings about the language, customs, values and practices developed both in Brazil and in the United States. The main objective is to observe aspects which constitute identity for those who live in a recurring movement of cross geographical boundaries, establishing close interaction with American from the United States, with the foreign world and with the national universe. Through a case study, in which the transmigrants stood as an object of analysis, it is sought to detect the way the re-definition of identity of these individuals process, since they have established going and coming back and they re-signified constantly in an attempt to fit among places. This understanding was possible in the light of the Critical Discourse Analysis, especially through the work of Fairclough (2003). As a result, it is has detected to the group in question, the identity profile changes according to the geographical contexts. However, this is easily solved by the transmigrants, who don't see themselves in an identity crisis, but as hybrid beings, amalgamated, fruit of the globalization process.

**Keywords:** Globalization. Transmigration. Representation. Identity. Critical Discourse Analysis.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 FENÔMENO MIGRATÓRIO INTERNACIONAL.....</b>	<b>17</b>
2.1 O MUNDO GLOBAL.....	17
2.2 O BRASIL NO CONTEXTO DE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS .....	20
<b>2.2.1 Governador Valadares no contexto de emigração para os Estados Unidos.....</b>	<b>21</b>
<b>3 TERRITÓRIOS E ATOR TERRITORIAL .....</b>	<b>30</b>
3.1 TERRITÓRIO TRANSNACIONAL: ESPAÇO FÍSICO .....	30
3.2 TERRITÓRIO DE ENTRELUGARES: ESPAÇO CULTURAL.....	32
3.3 CONCEITUAÇÃO TEÓRICA DE TERRITÓRIO .....	34
3.4 CONEXÃO BRASIL-EUA: TRANSMIGRAÇÃO E TRANSMIGRANTE.....	38
<b>4 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE .....</b>	<b>41</b>
4.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....	41
4.2 IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS.....	44
<b>4.2.1 As identidades dos sujeitos em movimento migratório.....</b>	<b>48</b>
<b>5 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA.....</b>	<b>50</b>
5.1 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA .....	50
5.2 OS TRABALHOS DE FAIRCLOUGH.....	55
5.3 OS SIGNIFICADOS ACIONAL, REPRESENTACIONAL E IDENTIFICACIONAL E A LINGUÍSTICA SISTÊMICA FUNCIONAL.....	57
<b>5.3.1 A Transitividade .....</b>	<b>63</b>
<b>5.3.2 A transformação sintática.....</b>	<b>64</b>
<b>5.3.3 A classificação .....</b>	<b>65</b>
<b>6 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO TRANSMIGRANTE .....</b>	<b>67</b>
6.1 METODOLOGIA DE PESQUISA .....	67
<b>6.1.1 Descrição da pesquisa.....</b>	<b>67</b>
<b>6.1.2 ADC como ferramenta de análise de dados .....</b>	<b>70</b>
6.2 ANÁLISE DE DADOS: O DISCURSO DO TRANSMIGRANTE.....	71
<b>6.2.1 Os EUA como terra de destino .....</b>	<b>73</b>
<b>6.2.2 Construção do conceito de “transnacionalidade” .....</b>	<b>75</b>

<b>6.2.3</b>	<b>Construção do conceito de “transmigrante”</b> .....	<b>76</b>
<b>6.2.4</b>	<b>A língua “obrigatória” do transmigrante</b> .....	<b>80</b>
<b>6.2.5</b>	<b>Os costumes: práticas reinventadas nos dois lugares?</b> .....	<b>86</b>
<b>6.2.6</b>	<b>Os valores: o olhar sobre si e sobre o Outro</b> .....	<b>93</b>
6.2.6.1	A representação do transmigrante sobre os EUA e sobre o Brasil .....	93
6.2.6.2	Um jogo de impressões: o olhar do estrangeiro sobre o brasileiro (pelo discurso de brasileiros) e a representações do brasileiro sobre o estadunidense .....	104
<b>6.2.7</b>	<b>As práticas de trabalho e de transmigração: ações no território transnacional</b> .....	<b>108</b>
6.2.7.1	Prática de trabalho .....	109
6.2.7.2	Prática de transmigração.....	113
<b>6.3</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>116</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>123</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>128</b>
	<b>APÊNDICE</b> .....	<b>136</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação trabalha com descrição, reflexão e análise discursiva dos territórios transnacional e de entrelugares – considerados, essencial e respectivamente, nesta pesquisa, os espaços geográfico e cultural do Brasil (especificamente a cidade mineira de Governador Valadares) e dos Estados Unidos da América (EUA). Tem, como sujeitos pesquisados, em estudo de caso, migrantes transnacionais, também chamados “transmigrantes” – nomenclatura adotada de Schiller (1999) –, que marcam um viver recorrente entre nações e dividido entre costumes, língua, valores e práticas. Esses indivíduos constroem suas identidades no e pelo movimento e através das relações estabelecidas com a população da terra de origem e da terra de destino.

O transmigrante valadarense, que toma os EUA como rota de destino, é assim caracterizado por Siqueira (2009, p. 170):

O emigrante que vive nos dois lugares<sup>1</sup>, volta com frequência ao país de origem e ao de destino. É documentado, tem vida estabilizada nos Estados Unidos. Possui casa, faz investimento e trabalha nos dois lugares. Passa parte do ano no Brasil e parte nos Estados Unidos. Participa ativamente da vida social das duas sociedades. Alguns são membros de associações nos EUA (câmara do comércio, grupo de escoteiros, brigada de incêndio) e no Brasil (associações de classe, cargos públicos como de vereador ou prefeito). Hoje, já se pode dizer que são transmigrantes, pois transitam, têm visibilidade e são atores sociais nos dois lugares.

Dadas todas as peculiaridades desse novo grupo de migrantes, especialmente a de se locomover com documentação e de maneira frequente entre o Brasil e os EUA, torna-se interessante observar suas identidades, marcadas por diferenças e por semelhanças entre dois territórios. Isso implica revelar o perfil identitário desses sujeitos, em estudo de caso, os quais se representam e representam a exteriorização no plano discursivo.

A adoção do conceito de “identidade”, neste trabalho, vem de Woodward (2006). Segundo essa autora, a identidade tem a ver com a construção do eu, reconhecendo que o Outro é dessemelhante. Isso resgata as noções de “alteridade”, de “diferença” e de “fluidez” e mostra que a formação de um perfil com o qual alguém se identifica passa pela interação e

---

<sup>1</sup> O termo “lugares”, aqui, é sinônimo de “países”; “nações”; “territórios geográficos e culturais”.

pelo uso de recursos simbólicos, inclusive linguísticos, de representação. A partir dessa perspectiva, afirma-se que a identidade transmigrante se envolve em uma gama de fatores, aliados, de forma singular, ao processo constante de sua ressignificação nas terras de origem e de destino.

O problema de pesquisa que norteia este estudo se concentra em responder: “Como é construída a identidade do transmigrante e como são reveladas, no plano discursivo, as condições de sua constante readaptação geográfica e cultural?”. O conectivo “como”, inserido em contexto migratório e na indagação anterior, tem a ver com a forma por meio da qual a identidade do transmigrante se estabelece, que pode ser: o processo de alteridade (reconhecer no estrangeiro aquilo que o difere do nacional); o entrelugares (espaço cultural, simbólico, de interação entre Brasil e EUA); a multiterritorialidade; o contato entre línguas; as situações de inclusão e de exclusão na sociedade norte-americana etc.

Nesta dissertação, escolhem-se quatro elementos para embasar a construção da identidade do migrante transnacional: a língua (falar Português e falar Inglês); os costumes (hábitos realizados em um e em outro país); os valores (crenças desenvolvidas sobre os dois territórios); e as práticas (ações realizadas no Brasil e ações realizadas nos EUA). Acredita-se que eles favoreçam uma análise que parte do discurso, constituindo significações do eu em relação a sua alteridade e desvelando sujeitos enquanto indivíduos e enquanto seres sociais.

O objeto de análise considerado é o transmigrante, sem distinção de gênero e de idade. No entanto, para compor o grupo de entrevistados, ele tem de se enquadrar em certas delimitações, isto é, possuir características restritas a indivíduo que: a) mantém hábito de viver tanto no país de origem quanto no país de destino num intervalo máximo de permanência de dois anos em cada um deles; b) tem documentação para se movimentar no estrangeiro (*Green Card* ou cidadania americana); c) cumpre um “ir e vir” recorrente há mais de cinco anos; d) possui relacionamento social evidente em ambas as nações; e) nasceu no Brasil e em algum momento de sua vida optou residir nos Estados Unidos.

Este estudo segue a linha de pesquisa do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território intitulada “Território, migração e cultura”, com a temática “Usos linguísticos, identidade e mudanças sociais”. Nele, enfocam-se tanto o território, a migração e a identidade transnacionais, desvelados a partir da perspectiva do transmigrante, quanto os discursos

circulantes sobre<sup>2</sup> as experiências do ir e vir e sobre<sup>3</sup> os indivíduos que realizam essa ação recorrente de atravessar fronteiras geográficas.

A Análise de Discurso Crítica, enquanto forma de estudo da linguagem, é a vertente escolhida para o desenvolvimento do presente trabalho, pois apresenta características de interdisciplinaridade e de transdisciplinaridade, estabelecendo reflexões acerca dos acontecimentos sociais, constituídos discursivamente, e perpassados, em alguns momentos, por ideologias e por relações de poder. Os discursos da transmigração, nesse contexto, mostram-se interessantes fontes de análise. Eles ilustram a movimentação espacial do transmigrante e as representações surgidas em torno desse acontecimento frequente. Desse modo, aquilo que o indivíduo diz representa parte daquilo que ele é.

A movimentação do migrante transnacional é estabelecida na conjuntura de globalização. A partir desse fenômeno de compressão espaço-tempo, espaços no globo terrestre se conectam, independente da longa distância entre eles. Não há também como negar a influência das redes migratórias<sup>4</sup>, tomadas como veículos de informação e de acolhimento dos indivíduos no estrangeiro. Essa contínua movimentação de pessoas pelo mundo impacta territórios em planos local e global<sup>5</sup>, mostrando que a duplicidade (ou, até mesmo, a multiplicidade) de espaços geográficos coabitados possui aspectos de proximidade e de distanciamento e ocorrências que se completam e reciprocamente se interferem. Daí se afirmar que toda ação local é influenciada e influencia uma ação global.

Nesta pesquisa, a relação entre esses dois extremos geográficos tem por fio condutor o transmigrante, sujeito que transita em um território transnacional e que se insere no território de entrelugares. O termo “entrelugares”, literalmente considerado, não é neologismo. Ele é adotado a partir de uma referência de Bhabha (1994), que o utiliza sob uma perspectiva de troca cultural entre povos e nações. Bhabha (ibidem) faz uso do termo “*in-between spaces*”<sup>6</sup>, na tentativa de mostrar que o sujeito pós-moderno se condiciona ao hibridismo cultural – e o

---

<sup>2</sup> Nesta dissertação, intitulada “Discursos do/sobre o transmigrante: um estudo de caso sobre a identidade no entrelugares”, ganham peso os discursos “do” transmigrante em relatos de sua experiência nos universos nacional e estrangeiro. A semântica do termo “sobre”, em “sobre o transmigrante”, indica que há discursos dispensados para a representação do transmigrante valadarense nos EUA, feitos pela população da terra de destino, mas que, aqui, são evidenciados na perspectiva do próprio transmigrante. Portanto, os discursos “sobre o transmigrante” passam por uma perspectiva pessoal dos entrevistados, que pode ou não se aproximar da real representação desse grupo nos EUA na visão dos nativos estadunidenses.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> As redes migratórias também podem ser chamadas de “redes de contato”, “redes sociais”, “redes de sociabilidade”.

<sup>5</sup> Nesta pesquisa, o “local” se refere ao território físico de Governador Valadares e o “global”, aos EUA. Em outras palavras, respectivamente, seriam: terra de origem e terra de destino dos transmigrantes.

<sup>6</sup> “Entre-dois espaços”.

termo “hibridismo”, aqui, não tem a ver com uma definitiva assimilação cultural, mas, apenas com aquisição de alguns traços/elementos, os quais demonstram que culturas diferentes podem conviver, tornando-se mistas, amalgamadas. As pessoas mesclam novas formas culturais aos seus costumes, valores e práticas cotidianos, especialmente quando interagem com o Outro<sup>7</sup>. Assim, o indivíduo nunca experiencia uma cultura pura<sup>8</sup>. Ao contrário, convive com as diferenças e cria o entrelugares, admitido como um espaço simbólico dessa interação/mistura cultural.

A partir dessa perspectiva, torna-se pertinente realizar uma análise dos dizeres do transmigrante sobre seus hábitos, suas crenças e suas ações desenvolvidas em dois territórios. De forma mais estreita, busca-se revelar esse eu que circula e tenta se firmar no ir e vir recorrentes, constituindo, de modo material, o fenômeno da transmigração. Outra razão para se estabelecer esta pesquisa diz respeito ao tipo de movimentação efetuada no espaço pelo transmigrante, desvinculando-se do tradicional migrante, que deseja o retorno definitivo à sua terra de origem ou que é permanente em terra de destino. Esse caráter transnacional remodela a geografia de uma e de outra nação; mistura hábitos e práticas culturais e ideologias; e recria as identidades de sujeito, reforçando a condição de ser multifacetadas e baseadas na capacidade de refletir e de estabelecer escolhas mais favoráveis sobre um modo de vida.

Aqueles que se tornam documentados nos EUA passam a viver nos dois lugares, trabalhando nos EUA e passando um ou dois meses no Brasil. Mantêm casa e carro no Brasil para aqui desfrutarem o descanso. Tornam-se moradores de dois lugares. Dividem suas idas, investimentos e trabalho nesses dois espaços. Como a perspectiva teórica baseada na transnacionalização preconiza, passam a viver em dois mundos diferentes, estabelecendo conexões entre as duas sociedades, entre o local e o global. Tornam-se transmigrantes em um mundo globalizado. (SIQUEIRA, 2009, p. 163)

Na cidade de Governador Valadares – território geográfico específico de desenvolvimento deste estudo –, percebe-se que o trânsito de seus habitantes para os Estados Unidos é uma prática naturalizada. Essa ação se sustenta no discurso, divulgado social e

---

<sup>7</sup> Considera-se, para a presente dissertação, que o termo “Outro” se refira à alteridade, àquele que é diferente.

<sup>8</sup> Nesse ponto de discussão, convém lembrar o que pontua Hall (2006). “As nações modernas são, todas, híbridos culturais” (HALL, 2006, p. 62), salientando que é um equívoco se trabalhar com a identidade nacional como algo totalmente peculiar e diferenciador. Na verdade, até mesmo dentro das categorias raça e etnia, aqui se referindo às “características culturais – língua, religião, costume, tradição, sentimento de ‘lugar’ – que são compartilhadas por um povo” (HALL, 2006, p. 62), é possível encontrar singularidades. Isso quer dizer que a identidade nacional não pode ser unificada e homogeneizada.

mediaticamente (BIAVATI; SIQUEIRA, 2011), de que a vida no estrangeiro é melhor que a vida local, permitindo, assim, ascensão econômica e possível *status* àquele que venha residir no exterior.

Na microrregião de Governador Valadares, a rota para os Estados Unidos definiu-se a partir de um contexto histórico que criou, no imaginário popular, a ideia da existência de um lugar onde era onde era fácil ganhar dinheiro e ‘fazer a vida’ em pouco tempo. As redes sociais permitem aos novos migrantes estabelecerem uma teia de relações sociais entre os dois países. (SIQUEIRA, 2009, p. 161)

Nesse contexto discursivo, percebe-se uma disseminação de crença, enraizada, de que o estrangeiro sempre é superior ao nacional, em todos os aspectos, inclusive linguístico. Tal reconhecimento da diferença do eu a partir do Outro, que ocorre, a princípio, pela língua, e que aqui pode ser chamado de “processo da alteridade”, põe em evidência a hegemonia dos países centrais, os quais divulgam suas ideologias nas relações dissimétricas de poder.

Diante desse acontecimento, concebem-se algumas hipóteses. A primeira tem a ver com o processo de inserção do migrante transnacional em território estadunidense e com a relação entre esse sujeito e a cultura desse país. Considera-se que o transmigrante se adapta com maior facilidade ao país de destino, uma vez que possui autonomia<sup>9</sup> para efetuar escolhas e minimizar conflitos e tensões de convivência social, interagindo normalmente com o nativo e com a sociedade norte-americana por meio do idioma Inglês. Tal fato é distinto, por exemplo, do migrante indocumentado, o qual, por receio de ser descoberto pela polícia de fiscalização e, por muitas vezes, não se comunicar na língua da terra de destino, é submetido a uma vida mais privada, sem oportunidade de melhores empregos e com distanciamento social do habitante nativo do país de destino.

Já no tocante à língua falada, deduz-se que todos os transmigrantes, objetos deste estudo, se comunicam<sup>10</sup> através da língua inglesa quando estão nos EUA. A explicação para isso pode estar relacionada ao fato de todos serem documentados; de já permanecerem em contato direto com o estrangeiro por mais de cinco anos (o que possibilitaria um relacionamento mais próximo com o idioma); e por manterem vínculo evidente na sociedade receptora, interagindo com os habitantes nativos (o que se faz pela língua do país de destino).

---

<sup>9</sup> Essa autonomia tem a ver com a condição documentada do transmigrante em solo estadunidense.

<sup>10</sup> Comunicar em uma língua não quer dizer fluência no idioma, mas capacidade para se resolver e resolver os problemas com algum entendimento linguístico.

No que concerne à identidade do transmigrante, conjectura-se que ela se constitua por movimentos de ressignificação, tanto na faceta de trabalhador, quanto na faceta de homem e de mulher, que interagem socialmente, manifestando-se, na linguagem. Tal condição de viver nos dois lugares afeta o modo como o transmigrante se vê e vê representado seu território de origem, e o modo como percebe e retrata o espaço estrangeiro – que se torna um pouco seu.

Por fim, presume-se que o transmigrante já tenha sido, um dia, um migrante retornado, que sentiu estranhamento em seu país de origem e que desejou, a partir disso, habitar de novo o país de destino. Com o passar do tempo, cumprindo uma prática de estar tanto em uma nação quanto em outra<sup>11</sup>, passa a não sentir mais estranhamento – ou a não se sentir estrangeiro na própria terra (SIQUEIRA, 2009) –, mas, uma comodidade, uma ação habitual de transnacionalização<sup>12</sup>.

Com a realização desta pesquisa, que se processa com coleta de dados, através de entrevista direcionada ao transmigrante, intenciona-se colocar em relevo a nova representação do movimento emigratório de valadarenses para os EUA, que não tem como objetivo o retorno fixo a terra-natal, tampouco a permanência definitiva no país de destino. Ao contrário, mostra-se como um fenômeno de transnacionalização, que se firma também no entrelugares, remodelando e marcando uma aproximação, cada vez mais estreita, entre o local e o global – o que acaba criando, segundo Beck (1999), o território “glocal”.

Nesta dissertação, são palavras-chaves os termos e as expressões: “globalização”, “migração”, “território transnacional”, “território de entrelugares”, “representação”, “identidade” e “Análise de Discurso Crítica”. Todos eles recebem caracterização a partir de capítulos específicos, os quais, por sua vez, são costurados pelo viés da transmigração. O primeiro capítulo trabalha aspectos da conjuntura de globalização e coloca a movimentação de pessoas pelas fronteiras internacionais como uma consequência, a princípio, da compressão espaço-tempo. Nesse capítulo, destaca-se também a emigração valadarenses para os EUA, na qual o projeto de saída dos indivíduos desse território é um evento construído e ratificado socialmente e na coletividade. O segundo capítulo estabelece uma conceituação do território transnacional e do território de entrelugares, destacando as territorialidades (vistas como práticas) como determinantes à apropriação do território simbólico. Garante ainda relevância à conexão de brasileiros ao exterior, caracterizando o termo “transmigrante” como um ator territorial. Já o terceiro capítulo descreve as representações sociais e as identidades,

---

<sup>11</sup> Alguns migrantes afirmam que, quando estão no estrangeiro, desejam a terra-natal e, quando estão na terra-natal, desejam estar no estrangeiro.

<sup>12</sup> Ressalta-se que esse acontecimento é fato isolado. Nem todo transmigrante passa ou é obrigado a isso.

mostrando que o perfil identitário dos sujeitos, em processo de transmigração, constantemente, ressignifica-se. Dessa forma, os indivíduos se representam e representam o espaço nacional e estrangeiro com qualidades de fluidez, de dinâmica e de efemeridade. O quarto capítulo, por sua vez, discorre acerca da Análise de Discurso Crítica, tomando-a como referencial teórico-metodológico de aplicação nesta pesquisa. A preocupação maior é evidenciar os trabalhos de Norman Fairclough, especialmente a obra de 2003, "Analisando Discurso", a qual se torna base teórica para o entendimento do discurso transmigrante, através dos significados acional, representacional e identificacional. O quinto capítulo desenvolve o caráter discursivo-analítico desta dissertação e engloba os dados recolhidos em campo sobre elementos que estabelecem contornos da identidade do transmigrante valadarense, tomando como base seus modos de agir (costumes e práticas) e seus modos de representar (língua e crenças). Nesse capítulo, o discurso se afirma enquanto algo que constrói/constitui sujeitos, sociedades e culturas. Por fim, na parte destinada à conclusão, pontua-se, dentre outros aspectos, que a identidade do migrante transnacional depende da categoria "território" para existir, e que os transmigrantes se mostram seres do entre-dois (SAYAD, 2000), simultaneamente, amalgamados e cindidos.

## 2 FENÔMENO MIGRATÓRIO INTERNACIONAL

### 2.1 O MUNDO GLOBAL

A transmigração é uma prática tipicamente registrada na atualidade, resultado da globalização – fenômeno que possibilitou a compressão espaço-tempo. Assim, antes de qualquer construção de seu sentido, torna-se essencial apresentar a conjuntura pós-moderna, marcando características e efeitos estabelecidos nas sociedades e nas identidades.

Vive-se um momento histórico chamado de “pós-modernidade” (HARVEY, 2010), uma era com tendência de aproximação de nações, de povos e de culturas; que evolui sob o impacto da ciência, da tecnologia e do pensamento racionalista; e que torna o mundo constituído por todo tipo de mudança interna e externa ao ser humano (GIDDENS, 2003). Esse caráter de transformações – que, conforme a maioria dos estudiosos atuais, não atinge somente uma região isolada do planeta, mas todo o planeta – resulta no que se convém chamar de “globalização”.

O termo “globalização” se refere a uma construção léxica dividida entre teorias. Segundo Ianni (1997, p. 4), esse fenômeno “[...] não é um fato acabado, mas um processo em marcha”, que nasce de mudanças sociais em disparo, ocorridas em ritmo, em amplitude e em profundidade acelerada. Viver a conjuntura global implica testemunhar inovações em todas as áreas do conhecimento; ser espectador de eventos e de notícias em tempo real e instantâneo através da mídia e da internet; realizar transações financeiras em escala mundial e em moeda franca; adotar unidade linguística para a comunicação além-fronteiras nacionais; repensar e assumir novos valores morais e éticos; conviver com as diversidades etc. Portanto, a globalização é um evento de natureza econômica, cultural, política e tecnológica, assegurada e influenciada pelo progresso dos meios comunicacionais.

Ainda de acordo com Ianni (2001, p. 32), a globalização pluraliza o mundo, sob a forma de um “vasto caleidoscópio universal, alterando e apagando, bem como revelando e acentuando cores e tonalidades, formas e sons, espaços e tempos desconhecidos em todo o mundo”. Ela se move simultaneamente pela integração e homogeneização e pela diferença e fragmentação, o que muda os discursos da atualidade, já que as pessoas passam a viver tensões entre valores, crenças e práticas, confrontantes entre si, e passam também a

representar o mundo e elas mesmas com novas e diversas significações (dependendo do contexto em que estão inseridas). Em outras palavras, a aproximação entre nações e povos, gerada pela globalização, transforma a maneira de ver o universo exterior e de ver a si mesmo e espalha diferentes discursos sobre os eventos sociais e pessoais.

É claro que a globalização não tem nada a ver com homogeneização. Esse é o universo das diversidades, desigualdades, tensões e antagonismos, simultaneamente às articulações, associações e integrações regionais, transnacionais e globais. Trata-se de uma realidade nova, que integra, subsume e recria singularidades, particularidades, idiosincrasias, nacionalismos, provincianismos, etnicismos, identidades ou fundamentalismo. Ao mesmo tempo em que se constitui e movimenta, a sociedade global subsume e tensiona uns e outros: indivíduos, famílias, grupos e classes, nações e nacionalidades, religiões e línguas, etnias e raças. (IANNI, 2001, p. 27-28)

Held e McGrew (2002) asseveram que a globalização tem a ver com a reconfiguração da geografia social dos territórios. Segundo os autores, as nações, na atualidade, estão sendo moldadas em espaço social compartilhado por forças tecnológicas e econômicas, de tal forma que, o que ocorre em determinada região, pode influenciar enormemente no desenvolvimento de outro espaço geográfico. Isso caracteriza a aproximação cultural das localidades com as globalidades, ou do espaço local com o espaço global, formando o que Beck (1999) convencionou denominar de “glocal” – um estreitamento entre o local e o global. É claro que essa integração planetária ou universalização de culturas e de civilizações não é harmoniosa. Na verdade, a globalização é irregular e dessemelhante e agrava a heterogeneidade.

Santos (2001, p. 90), por sua vez, define a globalização como um “conjunto de relações sociais que se traduzem na intensificação das interações transnacionais, sejam elas práticas interestatais, práticas capitalistas globais e práticas sociais e culturais transnacionais”. Por ser relacional, envolve domínios de poder, essencialmente o poder dos países centrais e o poder dos países periféricos. Num mesmo plano, vários territórios se interagem, entram em conflito e impactam a vida social com grande intensidade. Além disso, através de novas roupagens e de novos discursos, desterritorializam<sup>13</sup> e reterritorializam<sup>14</sup>, de forma recorrente, valores e práticas, demonstrando rupturas e continuidades entre eles.

---

<sup>13</sup> O verbo “desterritorializar” tem a ver com a ação de se desvincular do território de origem ou de pertencimento. Dele, vem o substantivo “desterritorialização”.

A globalização recria o cotidiano e ressignifica formas de agir e de pensar (GIDDENS, 2006). Além disso, modifica a relação entre as pessoas, permitindo questionamentos sobre o uso da linguagem e sobre a fragmentação identitária dos indivíduos, os quais se representam a partir do discurso que fazem de si próprios e dos outros, ao mesmo tempo em que todos são avaliados em suas posições. Através daquilo que dizem, as pessoas exteriorizam o contexto de globalização e mostram que suas identidades são influenciadas por esse fenômeno. Nessa perspectiva, admite-se que a conjuntura contemporânea permite mudanças na construção identitária, a qual passa a ser vista como uma construção reflexiva, já que os indivíduos podem operar escolhas sobre seu estilo de vida.

Apesar da ocidentalização contínua e reiterada, contraditória e desigual, o que a história revela é uma pluralidade de mundos. Muitas e diferentes formas de vida e trabalho, pensar e sentir, ser e imaginar. De par-em-par com a ocidentalização, criam-se e recriam-se distintas formas civilizatórias. [...] Assim, a formação da sociedade global pode ser vista como o horizonte no qual se revela a multiplicidade das formas de ser, viver, sentir, agir, pensar, sonhar, imaginar. (IANNI, 1997, p. 77)

No caso deste estudo, fala-se de globalização para evocar tanto as mudanças culturais (inclusive linguísticas) ocorridas no mundo ocidental, quanto aquelas percebidas na constituição dos sujeitos ou na forma como eles se representam e representam o universo a sua volta através da linguagem. Toda essa transformação convive com o aspecto econômico do fenômeno, que, por sua vez, determina a condição transmigrante de certos indivíduos, sustentada por desejos de consumo<sup>15</sup>, cada vez maiores: “Aos poucos, em todos os lugares, regiões, países, continentes, a despeito das diferenças socioculturais que lhes são próprias, os indivíduos e as coletividades são movidos pela mercadoria, mercado, dinheiro, capital, produtividade, lucratividade” (IANNI, 1997, p. 72).

Impulsionados pela mercadoria e pelo acesso ao mundo tecnológico dos países centrais, os transmigrantes valadarenses em direção aos EUA, inseridos na conjuntura de compressão tempo-espço, têm experienciado uma multiterritorialidade (HAESBAERT,

---

<sup>14</sup> O verbo “reterritorializar” tem a ver com a ação de novamente se vincular ao território de origem ou de pertencimento; ou se vincular a um território diferente, criando laços de pertencimento sociais e culturais. Dele, vem o substantivo “reterritorialização”.

<sup>15</sup> A globalização, em sua faceta econômica, na contemporaneidade, e nesta pesquisa, estimula o desejo de consumo nos transmigrantes, que participam do estudo de caso. Esses sujeitos, em sua totalidade, possuem baixo nível educacional – e esse fato, segundo eles, limitaria as possibilidades de terem acesso aos bens de consumo, caso desenvolvessem qualquer atividade remunerada no Brasil.

2005a) ou a combinação de uma variedade de territórios-rede, que permite falar na vivência simultânea e sucessiva de diferentes espaços geográficos, interconectando o local ao global. Além disso, os transmigrantes vivenciam o território simbólico de entrelugares, misturando modos de agir, de representar e de ser nos espaços do Brasil e dos EUA.

Na próxima seção, pontua-se que a crise econômica brasileira, em alguns momentos, foi utilizada como justificativa para o ato de emigrar internacionalmente. Esse fato se solidificou, porque teve base nas redes migratórias e nas comunidades étnicas no exterior. No entanto, evidenciando a transmigração entre o grupo pesquisado, neste trabalho, percebe-se que a crise econômica não mais é razão para manter a prática do ir e vir recorrentes. Ao contrário, os transmigrantes entrevistados emigram para os EUA por uma escolha pessoal, racional e objetiva.

## 2.2 O BRASIL NO CONTEXTO DE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Dentro do plano de migrações internacionais, o Brasil, até a primeira metade do século XX, caracterizou-se, predominantemente, como país receptor de imigrantes. Somente a partir dessa data, teve tendência a enviar parcela de sua população para o exterior.

Em 1980, a dinâmica do capitalismo brasileiro, apoiado na globalização, gerou crise econômica, na qual as políticas financeiras não conseguiram debelar a inflação e seus efeitos perversos. Conforme ressaltam Sales e Baeninger (2000), a “década perdida” levou o Brasil à condição de país emigrantista, que viu na saída de sua população para o exterior uma forma de driblar a crise. Tal fato ilustrou a inversão migratória, já que modificou o fluxo populacional, passando a ter origem no país periférico e destino no país central.

Os brasileiros, em trânsito migratório, foram especialmente para a Europa, o Japão e o Paraguai. Mas, em supremacia, os emigrantes se direcionaram a região norte do continente americano, notadamente os EUA. Esse país recebeu, em sua maioria, jovens pertencentes à classe média, que se ocuparam de trabalhos não-qualificados, os quais lhes propiciavam um orçamento maior e a possibilidade de formar certa poupança. (PATARRA, 2005)

Os imigrantes não vêm (para os EUA) para escapar de uma falta de desenvolvimento perene ou por uma destituição de sua terra-natal. A maioria encara

uma jornada imigrante pelo sonho de um novo estilo de vida, que até pode ser encontrado em seu país, mas que é impossível de ser preenchido com satisfação. Sem surpresas, a maioria emigra por uma determinação individual; aqueles que sentem a distância entre a atual realidade e os verdadeiros objetivos de vida, frequentemente escolhem a emigração como uma ferramenta capaz de resolver essa contradição. (PORTES; RUMBAUT, 1996, p. 13-14, tradução minha)

A princípio, a emigração internacional de brasileiros, na década de 1980, significou uma movimentação temporária, pois se tratava de um evento novo e ainda sem temporalidades para demonstrar a dinâmica do fluxo. No entanto, passados mais de trinta anos, mudanças consideráveis são percebidas nesse processo. Julga-se que a consolidação das redes migratórias, garantindo apoio aos migrantes, responsabilize-se para que a emigração de brasileiros se mostre ou como um caminho sem volta ou como uma volta definitiva à origem. Em outros casos, no entanto, alguns brasileiros têm acionado a transmigração, convivendo em trânsito recorrente entre os dois países. Isso constitui um efeito da globalização e da racionalidade dos transmigrantes, em que o sentido de pertencimento territorial duplo aparece.

Um dos movimentos emigratórios de brasileiros para o exterior, de grande volume e de destacada fama, tem origem na cidade mineira de Governador Valadares. Por se constituir parcela do objeto de estudo, nesta dissertação, torna-se pertinente analisar a história de migração internacional para esse território e desse território, e em especial, ratificar os fatores que contribuem para a consolidação desse evento como prática social recorrente, preche de sentidos aos sujeitos que dela fazem parte.

### **2.2.1 Governador Valadares no contexto de emigração para os Estados Unidos**

Governador Valadares se situa na região leste do estado de Minas Gerais, mais precisamente, na mesorregião do Vale do Rio Doce. Dista 303 km da capital, Belo Horizonte, e possui grande destaque econômico regional. Possui 263.689 habitantes, distribuídos em uma área de 2.342 Km<sup>2</sup>. A cidade vive essencialmente da prestação de serviços. (IBGE, 2010)



FIGURA 1 - Localização de Governador Valadares no mapa de Minas Gerais.  
 FONTE: <http://www.guianet.com.br/mg/mapamg.htm>. Acesso: 06 out. 2011.

Tanto nacional quanto internacionalmente, Governador Valadares se reconhece como uma capital da emigração. Em sua maioria, o deslocamento de pessoas se direciona aos EUA, especificamente à região de Boston.

A grande “aptidão” de Valadares em exportar seus trabalhadores decorre, na verdade, da antiguidade desse fluxo migratório e da convergência dos interesses da cidade em prol da migração. [...] O ideal de “fazer a América”[...] acabou tornando a migração internacional de valadarenses [...] no fluxo migratório mais recorrente no Brasil. Nos dias atuais, 18% dos domicílios de Valadares apresentam pelo menos um indivíduo com experiência migratória, em 86% dos casos para os EUA, e a decisão de migrar para o exterior já abarca 6,8% da população da cidade. (SCUDELER, 1999, p. 203)

Na história de constituição da cidade de Governador Valadares, foram estabelecidas algumas conexões com o território estadunidense, fundamentais para o desenvolvimento econômico local. Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, muitos norte-americanos

vieram extrair e executar o trabalho de beneficiamento da mica, dada sua relevância para a indústria bélica (ESPÍNDOLA, 1999). Esse ciclo, apesar de exploratório, gerou muitos empregos, garantindo dinamismo para a realidade social urbana. Nesse momento, também houve a construção do SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), financiado pelo governo norte-americano e destinado ao tratamento da malária – doença que atormentava os moradores da região. De igual maneira, ocorreram modificações no traçado da estrada de ferro Vitória-Minas, sendo o projeto executado por uma empresa norte-americana. Esses acontecimentos permitiram um contato mais estreito da população da origem com o estrangeiro, principalmente a partir do dólar que circulava no comércio, no pagamento de prestação de serviços e sob a forma de gorjetas. Tudo ajudou a fortalecer a ideia popular de que os EUA indicavam desenvolvimento, opulência, organização, civilização e solidariedade. (SALES, 1999; ASSIS, 1999; SIQUEIRA, 2009)

Na década de 1960, a mica foi substituída pela pecuária de corte e leite, deixando de produzir postos de trabalho suficientes para absorver a mão-de-obra dispensada da extração mineral (SOARES, 1995; ESPÍNDOLA, 1999). Somado a esse obstáculo econômico, conforme expõem Assis e Siqueira (2008), nasceu o desejo aventureiro e desbravador, em alguns jovens pertencentes à classe média da cidade, de experimentar o *american way of life*, ou o estilo de vida norte-americano, narrado nos cinemas e representado como bem de consumo. Vale lembrar que, nessa época, os EUA possuíam moeda forte, economia superaquecida e um mercado de trabalho secundário atraente para o imigrante.

Outro fator propulsor da emigração de valadarenses para os EUA foi a Escola de Inglês IBEU, que permitiu trocas culturais entre intercambistas (ASSIS; SIQUEIRA, 2008). No retorno, esses estudantes traziam notícias mais concretas da sociedade estadunidense, divulgadas a toda a população local através da imprensa. As cartas, acompanhadas de fotos, também possibilitavam aos amigos e aos parentes dos intercambistas imaginar uma terra promissora e sonhar com uma aventura de emigração. (ASSIS, [s.d.]

Detecta-se que os pontos iniciais da rede migratória desenvolvida nos EUA, responsável por informar, financiar e apoiar os valadarenses, contam com dezessete pessoas (ASSIS; SIQUEIRA, 2008). A partir deles, os recém-chegados ao destino estabeleciam novos contatos, ampliando e ramificando a rede, a ponto de, em 1980, ocorrer o *boom* emigratório. Ao longo dessa década, o fluxo de valadarenses e de circunvizinhos, que optaram morar no exterior, particularmente nos EUA, e viver “o sonho americano” de conquistas materiais,

aumentou consideravelmente, tanto que a cidade perdeu, em grande escala, sua mão-de-obra ativa para o setor secundário<sup>16</sup> de trabalho norte-americano.

Nos anos 80, a emigração bem sucedida dos que partiram no final da década de 60, a representação dos EUA como um lugar de progresso e desenvolvimento, onde era possível ganhar muito dinheiro, a configuração de uma rede de informações sobre todos os aspectos da emigração, associados à crise econômica brasileira e à estagnação econômica da cidade, geraram um *boom* no fluxo de valadarenses para os EUA. (SIQUEIRA, 2009, p. 69)

As considerações, acima pontuadas por Siqueira (2009), ilustram que a emigração de valadarenses para os EUA foi e ainda é um acontecimento socialmente construído e orientado. As redes migratórias são quem conectam os polos geográficos, funcionando como base e como propulsoras a essa movimentação de pessoas. (MASSEY et al., 1993)

O conceito de redes sociais, em especial, permite compreender o deslocamento de valadarenses na conexão entre os dois lugares: Brasil e Estados Unidos, porque potencializa para o emigrante uma rede de relacionamento com amplas possibilidades de trocas de informações, relações econômicas, culturais e simbólicas. Articula-se uma rede de apoio tanto nos EUA, que orienta, abriga e ajuda o emigrante, quanto na cidade, que continua apoiando na execução do projeto, envolvendo, assim, migrantes e não migrantes. (DOMINGUES, 2008, p. 65)

Os locais de destino com maior concentração de valadarenses são a cidade de *Boston* (essa cidade é responsável por abrigar 1/3 dessa migração); *New York*, *Newark* e *Framingham*. Já em menor concentração, considera-se o estado de Flórida, especialmente as cidades de *Pompano Beach*, *Deerfield Beach* e *Miami*. *Framingham* abriga uma das mais notáveis comunidades de imigrantes brasileiros, formada principalmente por pessoas oriundas de Governador Valadares (BICALHO, 1989; SALES, 1999). Nela, parece haver reconstrução do Brasil em solo estrangeiro, tanto nos costumes, quanto nos símbolos verde-amarelos usados pelos brasileiros. Sales (1999, p. 47), em pesquisa empírica, desvenda essa situação:

---

<sup>16</sup> Massey et al. (1993) pontuam que há a existência de um mercado dual, em que o setor primário tende a abarcar a mão-de-obra da população nativa e o setor secundário tende a abarcar a mão-de-obra da população imigrante.

Ao sair novamente à rua, apesar do frio de outono naquele final de tarde apressado em escurecer mais cedo, me sinto brasileira da silva. Tão brasileira depois daquela coxinha de galinha e daquele suco de caju, que estranhei quando, na rua, me deparei com dois autênticos nativos conversando em inglês.

A escolha por determinados espaços como local de destino nos EUA, feita por alguns imigrantes valadarenses, comprova que as redes migratórias influenciam e coordenam o fluxo populacional em direção aos conterrâneos, através de relações confiáveis nas quais o migrante em potencial pode se apoiar. Daí a formação de grandes comunidades étnicas, ou comunidades-filhas (MASSEY et al., 1993), de brasileiros, no exterior.

As redes migratórias de brasileiros nos EUA determinam qual nicho de emprego é reservado aos valadarenses. Dessa forma, percebe-se que esses migrantes se inserem no mercado secundário e realizam ocupações de mais baixo *status* hierárquico, uma vez que possuem, em geral, pouca qualificação de mão-de-obra e confiam nos postos de trabalho, sugeridos ou vendidos, por contatos das redes migratórias. Ligado a isso, Souza (2011) destaca observações linguísticas próprias para certos locais de instalação de valadarenses nos EUA. Em geral, há um léxico específico circulante para cada espaço de trabalho, que tende a se desfazer ou ser substituído por outro, quando na convivência social, por exemplo, ou quando no retorno dos brasileiros à terra de origem.

Além da ação das redes migratórias, percebe-se, na cultura valadarense, divulgada por meio do discurso midiático, a representação da emigração como algo que garante sucesso e prestígio (PINTO, 2011), fazendo com que aqueles que não consigam ascensão social na terra de origem, venham assumir condição de emigrante. Isso explica, por exemplo, o fato de muitas crianças decidirem pela emigração, quando crescem, como parte de sua experiência de vida, dispensando possibilidade de emprego formal e bem-remunerado localmente. (MARGOLIS, 1994; SOARES, 2002)

Biavati e Siqueira (2011) põem em relevo a importância dos discursos de emigração, principalmente daqueles difundidos na mídia impressa de Governador Valadares, através do jornal regional “Diário do Rio Doce” e sob o gênero “reportagem de emigração”, como estimuladores ao deslocamento populacional para os EUA. As autoras asseveram que essas reportagens atuam desde a década de 1960, positivando o processo emigratório e exaltando o emigrante como um desbravador, um corajoso e ousado cidadão – fato também detectado por Pinto (2011). Além do mais, as reportagens naturalizam a presença americana na cidade e contribuem para a formação de uma identidade valadarense internacionalizada.

As reportagens ganham responsabilidade de solidificação do processo emigratório na cidade de Governador Valadares no momento em que sua estrutura remete a uma forma de comunicação em que, normalmente, se trabalha com o valor de verdade ou com a autenticidade da notícia. Respalhada nessa característica, aquilo que dizem passa por crível e por algo inquestionável.

Pode-se salientar que, ao longo desses anos, a mídia local, nacional e internacional destacou, em suas reportagens, cenas desse evento social como um marco, por vezes, de vitória para brasileiros. O modo como é apresentado o fenômeno migratório pela mídia, ainda na década de 1960, remonta ao início da prática migratória na região, bem como indica possíveis implicações dessa apresentação. Corrobora o fato de que as redes sociais em torno do fenômeno foram ampliadas, de modo que, a partir daí, fosse consolidada uma naturalização do processo de migrar – ainda que as condições do migrante se mostrassem desfavorecidas no país de destino. (BIAVATI; SIQUEIRA, 2011, p. 7)

Os primeiros valadarenses que foram para os EUA, assim como a maioria daqueles que ainda fazem o mesmo percurso, tinham como objetivo poupar para realizar investimentos na origem (compra de imóveis, de automóveis, de área rural e instalação do próprio negócio). Isso significava “fazer a América”<sup>17</sup>. “Os valadarenses que emigravam temporariamente abandonavam o trabalho, o estudo ou deixavam um ‘negocinho’ no Brasil e ‘lavavam prato durante um ano ou dois, no máximo’. Hoje são donos de postos de gasolina, edifícios ou terras em Governador Valadares” (ASSIS, [s.d.], p. 6).

Parece haver certa mitificação que sustenta a cultura emigratória na cidade mineira, sobrepondo valores do território de destino em lugar dos valores de origem. Conforme ressalta Soares (2002, p. 110):

Os Estados Unidos da América passam a ser, do "mundo estrangeiro", a referência mais concreta; tornam-se parte da vida e reduto de esperança, cujas raízes assentam-se nesses contatos que têm início na década de 40. Com mais propriedade, pode dizer-se que esse espaço específico (Estados Unidos da América) incorpora-se à extensão do conhecimento geográfico da sociedade valadarenses, torna-se "conhecido", facilitado, mais presente; já não faz parte de um mundo qualquer, ganha contornos definidos nas relações que se estreitam comercialmente. Enfim, os EUA constituem elemento básico do volume mental valadarenses; referência

---

<sup>17</sup> Expressão comumente utilizada pelos brasileiros que têm os EUA como rota emigratória.

geográfica concreta que enseja uma cultura migratória peculiar: o contínuo fluxo de “valadarenses” para o estrangeiro.

Em virtude do fenômeno emigratório, tomado como prática recorrente em Governador Valadares, a cidade adquire, na contemporaneidade, uma nova face. Mas os EUA também são impactados por mudanças, as quais remodelam o território em seus aspectos físicos e estruturais, e também a sociedade, em suas categorias econômicas e culturais. O certo é que toda essa transformação provém da manutenção dos laços entre as duas terras, o que nem sempre é estabelecido fisicamente. De maneira simbólica, o imigrante se apropria da origem e tenta revivê-la, até mesmo, a partir do investimento financeiro que faz na terra-natal, quase sempre efetuado por um intermediário e por meio da moeda dólar<sup>18</sup>. “Os emigrantes valadarenses mantêm estreita relação com a terra de origem; relação que, numa de suas dimensões empíricas, se manifesta pelo contínuo fluxo de moeda (dólar) que chega até a cidade” (SOARES, 1995, p. 25). Essa condensação da subjetividade se manifesta “por meio da compra, da apropriação de territórios vividos na origem, de espaços que, num limite, representam o refúgio/resgate do eu” (SOARES, 1995, p. 25).

No caso de Governador Valadares, seu cotidiano convive com transformações na construção civil, no comércio, nos planos culturais e político e nos eventos linguísticos de seu espaço. Enfim, ocorre uma reestruturação da vida de seus habitantes envolvidos no processo migratório, que, nesse caso, e quase sempre, mostra-se como algo temporário, já que o indivíduo que parte tem também o objetivo de retorno.

O desejo de retorno quase sempre está contido no ato de migrar. Sob uma visão econômica e funcional, a volta indica investimento na terra de origem. É quando a família espera ansiosa a chegada do emigrante, após realizados seus propósitos financeiros na terra de destino. Em geral, tende-se a considerar apenas os sucessos do retornado, descartando fracassos e constrangimentos experienciados no exterior.

Assis (1996, p. 44) ressalta que o projeto de retorno exige do migrante uma vida disciplinada e de muito trabalho no destino. Durante esse período, a princípio, sempre transitório, a saudade é o sentimento que mais o incomoda. Já sobre a volta concreta para a casa, à família e aos diversos seguimentos sociais, a autora diz ser perpassada pela ajuda de parentes e de familiares. Assim, o retornado nunca age sozinho. Caso não se sinta amparado e

---

<sup>18</sup> A materialidade do dólar transforma alguns retornados valadarenses em empreendedores.

recolocado nos eventos interacionais, acaba por se ver frustrado, imerso em um vácuo de dificuldades de readaptação.

O estranhamento, no processo de retorno à origem, diz respeito à estranheza sentida pelo emigrante em relação à vida cotidiana, às pessoas e aos acontecimentos sociais. Isso é comum, já que, na condição imigrante, passa a lidar com um território novo, diferente, afastando-se dos eventos e dos hábitos da terra-natal. Portanto, pode-se afirmar que há confronto entre os valores do Brasil e dos EUA, ambos resultados da ação do tempo sobre os migrantes e sobre as sociedades nas quais eles se inseriram ou inserem-se.

O tempo<sup>19</sup> age invariavelmente em todos os indivíduos, provoca mudanças e modifica as sociedades em suas formas física e cultural. Ele impacta os migrantes retornados, fazendo-os se sentir, por vezes, estrangeiros em sua própria terra (SIQUEIRA, 2009), dados os estranhamentos e os constrangimentos iniciais de inserção. É preciso, nesse sentido, vencer os obstáculos impostos pelo tempo para que o retorno se estabeleça de maneira funcional a cada indivíduo.

Em Governador Valadares, o retorno definitivo de alguns emigrantes, principalmente daqueles que tomaram os EUA como rota a partir da década de 1980, tem se colocado em evidência, devido, principalmente, à nova política de fiscalização das fronteiras e à crise econômica no destino (SIQUEIRA; ASSIS; DIAS, 2010). No entanto, há um grupo específico que escolhe para si uma volta recorrente à origem e ao destino, não se desvinculando, por completo, nem do Brasil nem dos EUA. Na condição de documentados, esses transmigrantes passam temporada no país de imigração e na terra-natal – estando em dois lugares físicos e culturais, simultaneamente. Eles distinguem-se por seu caráter recorrente de ir e vir, o que não permite pôr fim ao processo de emigração.

Os transmigrantes valadarenses entrevistados, nesta pesquisa, simbolizam sucesso de conquistas materiais nos EUA ou, como é colocado pelo senso popular local, são aqueles para os quais o sonho americano se realizou. Eles são empreendedores na origem, são donos de terra, têm bens móveis e imóveis e isso é suficiente para solidificar a representação dos EUA enquanto país de opulência. Além disso, os discursos propagados pelos transmigrantes influenciam, diretamente, a forma como o sujeito (ou o “eu migrante”) é construído ou é representado para si mesmo e para os outros na condição de estar em um ou em outro lugar. Sobre essa representação do eu no espaço estrangeiro, Souza e Biavati (2012), em estudo de

---

<sup>19</sup> No que diz respeito à ação do tempo, inculcada no fenômeno de migração, vale aqui colocar o pensamento de Sayad (2000, p. 14): “Em resumo não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares”.

caso, revelam que a construção identitária do indivíduo em deslocamento por dois territórios nacionais tem muito a ver com sua permanência em um ou em outro território físico. Isso faz com que os costumes, os valores e as práticas sejam específicos para cada espaço geográfico, o que mostra a condição de fragmentação identitária dos indivíduos.

No que pesem as diferenças entre os transmigrantes e os emigrantes indocumentados, que retornam a Governador Valadares principalmente devido à crise internacional, ressaltam-se os vínculos recorrentes estabelecidos entre duas nações, ou o fato de viverem entre duas fronteiras nacionais. Daí ser importante evidenciar o novo contexto discursivo e teórico que surge em torno desse acontecimento, clarificando os termos “território transnacional”, “território de entrelugares” e “transmigrante”, todos tratados no capítulo seguinte.

### 3 TERRITÓRIOS E ATOR TERRITORIAL

#### 3.1 TERRITÓRIO TRANSNACIONAL: ESPAÇO FÍSICO

O território transnacional é o espaço físico, material, mensurável e geográfico, surgido como reflexo da globalização e da transmigração. Nele, o retorno realizado pelo transmigrante não se concretiza como fim do ciclo migratório, mas como algo recorrente, que se perpetua no tempo e no espaço e que indica a capacidade desse indivíduo de atingir dois polos nacionais opostos, em intervalos de tempo diferentes e seguindo objetivos distintos para sua movimentação.

Os estudos da formação do território e do fenômeno transnacional (ou da transmigração) se iniciaram mais recentemente, por volta da década de 1990 (SCHILLER, 1999; LEVITT, NYBERG-SORENSEN, 2004). O pressuposto que envolveu a base dessas perspectivas foi o fato de determinados grupos migratórios não estarem se configurando tão somente como definitivos ou temporários na terra de imigração. Na verdade, eles iam e voltavam com frequência à terra de origem e de destino.

Fala-se de transnacionalização/transmigração para se referir a um processo social a que alguém é/está submetido em um território transnacional. É, pois, um evento experienciado pelo transmigrante, que tem a ver com suas constantes idas e vindas por entre duas fronteiras geográficas. Nesse fenômeno, não se deseja perder os laços<sup>20</sup> nem com o país de imigração nem com o país de origem, o que requer do indivíduo a manutenção de sua vivência e de sua visibilidade social em dois lugares e de seu retorno a uma e a outra nação como algo recorrente.

Assis e Sasaki (2000, p. 16) expõem que “[...] a transnacionalização, mais do que um conceito, significa estar entre dois lugares. Viver esta fragmentação representa para o migrante ter um sentimento ambíguo em relação à terra natal e à de imigração fazendo com que esta nunca se efetive por completo”. Dessa forma, os transmigrantes se veem cindidos em dois territórios geográficos, e a ruptura dos laços entre ambas as nações se torna, para eles, algo de difícil resolução.

---

<sup>20</sup> A tentativa de manter os laços se configura mais por uma questão racional, que traz vantagens ao transmigrante. Assim, a transnacionalização é concreta, material.

Essas conexões têm possibilitado aos imigrantes, durante sua permanência no exterior, deixarem as crianças aos cuidados dos parentes na terra-natal; continuarem participando das decisões familiares; visitarem com certa frequência seus familiares; comprarem imóveis e construir casas e comércios nos seus países de origem, mesmo que tenham comprado casas e montado negócios na terra de destino. (SCHILLER; BASCH; BLANC, 1995, p. 53, tradução minha)

Em uma visão economicista, a transnacionalização/transmigração é uma tentativa teórica de se explicar as fortes ligações econômicas efetuadas pelos transmigrantes entre os países de origem e de destino. Nela, a história da migração é contínua e tem bases capitalistas, e o retorno é parte de um sistema circular de relações e de trocas de capital financeiro, facilitadoras à reintegração do migrante em ambos os territórios. Os retornados preparam sua reintegração e readaptação ao lar através de viagens regulares e periódicas ao seu país de origem, mantendo conexões financeiras que auxiliam os familiares, formando poupanças e realizando investimentos (CASSARINO, 2004). Além disso, a transnacionalização/transmigração pode ser vista como parte do fenômeno de globalização, marcado pelo fim dos Estados-Nação e pelo fortalecimento de cidades-globais, que servem como chave de acúmulo de capital e de comunicação. (SCHILLER; BASCH; BLANC, 1995)

Já em uma visão antropológica, a transnacionalização/transmigração enfoca as formas como as culturas passam a ser vividas e recontextualizadas – dado o contato entre os diferentes atores territoriais de diferentes espaços geográficos – o que, por sua vez, demonstra novas representações sobre as conexões e sobre as noções de tempo e de espaço (SCHILLER; BASCH; BLANC, 1995). Nesse contexto, os transmigrantes criam e sustentam múltiplas relações sociais, que ligam, juntamente, as sociedades de origem e de destino, o local ao global. (FAIST; FAUSER, 2011; LEVITT; NYBERG-SORENSEN, 2004)

Portanto, a nova estrutura transterritorial rompe com as noções de assimilação, centradas no país de destino, e introduz outras perspectivas para se compreender os grupos étnicos, a movimentação entre as fronteiras nacionais e as relações complexas estabelecidas entre esses territórios.

### 3.2 TERRITÓRIO DE ENTRELUGARES: ESPAÇO CULTURAL

O território de entrelugares, nesta pesquisa, indica a construção de um espaço simbólico, formado pela convivência harmônica ou desarmônica das culturas brasileira e estadunidense, e experienciado pelos transmigrantes em sua movimentação pelo território transnacional. Tem a ver com um espaço de troca; por isso, relaciona-se com aspectos do hibridismo cultural.

Bhabha (1994), em *“The Location of Culture”*, garante bases para a definição de território de entrelugares neste estudo. Em conformidade com o teórico, esse espaço é resultado do processo colonialista, no qual diversas culturas nacionais entraram em contato umas com as outras e passaram a dividir seus modos peculiares de agir, de representar e de se identificar.

A partir da experiência de troca cultural, que se torna ainda mais estreita em tempos de globalização, surge um lugar imensurável, imaginado pelos atores territoriais, e dicotômico, já que leva os sujeitos a conviverem com relações híbridas e a sentirem, simultaneamente, pela alteridade, fascínio e medo, encantamento e ameaça. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que os indivíduos aceitam aspectos culturais do Outro, também podem o repudiar, temendo a assimilação definitiva.

O território de entrelugares está contido num território físico, isto é, para existir, precisa de que os indivíduos, de culturas distintas, estejam inseridos em um espaço material. O contato com a alteridade, assim, indica a articulação de diferenças. Segundo Bhabha (1994), a ilustração mais pertinente desse espaço de troca cultural ou do entrelugares ocorre nas fronteiras nacionais, o que implica também a formação de identidades amalgamadas, hifenizadas e ambivalentes. Na verdade, essa estreita relação entre as culturas proporciona aos indivíduos selecionarem e reinventarem costumes, ações e valores em outro espaço, ilustrando o processo de zona de contato e de reformulação de novas formas de ser, de agir e de representar.

No território de entrelugares, a identidade do transmigrante, mesmo sendo resultado de combinação de elementos da terra de origem e da terra de destino, não passa por conflito (CASSARINO, 2004). Ao contrário, ela pode ser considerada como cindida, fragmentada – no sentido de possuir traços específicos para cada território geográfico. O migrante transnacional tem a capacidade de negociar seu lugar na sociedade em que se insere,

assumindo papel social em cada situação. Ele se adapta com mais facilidade às mudanças, justamente pelo fato de sempre se manter em trânsito e em contato com familiares e amigos, seja local, seja globalmente.

Retornando à formação do entrelugares, Sayad (2000, p. 19) revela que os processos migratórios, em si, “[...] introduzem práticas suscetíveis de perturbar a homogeneidade cultural do grupo e prejudicar sua autenticidade fundadora”. No caso específico da transmigração, os transmigrantes se tornam “homens do entre-dois – entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades, etc. – são também, e principalmente, homens entre-duas-maneyras-de-ser ou entre-duas-culturas”. Portanto, o contato com a diferença, com a nação cultural distinta, permite ao indivíduo se situar em um mundo dividido, ou no entrelugares cultural.

Compactuando com Sayad (2000), Marcus (2009), em seu artigo “*(Re)creating places and spaces in two countries: Brazilian transnational migration processes*”<sup>21</sup>, caracteriza o território de entrelugares a partir da reconstrução cultural ou da transposição de elementos culturais, que permutam do Brasil para os EUA e/ou dos EUA para o Brasil e passam a conviver com outros, próprios do país de instalação. Em conformidade com esse autor, os brasileiros recriam o território nacional quando estão nos EUA e também, em alguns momentos, recriam o território estadunidense quando estão no Brasil, promovendo um convívio entre-culturas e demonstrando que elas se influenciam, misturam-se e criam novas formas culturais.

Para o transmigrante, o estrangeiro, ao mesmo tempo, indica-lhe algo apreciável e algo assustador (BHABHA, 1994). Ele reconhece as singularidades do país de destino e teme uma possível aculturação, o que garantiria perda de identidade ou de genuinidade brasileira. Assim, considera pertinente conviver com as diferenças tanto de um território quanto de outro, em um espaço dicotômico, pois, satisfaz a si mesmo apenas nos dois espaços<sup>22</sup>, de acordo com as condições impostas ou escolhidas por si. Daí se dizer que o entrelugares se relaciona mais com uma atitude individual na constituição da identidade do transmigrante.

A transnacionalização/transmigração se relaciona ao entrelugares nos casos em que os objetivos propostos para efetuar o trânsito migratório são acompanhados por um sentimento ambíguo e recorrente, de saudade da terra-natal e de desejo de permanência no exterior. Dessa

---

<sup>21</sup> Tradução: “Recriando lugares e espaços em dois países: processo brasileiro de migração transnacional”.

<sup>22</sup> A possibilidade de se manter em tráfego entre uma e outra nação só acontece devido ao aspecto documentado do transmigrante. Portanto, não vem de uma mera vontade ou escolha pessoal, mas de fatores externos, como a posse de visto permanente ou temporário concedido pelo Consulado dos Estados Unidos da América.

forma, os transmigrantes tanto apreciam o mundo estrangeiro quanto valorizam seu universo nacional, e vivem entre a vontade de ficar e de voltar, o que não lhes permitem efetivar o retorno.

### 3.3 CONCEITUAÇÃO TEÓRICA DE TERRITÓRIO

Dos dois territórios abordados nesta pesquisa, um denota materialidade, através do conceito de “território transnacional”, e outro, tem sentido idealista, através da acepção de “entrelugares”.

Haesbaert (2005a), sobre o termo “território”, expõe que ele assume posturas geográfica ou funcional e simbólica ou cultural. Essa mistura advém tanto da dominação quanto da apropriação, dependendo da forma adotada pelo indivíduo para se relacionar com o espaço. A própria etimologia da palavra “território” evoca essa dupla semântica: ou de algo físico ou de algo expressivo.

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta denominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. (HAESBAERT, 2005a, p. 6774, grifos do autor)

Mas é Lefebvre (1986 apud HAESBAERT, 2005a, p. 6774-6775) quem melhor explica o significado de apropriação e de dominação: “[...] o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do vivido, do valor de uso; o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca”. Sinteticamente, a apropriação se dá pelo conhecimento e pela representação; e a dominação se faz de maneira física.

O certo é que território, em qualquer de seus significados, sempre inspira poder (RAFFESTIN, 1993). Mas não somente o poder de Estado, poder político. Território é imbuído de poder subjetivo, individual. Assim, os indivíduos e as instituições mantêm relação

de apropriação e de dominação com o território, o que pode ser percebido através de seus discursos.

A fim de marcar uma diferenciação teórica, alguns autores trabalham com significações específicas para os termos “espaço” e “território”. De acordo com Raffestin (1993), por exemplo, o espaço é concreto, preexistente a toda e a qualquer ação humana. Sem a presença dos atores, é apenas matéria-prima. Já o território é o espaço produzido, materializado e projetado, isto é, o espaço que sofreu interferências sociais e culturais. O que faz de um espaço ser um território é a imposição de uma força sobre ele, ou a presença de relações de poder em seu entorno.

Claval (1999) complementa que, na atualidade, há uma tendência em se considerar mais usual o conceito de “território” que de “espaço”. Em conformidade com o autor, o território abarca ações humanas, concretas ou simbólicas, inscritas nos espaços e construídas por técnicas e por discursos.

*As relações que os grupos mantêm com o seu meio não são somente materiais, são também de ordem simbólica, o que os torna reflexivos. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham. (CLAVAI, 1999, p. 11)*

De igual maneira, Tuan (1983) estabelece diferenciações entre “espaço” e “lugar”. Para o autor, o que causa disparidades entre ambas as acepções é o fato de o lugar indicar a relação afetiva, sentimental; as percepções e as valorações do indivíduo sobre o espaço no qual está inserido. Desse modo, o lugar indica segurança; conquista; vinculação. Constantemente, torna-se sinônimo de “porto seguro” e de “lar”. O espaço, por sua vez, não recebe conotação sentimental. É algo concreto, material, sem cargas de valor e sem subjetividade.

Nesta pesquisa, convém ressaltar, não há distinção entre “território”, “espaço” e “lugar”, conforme delineados anteriormente pelos teóricos. Na verdade, todos os termos adquirem a mesma denotação, o que, semanticamente, possibilita semelhança de significado entre eles.

Da existência humana em um determinado território e de sua interação com ele, pode-se falar que nascem as territorialidades. Na perspectiva raffestiniana (1993), a territorialidade tem a ver com o vivido territorial pelos membros de uma coletividade; com o resultado das

atividades humanas estabelecidas no território. Ela “se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas” (RAFFESTIN, 1993, p. 161), isto é, indica sempre relações entre os sujeitos sociais, inseridos em um espaço e um tempo. Dessa forma, admite-se que cada território abarca suas próprias territorialidades, da mesma maneira que cada indivíduo, dependendo de como mantém interação com o espaço, com a sociedade e com a alteridade, instaura seus próprios jeitos de viver cotidianamente ou suas territorialidades.

À territorialidade se podem imprimir noções de pertencimento, construtoras das identidades nacionais. Nesse contexto, as ações dos sujeitos acabam por territorializá-los, concreta e/ou simbolicamente, permitindo o surgimento de especificidades locais (HAESBAERT, 2006) e os imaginários sobre o eu, o Outro e o conjunto de valores e de práticas envolvido nas relações. “O território aparece, deste ponto de vista, como essencial, oferecendo àqueles que o habitam, condições fáceis de intercomunicação e fortes referências simbólicas. Ele constitui uma categoria fundamental de toda estrutura espacial vivida [...]” (CLAVAL, 1999, p. 12).

Enquanto espaço de territorialidades, o território é múltiplo e complexo. Em si, seu conceito deve ser visto em uma condição integradora. Segundo Haesbaert (2006, p. 79), ele é um espaço “[...] híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e ‘idealidade’, numa complexa interação espaço-tempo”. Além disso, “[...] pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, de poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (HAESBAERT, *ibidem*). Vale lembrar que a multiplicidade das relações de poder envolve a multiplicidade de atores que exercem o poder. Isso indica que os territórios se formam de acordo com os sujeitos<sup>23</sup> e com seus objetivos direcionados ao espaço, sejam eles de posseção ou de apropriação.

Na atual conjuntura, é interessante considerar o território não mais como um espaço imóvel, estático. Na verdade, ele supera a aceção de zonal ou do controle de áreas e transforma-se em um território-rede, dos fluxos e das conexões. O elemento da mobilidade, desse modo, faz com que um território se forme no e pelo movimento. (HAESBAERT, 2005a)

O território-rede rememora a fragmentação de espaços ou de espaços descontínuos dentro de uma mesma fronteira física, os quais se comunicam e geram a noção de território enquanto processo ou dinâmica. As experiências humanas sobre o espaço e as diversas

---

<sup>23</sup> Aqui, os sujeitos podem ser instituições, o Estado, empresas ou grupos sociais.

relações de poder estabelecidas nessa conexão dos fluxos fazem com que, cotidianamente, os indivíduos vivam uma multiterritorialidade.

Dentro do contexto de compressão espaço-tempo (HARVEY, 2010) ou de globalização, e da vivência concomitante de diversos territórios, devido ao surgimento de territórios-rede, fala-se dos movimentos de diáspora, os quais, neste estudo, são ilustrados pelo caso da transmigração. O território de diáspora ou da mobilidade espacial é efêmero e frágil. Não diferentemente, estrutura-se nas relações de poder estabelecidas entre os diversos sujeitos, baseando-se em fatores como memória, amizade, solidariedade, parentesco, trabalho, etnia e situações de deslocamento.

Clemente (2005), em análise da perspectiva territorial e dos laços sociais existentes entre as pessoas, que vivem mobilidade no espaço, ratifica que os migrantes (encarados, para a autora, como todos aqueles que migram: (e) imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores transnacionais etc.) vivem o território de movimentação a partir, principalmente, das redes de amizade, dos fluxos e dos momentos de curta e longa duração nos países receptores. Tais territorialidades caminham para a tomada do território enquanto espaço de apropriação, mas, sempre, aliando características do país de origem ao país de destino, formando o entrelugares. Sobre isso, Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006, p. 95) complementam: “O território da diáspora é um território múltiplo, tanto no sentido de coexistirem diferentes formas territoriais justapostas quanto no sentido de serem vivenciados distintos territórios simultaneamente”.

As territorialidades, em trânsito migratório, formam-se também com ou no movimento, indicando uma ligação tanto com a origem (através da memória; simbólica e representativa) quanto com o destino (através de ações cotidianas; físicas e concretas). Elas se compõem de variadas territorialidades ou de multiterritorialidades. Nesta dissertação, o transmigrante se movimenta no território transnacional e vivencia o território de entrelugares através de produção de significados, realizando trocas de costumes, de valores e de práticas. Ele experiencia territorialidades distintas, significando, ou vendo o território significado, de maneira específica para cada nação – dependendo de onde se encontre: na terra de origem ou na terra de destino. O evento de multiterritorialidade se comprova no discurso dos transmigrantes, os quais mudam constantemente seu deslocamento e adaptam também o seu perfil identitário, já que as identidades têm a ver com o contexto em que os indivíduos estão inseridos.

Nessa perspectiva, considera-se que os dizeres dos transmigrantes se constituem, ao mesmo tempo, como sendo marcas de territorialidades, uma vez que demonstram ações

específicas de sujeito para cada território geográfico, e como sendo territórios, pois possuem elementos simbólicos e constitui-se governado pelas relações de poder.

### 3.4 CONEXÃO BRASIL-EUA: TRANSMIGRAÇÃO E TRANSMIGRANTE

A base teórica de conceituação do termo “transmigrante”, nesta dissertação, provém de trabalhos antropológicos desenvolvidos a partir da década de 1990, que localizaram a formação de um grupo peculiar de imigrantes na terra de destino, os quais viviam suas vidas cotidianas dependentes de múltiplas e de constantes interconexões de fronteiras internacionais e que tinham suas identidades sociais configuradas em mais de uma nação. Essas pesquisas passaram a evidenciar tanto a necessidade de se repensar o processo de migração internacional quanto o surgimento de uma nova categoria de migrantes, sem objetivos de permanência definitiva na terra de destino e sem desejos de retorno fixo a terra-natal.

As considerações feitas por Schiller (1999), em especial, sustentam o que aqui se convém chamar de “transmigrante”. Para essa autora, esse migrante é um indivíduo que realiza simultâneas e estreitas relações sociais que ligam suas sociedades de origem e de destino, enfatizando continuidades entre elas e construção e reconstrução de práticas, de costumes e de crenças em ambos os territórios. Em outras palavras, o transmigrante é a pessoa que “[...] migra e ainda mantém ou estabelece relações familiar, econômica, religiosa, política e social entre os países onde ele se move, ou [a pessoa] que forja tais relações na terra-natal e na terra de imigração” (SCHILLER, 1999, p. 96, tradução minha).

Dessa maneira, toma-se o transmigrante como aquele que tem o hábito de permanecer em trânsito espacial entre duas nações – realizando a transmigração –, em intervalo de tempo marcado por diversas justificativas: eventos sociais, familiares, políticos e religiosos. Sendo sujeito dessa ação de movimentar-se, o transmigrante, nesta pesquisa, é considerado como um ator territorial, que tanto domina quanto se apropria (HAESBAERT, 2005a) do território transnacional e do território de entrelugares, experienciando, no Brasil e nos EUA, territorialidades, em sua maioria, conflitantes entre si.

Especificamente sobre o transmigrante valadarense que estabelece vínculos com os EUA, Siqueira (2009) pontua que ele possui, geralmente, vida estabilizada nos dois países. Constrói casa, compra carro; investe e trabalha em ambos os espaços transnacionais. Não

demonstra, na temporada ao Brasil, as dificuldades ou a dureza do trabalho no exterior. Ao contrário, relata as maravilhas estadunidenses com fotos e vídeos. Por tais características peculiares, corresponde a um grupo minoritário – embora muito visível e servindo como referência aos emigrantes em potencial.

Os novos migrantes mantêm vínculos e relações sociais com o seu país, estabelecem uma teia de relações sociais entre os locais de origem e destino. Participam da vida familiar, da comunidade e de outras instituições no seu país, mas também constroem possibilidades de participação no país hospedeiro. Neste sentido, tornam-se transmigrantes, vivem entre dois mundos com hábitos, valores e costumes diferentes, envolvendo assim uma infinidade de relações e conexões entre as duas sociedades, entre o local e o global. Essas conexões tornam-se possíveis apenas em um mundo globalizado. (SIQUEIRA, 2009, p. 49)

As duas temporalidades – período de tempo no Brasil e período de tempo nos EUA – vividas pelo transmigrante, permitem-lhe desfrutar o local e o global, promovendo um fenômeno de casamento com dois lugares, conforme lembra Beck (1999), ao usar o termo “topopoligamia”. De acordo com as pontuações desse autor, infere-se que o transmigrante seja um topopoligâmico à medida que escolhe para si uma vida de mobilidade espacial, a qual se completa tão somente em dois espaços pertencentes a mundos distintos: o Brasil e os EUA. Ainda na perspectiva de Beck (1999), a topopoligamia não diz respeito somente à materialidade, mas também a um valor simbólico, que permite ao indivíduo transnacional se perceber enquanto pessoa que tem a vida influenciada pela globalização e pela mistura de culturas. Suas identidades constantemente se modificam, na tentativa de se adaptarem a essa nova conjuntura do universo glocal.

Alguns transmigrantes, em alguns momentos, interagem no país de destino dentro de comunidades étnicas de seus compatriotas. Esse fato possibilita que eles sejam brasileiros em território estadunidense, não sofrendo processo de aculturação definitiva por parte do estrangeiro. Marcus (2009) e Siqueira (2009) revelam que, nessas comunidades, onde o comércio apresenta produtos típicos do Brasil, o indivíduo pode viver sua brasilidade; resgatar o cheiro e o gosto de sua terra; e deleitar-se com as memórias de sua origem. Além disso, a organização de festas religiosas e de eventos sociais, semelhante aos ocorridos no Brasil, mostra uma representação valorativa da terra de origem, que merece ser transplantada para outro território.

As práticas e os dizeres sobre o Brasil também fortalecem, principalmente dentro das comunidades étnicas nos EUA, o desejo constante de retorno, embora temporário, ao país de origem. Inversamente, quando os transmigrantes estão no Brasil, os dizeres e as lembranças sobre os EUA aguçam a vontade de deslocamento, garantindo a vida no entrelugares. Portanto, o discurso transmigratório é uma importante ferramenta de manutenção dos laços nas duas nações.

Em Governador Valadares, a transmigração começa a se articular enquanto fenômeno representativo. Domingues (2009, p. 13), em pesquisa quantitativa sobre os retornados dos EUA para a cidade local, detectou que, de seu grupo composto por 44 entrevistados, apenas 6,8% estabelecem a conexão entre os dois países, possuindo vida social e rendimentos em ambos os territórios. Além disso, eles mantêm “[...] casa nos dois lugares, desenvolvendo trabalhos temporários ou administrando os negócios inseridos numa economia étnica ou na consolidação de prestação de serviços na área da construção civil e serviços de faxina – *squedule*”.

Ainda para Domingues (2009), é preciso que se atente a esse fato de bipolaridade geográfica, uma vez que os transmigrantes valadarenses formaram, em alguns casos, família nos EUA (incluindo filhos de primeira geração com nacionalidade estadunidense) e ainda mantêm seus familiares no Brasil. Isso garante um retorno frequente do emigrante, que passa parte do ano com aqueles que permanecem no país de imigração, “assumindo seu posto de trabalho, e outra parte na casa que construíram e mantêm em Governador Valadares [...]” (DOMINGUES, 2009, p. 13-14).

Sendo “cidadãos<sup>24</sup> de duas nações”, os transmigrantes estabelecem idas e vindas recorrentes que, por consequência, garantem-lhe uma satisfação pessoal apenas no entrelugares e possibilitam que eles vivenciem o sentimento de duplo pertencimento geográfico. Vivendo a transnacionalização e mantendo interação com outra cultura, eles se mostram um interessante elemento de análise identitária. Como se constroem suas identidades? De que maneira a língua, os valores, os costumes e as práticas influenciam essa construção? Em que medida o viver o entrelugares se torna decisivo para a formação do perfil identitário dos entrevistados em estudo de caso?

---

<sup>24</sup> O termo “cidadão”, nesta pesquisa, diz respeito à condição documentada do transmigrante, que o possibilita, na maioria dos casos, ter duas cidadanias: a brasileira e a norte-americana.

## 4 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

### 4.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O estudo sobre o modo como se representam as identidades do transmigrante no discurso sugere que se atente ao termo “representação”. Partindo do pressuposto de que as identidades são construídas e mostradas através de diferentes formas de representação (WOODWARD, 2006), é conveniente pôr, em relevo, aspectos relativos às representações sociais.

A teoria das representações sociais surgiu na Europa, no final da década de 1960, em um contexto de afirmação da Psicologia Social do conhecimento. Ela tem sua proposta conceitual baseada na apreensão dos fenômenos sociais, cognitivos e psicológicos. Serge Moscovici foi o primeiro pesquisador a introduzir o conceito de “representações sociais” na Psicologia Social<sup>25</sup>. Ele acreditava que o termo possuía fortes ligações com áreas do conhecimento como Sociologia e Antropologia, especialmente com os trabalhos de Durkheim. Em conformidade com esse autor:

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzem o mundo de uma forma significativa. (MOSCOVICI, 2009, p. 46)

Dessa forma, a representação social indica uma imagem; uma significação que o ser humano imprime e toma para si como conhecimento a respeito do Outro, das coisas e dos acontecimentos.

As interações humanas geram representações, isto é, os acontecimentos se mostram psicologicamente representados em cada um dos participantes do contato interpessoal. Tais representações sofrem influência do meio e da cultura e ligam-se aos diferentes processos

---

<sup>25</sup> O conceito de “Psicologia Social”, para Moscovici (2009, p. 8), é “[...] o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo partilham o conhecimento comum, de como eles transformam ideias em práticas – numa palavra, o poder das ideias”.

sociais. Elas interferem o comportamento dos sujeitos, levando-os a encarar a realidade de uma forma e não de outra, dependendo do contexto no qual se inserem. Nesse sentido, não são alimentadas pelo pensamento individual, mas coletivo. É a sociedade quem pensa e quem reverte ideias pessoais em significados conscientes a partir do ponto de vista grupal. Portanto, as representações sempre carregam marcas do local, do tempo e da realidade social dos seres humanos. (MOSCOVICI, 2009)

As representações também podem ser entendidas enquanto fenômenos, pois são passíveis de análise e elucidam os conceitos de mundo que os indivíduos têm acerca dos acontecimentos sociais, os quais, por sua vez, são compartilhados com a coletividade (MOSCOVICI, 2009). Daí a pertinência de se elucidar as representações criadas pelo grupo transmigrante, em estudo de caso, nesta pesquisa, sobre o mundo estrangeiro e nacional e sobre sua experiência de movimentação recorrente entre dois países e duas culturas.

Oliveira e Werba (1998) entendem as representações sociais como a teoria dos saberes populares e do senso comum, norteadas por valores construídos e partilhados socialmente e com o objetivo de construir e de interpretar o real. De acordo com as autoras, as representações subsidiam e orientam como as pessoas agem frente às necessidades e às práticas do cotidiano. Por isso, são flexíveis e modificam-se para atender os anseios do grupo.

Estudar representações sociais é buscar conhecer o modo de como um grupo humano constrói um conjunto de saberes que expressam a identidade de um grupo social, as representações que ele forma sobre uma diversidade de objetos, tanto próximos como remotos, e principalmente o conjunto dos códigos culturais que definem, em cada momento histórico, as regras de uma comunidade. (OLIVEIRA; WERBA, 1998, p. 107)

Os transmigrantes, enquanto grupo, representam a transmigração através de suas experiências de mobilidade entre espaços e entre culturas, ilustrando uma prática comum de ver o universo nacional e internacional de maneiras distintas, mas complementares entre si. As representações desse fato se constroem na coletividade e pela coletividade e, somente nessa condição, significam-se e ganham valor social.

As representações, interna e mentalmente criadas, quase se materializam, pois são produto de ações humanas. Uma vez formadas, “elas adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem, se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2009, p. 41). Nesta pesquisa, a

prática de transmigração, para os transmigrantes entrevistados, representa-se, em seus discursos, no geral, como algo benéfico – tanto que veem suas vidas apenas estabelecendo o movimento espacial. Além disso, a vida no entrelugares permite representar o universo estrangeiro como superior ao universo nacional, mas nada que impeça o total rompimento de vínculos com a terra de origem.

Para Jovchelovitch (2000, p. 65), as representações sociais se articulam “tanto com a vida coletiva de uma sociedade, quanto com os processos de constituição simbólica, nos quais os sujeitos sociais lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar o seu lugar, através de uma identidade social”. Nessa perspectiva, as representações sociais se inserem no espaço público e individual, nos quais os indivíduos desenvolvem identidades, formulam símbolos e convivem com a diferença.

Enquanto simbólicas, as representações sociais se “constroem sobre a capacidade representacional de um sujeito psicológico”, o qual, por sua vez, está colado ao tecido coletivo. Daí ser necessário evidenciar o campo social como totalidade, embebido na “comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 79), o que prova que as representações sociais têm ligação direta com aquilo que é dito pelos sujeitos.

Indiscutivelmente, as representações fazem parte da vida em sociedade. Devido ao seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, “terminam por constituir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana” (SÁ, 1995, p. 26). Investigá-las permite desnudar a forma como os sujeitos sociais se apropriam do mundo, como dão sentido a ele e como produzem saberes consensuais, atravessados pelas relações de poder e de dominação. No campo das migrações internacionais, especificamente da transmigração, as representações sociais sobre o eu e o Outro, sobre o universo nacional e o estrangeiro e sobre o processo de transmigração, acontecem na interação recorrente entre os indivíduos, que vivem cruzando fronteiras geográficas, multiterritorializando-se com frequência. Em muitos casos, essas representações sociais são influenciadas por questões de diferenças entre cultura, língua, valores, costumes e, até mesmo, pelo discurso circulante na mídia, que prescreve significações consensuais e discriminatórias sobre os países, colocando em nível elevado os centrais e reduzindo a força econômica dos periféricos.

As imagens mentais construídas sobre esse processo de mobilidade se tornam, aqui, interessante objeto de pesquisa, uma vez que elas se transformam constantemente e adequam-se ao ambiente social no qual o transmigrante se encontra. Como já abordado, essas

representações sociais são desvendadas a partir do campo linguístico, dando força ao que interessa para a presente pesquisa, as representações discursivas. E ambos, representação social e discurso, são auxiliares à compreensão e à construção de marcas identitárias do entrelugares nos sujeitos aqui abordados em estudo de caso.

#### 4.2 IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS

O sujeito pós-moderno, inserido na globalização, constrói suas identidades, baseando-se nas mudanças de conjuntura, na interação com os outros e no reconhecimento de si mesmo enquanto pessoa e enquanto ser social.

Castells (1999) prevê a conceituação do termo “identidade” a partir de uma representação coletiva, especificamente através da singularização de um povo. Segundo o autor, a identidade é vista, para a coletividade, como fonte de significação. Ela sofre interferências dos processos históricos, geográficos, biológicos, institucionais, memoriais, abstratos (fantasias), religiosos e dos aparatos de poder. Em síntese, para Castells (1999, p. 23-24), a identidade se liga à necessidade de se diferenciar do Outro, o que, conseqüentemente, põe em evidência os conceitos de autoconhecimento e de autoimagem: “[...] quem constrói a identidade, e para quem essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem”.

A identidade de uma nação se baseia na memória de um passado, na recriação de sua história e na reinvenção de sua tradição. Esses elementos permitem que o sujeito se sinta pertencente a um grupo, o qual, por sua vez, situa-se em determinado território e vive distintas realidades: “Vê-se, então, porque os problemas do território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados: a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades” (CLAVAL, 1999, p. 16). Portanto, a construção da identidade assume uma dimensão geográfica. (CLAVAL, 1999)

A adoção de identidades únicas e homogêneas existiu até meados da primeira metade do século XX, na qual os seres humanos eram encarados sob o pressuposto da sociedade de massa. No entanto, a partir desse período, “as transformações associadas à modernidade

libertaram os indivíduos de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p. 25), fazendo surgir a noção de identidades heterogêneas, fluidas e cambiantes, formadas e transformadas continuamente: “[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p. 13).

Compactuando com a ideia de identidades pós-modernas, vistas como efêmeras e mutantes, Bauman (2005, p. 21-22) diz que a identidade se ressignifica para acompanhar as transformações e as readaptações dos indivíduos em sociedade. Ela “[...] só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais”.

Woodward (2006) e Silva (2003) consideram que, no contexto de fluidez, a identidade é fruto de um processo relacional, isto é, do contato entre os diversos grupos de uma comunidade. Enquanto distintos, os indivíduos se identificam pela diferença, que é a partição oposta da identidade. Assim, para os autores, ambos os termos, “identidade” e “diferença”, são inseparáveis. Só existe identidade, porque ela se sustenta na diferença; e só existe diferença, porque ela se apoia na identidade. Além disso, identidade e diferença são produções simbólicas e discursivas, que devem ser constantemente produzidas nas relações culturais e sociais, obedecendo às imposições de poder.

[...] a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. O processo de adiamento e diferenciação linguísticos por meio do qual elas são produzidas está longe, entretanto, de ser simétrico. A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (SILVA, 2003, p. 81)

Nessa perspectiva, as identidades se marcam pelo processo de alteridade, de reconhecimento próprio em ser aquilo que o Outro não é. Esse fato faz com que a diferença seja sustentada pelo processo de exclusão. Sobre isso, Mendes (2002, p. 505) completa:

O indivíduo forma sua identidade não da reprodução pelo idêntico oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização. [...] As identidades são, assim, relacionais e múltiplas, baseadas no reconhecimento por outros atores sociais e na diferenciação, assumindo a interação um papel crucial neste processo.

Woodward (2006) considera que o modo como identidades são vistas e mostradas pelo Outro (que é não identificado, produzido na alteridade) passa pela representação. A linguagem é o meio através do qual os significados são produzidos e trocados. Ela opera como um sistema de representação de pessoas, de ideias e de sentimentos em nível cultural. Constitui-se de elementos como sons, palavras, notas, gestos, expressões, roupas para evocar o mundo e a cultura e transmiti-los à exterioridade. Assim, pode-se dizer que a linguagem é uma prática de criação, de representação e de formação identitária.

A linguagem constrói os lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e a partir dos quais falam (FAIRCLOUGH, 2001a). Pode-se dizer que as pessoas se comportam, pensam e agem segundo seu perfil identitário, sua individualidade. No caso da identidade dos transmigrantes, ela sofre interferência da própria representação que os indivíduos fazem de si e dos países de transmigração e das representações que os outros fazem deles (incluindo, nesse aspecto, representações proferidas também pelas instituições).

Giddens (2002), a partir de uma perspectiva contemporânea, salienta que o processo de globalização, mais que qualquer outro detectado na História, produz uma série de diferentes resultados em termos de identidade.

As transformações na auto-identidade e a globalização, como quero propor, são os dois polos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Em outras palavras, mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude. [...] pela primeira vez na história humana, “eu” e “sociedade” estão inter-relacionados num meio global. (GIDDENS, 2002, p. 36)

As consequências produzidas pelo processo de globalização, especialmente a compressão espaço-tempo, são responsáveis pela divulgação de diversas culturas, que, como em um palco, apresentam suas peculiaridades e mesclam-se a outras. Esse contato, somado à transnacionalização da economia, causa “[...] mudança nos padrões de produção e consumo, as quais por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (WOODWARD, 2006).

Nesse contexto, Woodward (2006) destaca que a cultura está intrinsecamente relacionada à identidade e ao domínio dos símbolos, da linguagem, dos discursos e da representação, pois, por se manter vinculada ao desenvolvimento humano e social, acaba determinando o comportamento dos indivíduos, ou seu perfil identitário. Além disso, como cada cultura é peculiar, as identidades também tendem a ser, ou seja, dependem da forma como cada cultura é encarada.

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há entre os membros de uma sociedade, certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por “cultura”. (WOODWARD, 2006, p. 41)

Os termos “identidade” e “cultura”, nesta pesquisa, relacionam-se, devido ao fato de, especialmente na questão migratória, os indivíduos fundirem os traços de sua cultura nacional, formando novas marcas identitárias, constituindo as chamadas “identidades híbridas”. Portanto, considera-se pertinente a afirmação de Hall (2006, p. 62) de que “as nações modernas são, todas, híbridos culturais” – o que, de igual forma, faz com que os indivíduos sejam também encarados como seres híbridos ou inseridos no hibridismo cultural.

De acordo com Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006), o mundo pós-moderno tende ao hibridismo cultural à medida que os territórios não carregam marcas culturais e identitárias claramente definidas, mas elementos resultantes de um contínuo processo de desenraizamento, de miscigenação e de trocas culturais. Tal combinação de diversificados traços culturais faz com que as identidades sejam impossibilitadas de ter delimitação fixa e com que os indivíduos, em condição diaspórica, negociem diferenças, sendo obrigados “a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas” (HALL, 2003, p. 76).

O processo de construção cultural das identidades ou das identidades híbridas tem a ver com a marcação da diferença, isto é, da alteridade, que faz com que o Outro seja visto enquanto indivíduo distinto. Para Woodward (2006), a diferença ora exclui, ora aproxima. Ela “[...] pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidos como ‘outros’ ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de heterogeneidade e hibridismo, sendo visto como enriquecedora”

(WOODWARD, 2006, p. 50). Essa dupla categorização, de excluir e de incluir indivíduos pertencentes a outras formas culturais, faz com que as identidades, inseridas em movimento migratório, mostrem-se interessantes fontes de estudo. Assim, nesta pesquisa, investigar a construção do ser e do tornar-se transmigrante, envolve o hibridismo de práticas, de costumes e de valores mencionados discursivamente.

#### **4.2.1 As identidades dos sujeitos em movimento migratório**

A migração internacional contemporânea, resultado do processo de globalização, mostra-se como um relevante objeto de análise, uma vez que, justificada, em sua maioria, por um fator econômico, conecta povos e produz identidades plurais.

Na sociedade de destino, o imigrante passa a conviver com um universo totalmente distinto daquele de sua origem. Há estranhamento em relação aos costumes, ao trabalho, ao lazer. Para a maioria, no entanto, a grande dificuldade enfrentada ocorre primeiramente em relação à língua, à decodificação, à interpretação e à interação linguística. Vive-se, por vezes, uma rotina angustiante, em silêncio, privada e com limites. Até que se alcance certa habilidade com o idioma estrangeiro, não há como se aproximar do Outro, o qual passa a ser visto como diferente e superior.

Nesta dissertação, destaca-se a análise identitária de um grupo migrante que já superou as primeiras limitações e os estranhamentos do país estrangeiro. O transmigrante, indivíduo acostumado<sup>26</sup> ao ambiente internacional e que vive nos territórios transnacional e de entrelugares, coloca-se em recorrentes ir e vir, mudando, por vezes, sua identidade, na condição de trabalhador ou de homem que interage social e discursivamente, a partir do processo de multiterritorialidade.

A nova identidade territorial que se constrói, está ligada a um conjunto de espaços dispersos, descontínuos, conectados em rede através do mundo. Mas não é exatamente uma identidade global (no sentido de sua universalidade), pois fica restrita a esse conjunto muito seletivo de espaços em que se dá a reprodução de grupos

---

<sup>26</sup> O transmigrante é acostumado ao ambiente internacional, principalmente, porque efetua o trânsito migratório no território transnacional há anos. Dessa forma, acredita-se que ele toma o país estrangeiro como algo comum à vida, sem tamanhos estranhamentos – caso comparado ao imigrante que chega, pela primeira vez, à terra de destino.

sob a mesma origem étnica e com interesses socioeconômicos semelhantes. (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 98)

Woodward (2006, p. 22), ao dissertar sobre as identidades dos indivíduos em movimento migratório, afirma que elas são “moldadas e estabelecidas em diferentes lugares e por diferentes lugares”. Tal diferenciação entre o sentido dos conectores em/por faz com que elas sejam, simultaneamente, desestabilizadas e desestabilizadoras, não diferentemente, híbridas.

Especificamente sobre a identidade transmigrante, Castro (1997) admite que ela se transforma no processo de constantes desterritorializações. Nesse eixo, segundo a autora, pode-se falar de trans-identidades, regidas por influência do hibridismo cultural. O recorrente movimento de ir e vir das pessoas proporciona construções culturais entre as nações, e a formação de aparatos, de artefatos e de armaduras que lidam com situações de poder, de assimetrias e de discriminações.

Nessa mesma linha de pensamento, Canclini (2000) fala sobre desterritorialização cultural para os indivíduos que vivem em mobilidade de espaço. Para esse teórico, o mundo estaria, culturalmente, desterritorializando-se, e não haveria identidades claramente definidas, pertencentes a fronteiras nacionais com as quais alguém pode se identificar. A associação do hibridismo com desterritorialização reside no fato de que não é possível, aos indivíduos, reterritorializarem-se no hibridismo. Há, pois, a formação de novos territórios, múltiplos, a partir da interação com os elementos amalgamados.

A construção do perfil identitário transmigrante, nesta pesquisa, apoia-se no pressuposto discursivo de que, como consequência da pós-modernidade, os seres humanos não sabem mais o que são – enquanto indivíduos intocáveis e genuínos – já que convivem, mesmo sem vontade própria (ou sem consciência desse processo), com o hibridismo. Por isso, as formas de se comunicar e o deslocamento recorrente lhes multiplicam novas ancoragens e pontos de referência identitária, revelando o caráter hifenizado, múltiplo, fluido e ressignificado de se representarem para a alteridade.

## 5 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

### 5.1 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A Análise de Discurso Crítica<sup>27</sup> (ADC) é uma vertente, ou abordagem teórico-metodológica, que introduz a criticidade na análise de textos, correspondendo a um trabalho mais dedicado e aprofundado do analista ao tratar a linguagem. Nela, há uma preocupação em abordar estudos voltados à mudança social e aos efeitos dessa transformação nos discursos, o que constitui um ramo de estudos orientados para a linguagem. Norman Fairclough é seu representante significativo e aqui é tomado como referência para o desenvolvimento da análise do discurso transmigrante.

A ADC pode ser considerada uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar, uma vez que transita em outras áreas do conhecimento para resgatar elementos bases de sua sustentação. Das teorias bakhtinianas, por exemplo, apreende que a linguagem é interação e um modo de produção social, uma vez que provém de várias vozes articuladas na realidade social. Já de Foucault, capta a noção de poder presente nas práticas discursivas, e a visão de que a linguagem constitui o social, os sujeitos e os objetos.

Essa noção de várias vozes, que se articulam e debatem na interação, é crucial para a abordagem da *linguagem como espaço de luta hegemônica*, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes, por exemplo, e articulá-las de determinadas maneiras num conjunto de outras possibilidades. (RESENDE; RAMALHO, 2001, p. 20, grifos das autoras)

Analistas de discurso crítico, assim como Fairclough, afirmam que o olhar estruturalista ou autônomo sobre a linguagem não é suficiente a seu tratamento analítico, uma vez que há tendência de se trabalhar com o texto distanciado de um modo social e das

---

<sup>27</sup> A ADC também pode ser evidenciada como ACD (Análise Crítica do Discurso). No presente trabalho, ambas as expressões são aceitas para designar essa vertente de estudos.

relações existentes entre língua, poder<sup>28</sup> e ideologias. Para tanto, é sempre viável relacionar as construções linguísticas a determinada conjuntura espaço-temporal e encará-las como um domínio em que valores, práticas, identidades e concepções naturalizadas na linguagem podem ser contestadas e ou reafirmadas nos discursos. A adoção da ADC enquanto método de análise permite que as relações entre as mudanças discursivas, sociais e culturais percam sua opacidade nos textos e façam-se mais transparentes para as pessoas envolvidas nesse processo.

Por análise "crítica" do discurso quero dizer análise do discurso que visa a explorar sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade e determinação entre (a) práticas discursivas, eventos e textos, e (b) estruturas sociais e culturais, relações e processos mais amplos; a investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas; e a explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade é ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia. (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 35)

Fairclough (2001a, p. 24) sugere que “as mudanças no uso linguístico são uma parte importante de mudanças sociais e culturais mais amplas”. Dentro do contexto da ADC, isso indica o caráter dialético da linguagem, pois mostra sua interconexão com outras facetas do social (ou do contexto social) e revela seu funcionamento social. Já dentro do contexto migratório, essa mudança caracteriza a mistura cultural, a flexibilidade, o rompimento de visões unilaterais sobre os seres humanos e o modo como eles povoam, dominam e complementam o território.

Em conformidade com Fairclough (2001a), é imprescindível apreender o conceito do termo “discurso” na ADC, principalmente, porque ele recebe várias significações, conflitantes e sobrepostas, que dependem de diferentes perspectivas teóricas e disciplinares. A acepção mais pertinente, na visão de Fairclough (2001a, p. 91), entende “discurso” como sendo “[...] o uso de linguagem como forma de prática social”, isto é, “um modo de ação socialmente e historicamente situado numa relação dialética com outras facetas do social (seu “contexto social”)” (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 33). O discurso não apenas representa o mundo, mas lhe dá significação. Constitui e constrói a realidade em sentidos, agindo sobre tudo e sobre todos (logo, discurso e sociedade possuem relação dialética). Além disso, ele “contribui para a

---

<sup>28</sup> Nos discursos, o poder se manifesta pela persuasão. Sobre isso, Citelli (2002, p. 6) coloca: “[...] o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo”.

constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 91).

Partindo da tensão entre os dois usos da linguagem (constituição e construção), um dos aspectos centrais da ADC é relacionar linguagem e sociedade como algo intrínseco e de mão dupla. Os textos são resultantes da estruturação social e potencialmente transformadores dessa estruturação, da mesma forma que os acontecimentos sociais são resultado e substrato das estruturas sociais. Por isso, o uso da linguagem verbal serve para comunicar, representar e construir.

O princípio dialético da linguagem, como já ratificado, expõe que o discurso é tanto constitutivo quanto construtivo, ou, em outras palavras, é formado socialmente e forma socialmente (FAIRCLOUGH, 2001a). É constitutivo, porque se compõe de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimento e de crença. Além disso, de maneira convencional e criativa, contribui para reproduzir a sociedade e para transformá-la. O discurso é construtivo, porque, além de ser formado por identidades sociais, por relações sociais e por sistemas de conhecimento e de crença, também contribui para a formação de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimento e crença. Esses três efeitos destacam, por sua vez, as funcionalidades da linguagem e as dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo e em qualquer discurso. Daí se falar em funções identitária, relacional e ideacional. A função identitária revela os modos através dos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso; já a função relacional demonstra como os participantes do discurso representam e negociam as relações sociais; a função ideacional, por sua vez, indica a forma como os textos significam o mundo e as entidades, seus processos e suas interações.

O entrecruzamento dessas três áreas (identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e de crença) pode ser trabalhado com a visão sociosemiótica da linguagem em análise textualmente orientada, por meio da teoria sistêmica da linguagem, proposta por Halliday (1978), que considera a linguagem enquanto multifuncional, capaz, simultaneamente, de formar as identidades sociais, de ordenar as relações sociais e de representar a realidade. Vale lembrar que Halliday agrupa as funções da identidade e a relacional, já citadas, como sendo a função interpessoal da linguagem.

Fairclough (2001a) ressalta que o efeito construtivo do discurso não se mostra aparente aos participantes do discurso. Ele se molda por ideologias e por relações de poder, de

dominação e de resistência institucionalmente constituídas. Portanto, não há imparcialidade no discurso. Ele sempre é criado por alguém, para alguém e com algum intuito. Quem se comunica sempre interage com o Outro, em determinado momento histórico e com alguma finalidade. No caso do objeto de estudo desta pesquisa, o transmigrante é o sujeito que interage com a população do país de destino e com o universo nacional e internacional a sua volta. Por um lado, seu discurso se insere na conjuntura contemporânea, de globalização, em que, geralmente, a transmigração tem fins de conquista financeira. Nesse ir e vir recorrentes, convive com a adversidade, sentindo-se confortável para lidar com todo esse contexto do diferente: língua, costumes, práticas e valores – o que se justifica por sua adaptação à prática de transmigrar. Por outro lado, pode-se considerar que o discurso do transmigrante se liga aos discursos ideológicos, os quais demonstram, na maioria dos casos, as relações dissimétricas de poder entre o indivíduo do país de destino e o imigrante. Nos EUA, o transmigrante valadarense, mesmo quando possui documento que formaliza sua cidadania norte-americana, não se autodenomina como sendo igual (em direitos) ao nativo. Ele próprio se representa como o diferente, que necessita ir ao país do Outro para suprir suas necessidades financeiras e de sobrevivência.

A esse respeito, cabe lembrar o que observa Orlandi (2001, p. 32), em uma perspectiva francesa sobre os estudos discursivos, mas bastante oportuna:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. [...] O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.

Sobre a ideologia, Fairclough (2001a) admite que ela pode estar acomodada nos discursos, interpelando-os; trazendo implicações à construção do cotidiano social e consequências para a realidade social. Esse autor (ibidem, p. 117) compreende as ideologias como sendo “[...] significações/construções da realidade [...], que são edificadas nas várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas, e que contribuem para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação”. Portanto, o uso da linguagem e de

outras formas simbólicas pode receber caráter ideológico, servindo para criar ou para manter relações de dominação.

Em outras palavras, a visão de Fairclough (2001a) comporta que nem todas as práticas discursivas são investidas ideologicamente. Isso só ocorre “à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 121). O autor acredita que as ideologias aparecem na sociedade para marcar relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural etc., e, quando os indivíduos traspõem essas sociedades, transcendem também as ideologias. Daí, são impertinentes as considerações de ideologia enquanto um cimento social, atrelada à formação das sociedades, e de todo discurso, irremediavelmente, enquanto ideológico ou ideológico em mesmo grau – caso comparado a outros.

Ressalta-se, nesse ponto da discussão, que a ideologia depende diretamente da interpretação que determinado consumidor do texto realiza sobre ele. “Embora seja verdade que as formas e o conteúdo dos textos trazem o carimbo (são traços) dos processos e das estruturas ideológicas, não é possível ler as ideologias no texto” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 118). Assim, nem todo texto pode possuir conteúdo ideológico e de dominação, pois o leitor/interlocutor, em alguns casos, não se atenta a isso ou não se sente afetado por isso. A compreensão de um texto passa pelo sentido que se atribui a ele, e todos os textos estão abertos a diversas interpretações.

A transformação da ideologia em senso comum, de acordo com Fairclough (2001a) passa pelo fato de que as pessoas interagem linguisticamente e dentro de contextos específicos, criando significados diversos aos textos, os quais, por sua vez, naturalizam-se com aspectos de verdade. Daí se falar que a ideologia é resultado de eventos passados e condição para eventos correntes.

Na ADC, a visão sócio-histórica e seu aspecto crítico possibilitam encarar a ideologia não como um conjunto de ideias simples e puro, mas como algo que pode constituir a linguagem e nela ser constituído, de maneira sutil. Os aspectos do exercício do poder se apagam na ideologia e articulam-se nas estruturas sociais, determinando a construção e a veiculação de um senso comum e alimentando as práticas de dominação na sociedade. (BIAVATI, 2001)

## 5.2 OS TRABALHOS DE FAIRCLOUGH

Fairclough desenvolveu vários trabalhos em ADC. Nesta dissertação, ressaltam-se: “Linguagem e poder” (1989); “Discurso e mudança social” (2001a); “Analisando discurso” (2003); e “Linguagem e Globalização” (2006). Além disso, destaca-se “Discurso na modernidade tardia” (1999), obra com autoria de Fairclough e Chouliaraki.

Em “Linguagem e poder” e em “Discurso e mudança social”, Fairclough coloca a linguagem como forma de prática social que pode estar investida de poder e de ideologia. Como já dito, nas relações humanas, detecta-se, mesmo que ocultamente, a luta pelo poder. Partindo desse acontecimento – e principalmente da presença velada do poder nas interações entre os indivíduos –, há uma tendência em tornar os discursos consensuais, que, por sua vez, instauram, sustentam e transformam tais relações assimétricas. Sobre essa visão teórico-metodológica, Fairclough (2001a) afirma que a ADC é capaz de desvelar a opacidade que obscurece práticas e relações de poder e de dominação, minimizando os dizeres hegemônicos da conjuntura pós-moderna.

Sobre a hegemonia, Fairclough (2001a) pontua que ela tem a ver com liderança e com dominação nos planos econômicos, políticos, culturais e ideológicos de uma sociedade. Mostra-se como um “[...] poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em alianças com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 122). A hegemonia se perfaz de uma luta constante de pontos de maior instabilidade entre classes, na tentativa de manter, construir ou romper alianças e estruturas de dominação ou de subordinação. Desse modo, considera-se que a luta pelo poder é uma luta hegemônica, que, aliás, é uma luta de instituições da sociedade civil (família, educação, sindicatos etc.).

Nos discursos, a hegemonia se concretiza através do embate entre as diversas ordens do discurso, que revelam práticas discursivas “em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente [...], mas também das relações sociais e assimétricas existentes” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 123-124). A maior parte dos discursos, pois, sustenta-se em uma luta hegemônica de instituições particulares, por diversas vezes, repassados de investimento ideológico.

Do livro “Discurso e mudança social” (FAIRCLOUGH, 2001a), também é pertinente ressaltar a observação de Fairclough sobre as três mudanças discursivas que vêm afetando a ordem dos discursos sociais, todas relacionadas a mudanças culturais: a) democratização: noção de rompimento de barreiras discursivas assimétricas, no que diz respeito ao uso do poder, o que configura o discurso acessível a todos os indivíduos; b) comodificação: o discurso visto como elemento de vendagem, voltado ao mercado capitalista; demonstrando relações cômodas; c) tecnologização: o discurso contendo técnicas discursivas que remetem às novas tecnologias sociais e indicam o movimento do discurso mais informalizado, principalmente na reestruturação do léxico ou de nominalizações.

Na obra “Discurso e modernidade tardia”, Fairclough e Chouliaraki (1999) sugerem uma aproximação maior entre Linguística e Ciências Sociais. Assim, em uma análise discursiva contemporânea, é necessário situar o discurso na conjuntura de reflexividade e de modernidade tardia, revelando aspectos estruturais, interacionais, interdiscursivos, semióticos e linguísticos nos textos. Além disso, cabe dar importância às noções de globalização, de identidade e diferença, de colonização e de assujeitamento, pois todas interferem aquilo que se diz. O objetivo é refletir sobre as mudanças sociais na atualidade, ocorridas em larga escala, e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social. Desse modo, a contribuição dessa obra é o fato de considerar os discursos como parte de problemas sociais, atravessados por contextos, por elementos que impedem a resolução de tais problemas e o percurso para a resolução.

“Linguagem e globalização”, de Fairclough (2006), aparece como uma leitura mais estreita do fenômeno da globalização sobre os discursos. Nessa obra, atenta-se ao fato de o analista do discurso saber diferenciar o real processo de globalização dos discursos de globalização, uma vez que existem distintas vozes responsáveis pela divulgação (pessimista ou otimista) discursiva desse evento. O analista acadêmico, as agências governamentais, as agências não-governamentais, a mídia e a população em geral, por exemplo, ilustram que o lugar social modifica a forma de representação do fenômeno. Ainda nessa obra, Fairclough destaca que existem, na contemporaneidade, discursos globalistas, que direcionam as estratégias do neoliberalismo como determinantes ao processo de globalização. De acordo com esse autor, os discursos que sustentam os discursos globalistas são: “a globalização é uma integração dos mercados”; “a globalização é inevitável e irreversível”; “ninguém é encarregado de promover globalização”; “a globalização beneficia todos”; “a globalização promove a extensão da democracia no mundo”; “a globalização promove a guerra e o terror”.

Na verdade, devem-se desconstruir esses discursos, uma vez que não são válidos para todos os contextos.

A obra “Analisando discurso”, de Fairclough (2003), no contexto desta dissertação, tem uma significativa importância, uma vez que propõe trabalhar com uma análise discursiva embasada em três significados: acional, representacional e identificacional. Para expor sua relevância, a próxima seção caracteriza esses conceitos, demonstrando a função de cada um deles.

### 5.3 OS SIGNIFICADOS ACIONAL, REPRESENTACIONAL E IDENTIFICACIONAL E A LINGUÍSTICA SISTÊMICA FUNCIONAL

Conforme Fairclough (2001a), os discursos possuem duas orientações<sup>29</sup>: social e linguística. A primeira, já discutida anteriormente, ressalta a relação entre discurso e sociedade, especialmente na sua interação com as noções de hegemonia e de ideologia. A segunda, que será trabalhada a partir de agora, indica a interação entre discurso e linguagem, especialmente voltada ao trabalho com a análise textualmente orientada, com base nos pressupostos da Linguística Sistêmica Funcional (LSF), ou paradigma funcionalista, propostos por Halliday (1978).

A ADC se coaduna com o funcionalismo, porque julga a linguagem enquanto um objeto não suficiente em si. Nessa perspectiva, depende de fatores externos, isto é, a linguagem tem funções externas aos sistemas – parte central dos estudos linguístico-discursivos, ou dos chamados aspectos sociossemióticos, que compõem o material analítico. Essa relação entre as formas e as funções da linguagem e a visão de que o discurso é linguagem em uso permitem que o modelo funcionalista seja mais abrangente e, portanto, mais adequado e aplicável aos estudos discursivos.

Para analistas de discurso, somente o conceito funcionalista de discurso é aplicável, uma vez que o foco de interesse não é apenas a interioridade dos sistemas linguísticos, mas, sobretudo, a investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação,

---

<sup>29</sup> Essa divisão é feita para fins de clareza, sendo impossível, muitas vezes, separá-las em uma análise discursiva.

reafirmação e contestação de hegemonias no discurso. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 13)

Os estudos funcionalistas, além de compreenderem os princípios básicos relacionados ao uso da linguagem, evidenciam a relação existente entre linguagem e sociedade, investigando a interface entre as funções e o sistema interno das línguas. Os textos são, ao mesmo tempo, estruturados no sistema e inovadores do sistema, abrindo-se a mudanças sociais e a mudanças sociolinguísticas. Portanto, fala-se de funções sociais da linguagem, em que a análise de um texto é sempre uma análise de sua forma e de seu significado.

Esta pesquisa adota de Halliday (1978) sua teoria funcional – o que aqui se faz também pela perspectiva de Fairclough (2001a; 2001b) e principalmente através de Fairclough (2003), quando recontextualiza a LSF e os fundamentos hallidianos –, focalizando os elementos linguísticos, sua configuração e seu sentido nos fragmentos de textos retirados das entrevistas com os transmigrante. Halliday (1978) propõe o texto como constituído por três macrofunções<sup>30</sup>, que atuam simultaneamente e que indicam que todo enunciado é multifuncional em sua totalidade: a) ideacional: representação simbólica e significação da realidade humana através da língua, a qual contribui para a construção dos sistemas de conhecimentos e de crenças; b) interpessoal: uso da língua nas interações sociais e pessoais, constituindo a identidade dos participantes e as relações entre eles; c) textual: aspectos gramaticais constituintes do evento linguístico, que dizem respeito à maneira como as informações são organizadas e relacionadas no texto, isto é, a distribuição das informações. Assim, as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações, que são também escolhas sobre o significado.

Partindo dessa consideração, Fairclough (2003) inova os estudos da linguagem e amplia o diálogo teórico entre a ADC e a LSF. Esse autor articula as macrofunções de Halliday (1978) aos conceitos de gênero, de discurso e de estilo, os quais o levam a estabelecer três significados para a linguagem – ao invés de funções –: a) acional, ligado a gêneros; b) representacional, ligado a discursos; e c) identificacional, ligado a estilos. Os três, respectivamente, têm a ver com: modos de agir, modos de representar e modos de ser.

---

<sup>30</sup> Fairclough (2001a) também considera a existência das três macrofunções da linguagem. No entanto, ele faz uma releitura de Halliday (1978) e sugere que haja cisão da função interpessoal em duas: função identitária e função relacional. Assim, destacam-se, em conformidade com Fairclough (2001a), as funções: ideacional, identitária, relacional e textual.

Fairclough (2003) admite que os três significados mantêm a ideia de macrofunções de Halliday (1978), pois eles atuam, assim como ocorre na LSF, simultaneamente, em todo enunciado. Essa consideração observa que, o discurso, ou evento discurso, figura de três maneiras básicas como parte de práticas sociais, unindo o texto aos elementos da sociedade. Por isso, a análise da prática social é também uma análise desses três significados. Nessa perspectiva, Resende e Ramalho (2006, p. 61) pontuam:

A análise discursiva é um nível intermediário entre o texto em si e seu contexto social — eventos, práticas, estruturas. Então, a análise de discurso deve ser simultaneamente à análise de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos dos textos e da conexão entre o evento social e práticas sociais, verificando-se quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados nos textos.

O significado acional<sup>31</sup> engloba o texto como forma de interação social e aproxima-se da função relacional (FAIRCLOUGH, 2001a) ou interpessoal (HALLIDAY, 1978), pois as ações legitimam ou questionam relações sociais. O significado representacional representa os aspectos do mundo (físico, mental e social) nos textos e aproxima-se da função ideacional (HALLIDAY, 1978; FAIRCLOUGH, 2001a). O significado identificacional se refere à construção identitária a partir dos discursos, o que se aproxima da função identitária (FAIRCLOUGH, 2001a) ou interpessoal (HALLIDAY, 1978). A gravura abaixo ilustra essa ocorrência, mostrando como Fairclough (2003) chegou à construção dos três significados, partindo de Halliday (1978) e de suas próprias considerações em Fairclough (2001a):

<b>LSF (Halliday, 1978)</b>	<b>FAIRCLOUGH (2001a)</b>	<b>FAIRCLOUGH (2003)</b>
Função ideacional →	Função ideacional →	Significado representacional
Função interpessoal →	Função identitária e Função relacional →	Significado identificacional
Função textual →	Função textual →	Significado acional

Quadro 1 – Recontextualização da LSF na ADC

<sup>31</sup> Nesse caso, Fairclough (2003) considera a função textual da linguagem, postulada por Halliday (1978), como incorporada ao significado acional.

As correspondências entre ação e gênero; representação e discurso; e identificação e estilos, propostas por Fairclough (2003), mostram que há relação entre a análise linguística e seu contexto social. Desse modo, um evento discursivo é um intermediário nessa ocorrência, uma vez que ele mostra quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados nos textos. “Gêneros, discursos e estilos ligam o texto a outros elementos da esfera social – as relações internas do texto a suas relações externas –, por isso a operacionalização desses conceitos mantém o cerne do pensamento de Halliday” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 61).

No caso deste estudo, os temas sobre transmigração, identidade e representação do/sobre o transmigrante no universo transnacional e de entrelugares são objetos de reflexão. Eles destacam o significado acional do denominado gênero entrevista e o modo de representação (pela percepção do significado representacional) de valores envolvidos na transmigração, como uma maneira de inferir a forma por meio da qual as identidades (pela percepção do significado identificacional) e o mundo exterior e nacional são ilustrados pelos sujeitos que vivem em constante mobilidade no espaço. Isso tem a ver com a pergunta de pesquisa: “Como são construídas as identidades dos transmigrantes e como são relatadas, no plano discursivo, as condições de sua constante readaptação?”. O texto, em suas categorias propriamente textuais, gramaticais e de estilo, sustenta o discurso transmigrante e permite constantes mudanças na construção de suas identidades.

Ainda nesta dissertação, o aprimoramento das macrofunções da linguagem (HALLIDAY, 1978; FAIRCLOUGH, 2001a), que se transforma em significados da linguagem (FAIRCLOUGH, 2003), pode ser percebido através de uma série de interpretações, que, em sua forma geral, engloba:

- a) enquanto significado acional: a abordagem do gênero entrevista, que marca uma perspectiva individual do transmigrante a respeito de si mesmo e do universo nacional e estrangeiro a sua volta. A personalidade e a visão particular de cada entrevistado, característica do gênero, permitem inferir de que forma o indivíduo age nas práticas de trabalho e de transmigração e mediante os costumes estabelecidos, em sua maioria, para uma e outra nação. A entrevista de caráter semiestruturado deixa o entrevistado à vontade para falar de suas experiências, assim, conforme Fairclough (2003), o gênero orienta aquilo que se pode falar e aquilo que se deve falar. Além disso, o significado acional, nesta pesquisa, resgata

as pressuposições, ou aquilo que não é dito, mas é tomado como dado (FAIRCLOUGH, 2003), a partir, principalmente, das diferentes vozes que podem vir a incidir nos relatos (quem fala, sobre quem se fala). Isso lança luz sobre questões de hegemonia no uso da linguagem.

- b) enquanto significado representacional: a abordagem do discurso do entrevistado como um modo de sua representação sobre si mesmo e sobre o Outro, sobre a língua materna e a segunda língua e sobre os territórios transnacional e de entrelugares. Nesse sentido, considera-se que os diferentes dizeres do transmigrante possuem diferentes perspectivas de mundo, associadas a diferentes relações estabelecidas entre o Brasil e os EUA e que dependem da posição social desse indivíduo e das relações mantidas por ele tanto na terra de destino quanto na terra de origem. O significado representacional é relevante nesta pesquisa por demonstrar, particularmente, a forma como dois lugares são representados para o indivíduo transmigrante, o qual, por sua vez, cria e experiencia uma vida dividida, fragmentada, mas que só se sustenta e complementa-se nessa duplicidade de movimentação espacial. Desse modo, as representações podem demonstrar dominação, competição e cooperação entre o Brasil e os EUA.
- c) enquanto significado identificacional: a abordagem do estilo, detectado através daquilo que se diz (modos de agir e modos de representar) e da interação dos sujeitos sociais, contribui para a formação das identidades dos transmigrantes e revela-se um recurso utilizado por eles para deixar à mostra aquilo que consideram ser – mediante o próprio olhar e o olhar do Outro. No caso dos entrevistados, as maneiras como eles se representam e representam suas identidades, o que se dá pela linguagem, indicam seus posicionamentos ideológicos em relação a suas atividades, de ambos os territórios geográficos, e em relação a eles mesmos – na condição de seres que se inserem na sociedade de origem e de destino, como trabalhadores e como cidadãos do mundo. Dentro do significado identificacional e na visão dos estudos culturais, torna-se interessante ressaltar a distinção entre os termos “identidade” e “diferença”, presentes nos relatos dos transmigrantes, como uma forma de detectar até que medida eles se veem como iguais à população da terra de destino e sentem-se confortáveis no ambiente estrangeiro. Isso porque,

através da representação das identidades e das diferenças, podem se questionar os sistemas legitimados que servem de base para a atribuição de sentidos.

Para cumprir esse intento, é pertinente adotar o referencial teórico da gramática funcional de Halliday (1988), a qual considera a linguagem enquanto uma rede de escolhas, acionadas a partir de um determinado contexto de uso, atendendo a determinadas finalidades e direcionadas a um determinado público. Desse modo, a ADC resgata da LSF o conceito de que os sentidos são construídos, tomando, como base, as escolhas, não aleatórias, dos elementos disponíveis na língua, e demonstrando que a forma linguística tem uma estreita ligação com a realidade social. Além disso, pode-se considerar que essas escolhas cumprem as multifunções da linguagem e obedecem aos lugares sociais de quem fala, para quem se fala e com que intenção se fala. Daí se afirmar que os significados acional, representacional e identificacional têm a ver com a experiência do sujeito que enuncia, o qual reproduz ou constrói sua realidade social através dessa experiência e das escolhas presentes na língua.

Fairclough (2001a), nos domínios da ADC, usa o referencial teórico de Halliday (1988) para destacar as realizações do texto com implicações socioculturais. Nesta pesquisa, o discurso do/sobre o transmigrante, que promove a construção de suas identidades pautadas nos territórios transnacional e de entrelugares, emprega os seguintes modos de realização textual de questões socioculturais:

- Transitividade: diz respeito à atividade (ação) em si, às entidades (ou agenciamentos) e às ações presentes nos textos. Relaciona-se ao componente ideacional.
- Transformação: presença de nominalizações e de apassivações na construção do texto. Relaciona-se ao componente textual.
- Classificação: tem a ver com a escolha do vocabulário na construção do texto. Relaciona-se ao componente interpessoal.

Objetivando verificar de que forma as realizações textuais acima contribuem para a construção do perfil identitário dos transmigrantes em estudo de caso, torna-se interessante

caracterizar cada uma delas dentro da perspectiva da análise textualmente orientada, com o uso da gramática funcional<sup>32</sup>.

### 5.3.1 A transitividade

A transitividade se relaciona ao significado ideacional da linguagem, através da representação de experiências. Ela capacita os sentimentos humanos a construir as imagens, por isso, ela é a base das representações (HALLIDAY, 1988). A transitividade “lida com os tipos de processos que são codificados em orações e com os tipos de participantes envolvidos” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 221). Desse modo, o mundo das experiências é constituído por um conjunto de processos.

Semanticamente, Halliday (1988, p. 101) ratifica que o processo possui três componentes: o próprio processo; os participantes do processo; e as circunstâncias associadas ao processo. Ainda segundo esse autor, na transitividade, há um padrão de processos, universal entre as línguas, o qual cria “funções típicas de classes de sintagmas e grupos” (HALLIDAY, 1988, p. 102), estabelecidas pelas interpretações desses processos.

O quadro abaixo referencia tais funções:

Tipo de elemento		Tipicamente realizado por:
(I)	Processo	grupo verbal
(II)	Participante	grupo nominal
(III)	Circunstância	grupo adverbial ou sintagma preposicional

Para Halliday (1988), o processo diz respeito ao fato de o predicado da oração designar o evento ou o estado de coisas descrito. Desse modo, em uma análise de

<sup>32</sup> A gramática funcional explica como a linguagem é usada, considerando que ela deriva das necessidades humanas e das escolhas efetuadas em sociedade. A gramática funcional estuda os componentes do sentido e suas configurações em funções, por sua vez, ligadas à atividade linguístico-discursiva. (HALLIDAY, 1988)

transitividade, a observação ao predicado é imprescindível para proceder à classificação dos processos. Essa diferenciação deriva de três categorias gerais:

- a) Processos materiais de apresentação dos eventos ou processos do fazer, ou predicados de ação: nesses processos, existem sempre um ator (aquele que executa a ação) e uma meta (processo a que se dirige, ou aquele que “sofre” a ação), representados na forma ativa ou passiva, e ocorridos na forma transitiva ou intransitiva.
- b) Processos mentais ou processos do sentir, do perceber, do intuir: nesses processos, há a representação de um estado de coisas, denotando o sentimento, o pensamento e a aparência. Halliday (1988) divide esses processos em subcategorias, dentre as quais, citam-se, como importantes neste estudo:
  - Categoria da percepção: como os verbos “ver”, “ouvir” etc.;
  - Categoria da cognição: como os verbos “pensar”, “conhecer/saber”, entender.
- c) Processos relacionais ou de essência, estado: nesses processos, destaca-se o estado. Subdivide-se, também, em categoriais:
  - processo intensivo: processo em que *X é/está A*.
  - processo circunstancial: *X está em A*.
  - processo possessivo: *X tem A*.

A análise da transitividade é importante em uma análise linguística, pois ela permite conhecer as ações dos objetos, a quem eles se referem, quais efeitos de sentido geram a ação e quais os atores envolvidos, destacando a significação política, cultural ou ideológica desses processos. (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 224)

### 5.3.2 A transformação sintática

O processo de transformação sintática, segundo Biavati (2001, p. 37), “[...] está relacionado à escolha de temas e determinadas estruturas de tema, vinculados à sintaxe, o que faz com que haja preferência ou não por determinados modos de realização textual”.

O processo de transformação sintática tem a ver com a posição e a frequência dos elementos na frase, oferecendo diversas possibilidades de construções frasais e, conseqüentemente, diversos valores a tais construções. De acordo com Halliday (1988), a nominalização e a apassivação são os principais integrantes do processo de transformação sintática.

A nominalização se refere ao elemento ou conjunto de elementos que funciona como um grupo nominal, ou seja, tende a ser “sujeito” na frase, passando despercebido, ou como comum, aos olhos do ouvinte/leitor (HALLIDAY, 1988, p. 46). Ela “transforma processos e atividades em estados e objetos, e ações concretas em abstratas” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 227), e, desse modo, não marca diretamente, por exemplo, o conteúdo ideológico dos enunciados. A nominalização se mostra um recurso estilístico à medida que cria novas entidades (FAIRCLOUGH, 2001a) e que “apaga” os verdadeiros “atores” ou “afetados” na ação.

A apassivação ocorre quando há inversão do direcionamento da frase, que deixa de ser ativo e transforma-se em passivo. Nesse processo, garante-se ênfase ao objeto, que adquire condição de sujeito (sujeito paciente), e o sujeito oracional (quando é expresso) é mudado para uma frase preposicional (com a preposição “por”) ou é apagado. São vários os motivos para se usar a apassivação. De acordo com Fairclough (2001a), essa opção é feita, principalmente, para omitir o sujeito ou torná-lo irrelevante ou para ofuscar a causalidade e a responsabilidade da ação, relegando ao objeto (que passa a ser chamado de sujeito paciente) a função de “afetador” de regras.

### **5.3.3 A classificação**

Na gramática funcional, a classificação tem a ver com o estudo do vocabulário. É importante perceber a escolha do vocabulário e as implicações ideológicas presentes nessas escolhas para a construção do texto. Dessa forma, cada falante/escritor aciona certo vocabulário, baseando-se nos vários sentidos que uma palavra possa conter, os quais, por sua vez, são escolhidos a partir de sua ligação com o contexto de uso.

Fairclough (2001a, p. 230) destaca que a relação das palavras com os significados ocorre na proporção de muitos-para-um e não de um-para-um. Isso indica que,

[...] como produtores, estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes, sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas). Essas escolhas e decisões não são de natureza puramente individual: os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos.

Os significados, chamados por Halliday (1988) de “significados potenciais”, constroem a cultura e mostram-se construídos por ela, através de crenças, de valores e de ideologias. Assim, a escolha de determinada palavra tem um porquê, uma finalidade, que não se destoa de noções de hegemonia e de elementos ideológicos.

Fairclough (2001a) diz que existe uma multiplicidade de formas de significar domínios particulares de experiência – o que se contrapõe ao uso dos dicionários, estruturas que tendem a colocar os sentidos de uma palavra de maneira fixa, intransponível, comum a todos os sujeitos. Na verdade, cada indivíduo vê e relaciona-se com o mundo distintamente; assim, seu vocabulário e a interpretação que faz de suas escolhas e dos discursos que chegam até ele são também particulares.

Pautando-se nas considerações de Halliday (1988), o discurso do/sobre o transmigrante será descrito, interpretado e analisado no capítulo a seguir, reforçando a relevância dos processos de transitividade, de transformação sintática e de classificação, enquanto construção linguística para a constituição social dos dizeres.

## 6 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO TRANSMIGRANTE

### 6.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

#### 6.1.1 Descrição da pesquisa

Para compor a fase experimental desta dissertação, de nível descritivo, interpretativo e analítico, aplicou-se o estudo de caso<sup>33</sup> como método de pesquisa. Todos os dados foram recolhidos a partir da técnica de testemunho, que seguiu a orientação de uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE A). O grupo de análise foi composto por seis integrantes<sup>34</sup>. Cada entrevistado respondeu questões sobre: contato com o território de imigração; contato com a língua inglesa; valorização da cultura brasileira e da cultura estadunidense; costumes desenvolvidos em uma e em outra nação; valores sobre o Brasil e os EUA; práticas de trabalho e de transmigração; convivência em comunidades étnicas etc.

A pesquisa descritiva, conforme o próprio nome indica, descreve características de certa população ou fenômeno (GIL, 1994, p. 44). Além disso, levanta opiniões, crenças e atitudes de uma população acerca de determinada problemática. Há também aspectos interpretativos e analíticos próprios da ADC, aplicados na compreensão dos sistemas de conhecimentos e de crenças e das práticas dos transmigrantes pesquisados.

Na amostra, a pesquisa descritiva construiu o perfil identitário de valadarenses que vivem em trânsito recorrente entre duas nações, planejando seus hábitos, valores e atitudes tomadas e vivenciadas em dois territórios. Trata-se, dessa forma, apenas de um esboço de identidade e não de demarcação de características que podem ser generalizadas a todo ator territorial que cumpre tal prática de transmigração entre o Brasil e os EUA.

Os transmigrantes selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa têm nacionalidade brasileira e vivem tanto nos EUA quanto na cidade de Governador Valadares. Optou-se desenvolver a coleta de dados na cidade mineira, em local estabelecido pelo

---

<sup>33</sup> O estudo de caso se torna pertinente à ADC por trabalhar com testemunhos ou com discursos.

<sup>34</sup> O fator “tempo de confecção da dissertação” foi decisivo para a escolha reduzida do número de entrevistados.

entrevistado. Um transmigrante, previamente selecionado<sup>35</sup>, compôs o início da rede de entrevistados. Ele forneceu informações acerca de outro indivíduo possuidor das mesmas características suas e que se enquadrava no perfil em destaque. Esse indivíduo, por sua vez, indicou outro transmigrante para a entrevista e, assim, o processo seguiu sucessivamente, até que se finalizou com a quantidade total de indivíduos estabelecida para compor o grupo.

Na entrevista com os transmigrantes, o entrevistador foi não a autora da pesquisa, mas outro pesquisador, contratado para manter o máximo de imparcialidade na coleta de informações, uma vez que a rede de contatos se inicia por sujeito que mantém vínculo familiar com a referida mestranda. O entrevistador foi anteriormente preparado para lidar com as questões que norteiam a entrevista e submetido a um diálogo teste.

Nesta pesquisa, convém destacar, os entrevistados têm resguardados seus nomes, pois somente a narrativa empírica dos mesmos se faz relevante. Eles foram informados, desde o contato inicial com o entrevistador, de que a experiência relatada teria caráter estritamente confidencial e que, portanto, permaneceriam no anonimato. A entrevista só se iniciou após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta, em modelo, como apêndice (APÊNDICE B), nesta dissertação, garantindo a preservação do sigilo de informações e a sua privacidade. Na análise discursiva dos dados, os transmigrantes são reconhecidos enquanto números e não pela nomenclatura própria e original de cada sujeito.

As perguntas que nortearam a entrevista giram em torno de questões do cotidiano do entrevistado e da forma como ele enxerga a si mesmo e o mundo nacional e estrangeiro à sua volta. Algumas delas são pontuadas a seguir:

- “Desde quando mantém contato com os EUA?”: nessa interrogativa, intencionou-se marcar o tempo médio de transmigração vivenciado pelos entrevistados. Em geral, quando esse tempo ultrapassa dez anos, a tendência é que o transmigrante adquira duas cidadanias.
- “Você domina a língua inglesa?”: nessa interrogativa, o informante foi provocado a falar sobre seu contato com a língua inglesa, marcando vantagens de domínio dessa língua no território de destino. Objetivou-se destacar, em especial, se o transmigrante se comunica em outros ambientes sociais através da língua inglesa ou se essa comunicação se dá apenas em ambiente de trabalho. Uma tentativa de desvendar se

---

<sup>35</sup> Esse transmigrante se liga a mim por uma condição parental.

ocorre preconceito linguístico em território de destino também foi ressaltada nas entrevistas.

- “O que há de melhor no Brasil? E nos EUA?”: nessa indagação, buscou-se evidenciar os valores desenvolvidos sobre um e outro país pelos transmigrantes, o que contribui para a construção do significado representacional.
- “Se tivesse de mudar algo em algum dos dois países, o que mudaria?”: essa indagação completou a ideia sobre o julgamento de valor dispensado pelo transmigrante acerca do Brasil e dos EUA, construindo sua representação de mundos – geografia e cultura de um e outro país.
- “Quais são as vantagens de ser brasileiro no mundo? E de ter a documentação livre para movimentar nos EUA? E de ser transmigrante?”: essas interrogativas levaram à inferência sobre a representação do brasileiro, do norte-americano e do transmigrante (tanto no Brasil quanto nos EUA) feita pelo entrevistado, na própria perspectiva e na perspectiva de quem o vê (embora essa perspectiva seja relatada pelo próprio transmigrante). Dessa forma, destacou-se parcela do significado representacional do discurso.
- “O que você faz nos EUA que não faz no Brasil?”: essa pergunta considerou os costumes do transmigrante, marcando, especialmente, o que ele faz de diferente em um e em outro país. Essa questão considerou as práticas de trabalho do entrevistado, tornando-se um ponto relevante nesta pesquisa, pois, a partir da atividade remunerada, o transmigrante demonstrou, em sua maioria, a justificativa para manter a prática de transmigração, já que sua vida financeira, no caso do grupo pesquisado, é dependente de sua atuação profissional nos EUA.
- “Você vive em comunidade de brasileiros nos EUA?”: essa interrogativa objetivou descobrir se nos EUA o contato do transmigrante é mais estreito com a população de destino ou se ele tende a permanecer, conforme o migrante tradicional, maior parte do tempo, em meio à comunidade étnica de brasileiros. A proximidade com o estadunidense leva à inferência de que o transmigrante se comunica através da língua inglesa e de que se sente confortável no ambiente do Outro (sua alteridade), que passa a se tornar um pouco seu.
- “Você acha que viver nos EUA é melhor que viver no Brasil?”: essa questão reforçou a prática de transmigração, demonstrando as justificativas para que os transmigrantes ainda mantenham o tráfego recorrente entre as duas nações. Além disso, no caso do

grupo pesquisado, descobriu-se que EUA representam lugar de sucesso, garantia de sobrevivência e espaço onde os direitos dos cidadãos são preservados. Em contrapartida, o Brasil simboliza lugar de dificuldades, instabilidade e território em que os direitos dos cidadãos são feridos constantemente.

Objetivamente, as perguntas buscaram revelar o modo como a identidade transmigrante se representa através da língua, dos valores, dos costumes e das práticas. A língua, conforme já citada no capítulo anterior, é um traço identitário e o meio pelo qual a identidade transmigrante se representa, em especial, porque se manifesta sob a forma de discurso. Os valores têm a ver com a construção identitária do migrante transnacional a partir de suas crenças, isto é, de um paralelo estabelecido entre a vida experienciada no Brasil e a vida experienciada nos EUA. A que se garante maior valorização em um e em outro país? Por que essa disparidade de importância? O nacional é superior ao estrangeiro? Os costumes, por sua vez, dizem respeito aos hábitos dos indivíduos transnacionais, especificamente realizados ou no Brasil ou nos EUA. Nesse contexto, surgiram enumerações ligadas à família, ao lazer, ao trabalho etc. As práticas, por fim, pretendem colocar em relevo as ações cumpridas pelos transmigrantes em solo nacional e em solo estadunidense. De forma específica, buscou-se averiguar as condições profissionais e institucionais desses indivíduos. Eles desempenham qual profissão? Ligam-se a cargos de chefia ou de confiança em algum órgão do governo? Como convivem com as instituições Escola, Igreja?

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, submetidas à transcrição<sup>36</sup>. Após esse processo, partiu-se para a análise discursiva, apoiando na ADC como base de interpretação dos dados.

### **6.1.2 ADC como ferramenta de análise de dados**

No intuito de desenvolver, em cunho analítico, a interpretação das entrevistas feitas com transmigrantes, escolheu-se trabalhar com a ADC, com suas duas orientações: social e linguística. Nesse sentido, adotou-se Fairclough (2001a; 2003), através da análise

---

<sup>36</sup> As regras de transcrição usadas nas entrevistas com os transmigrantes, neste trabalho, levam em conta as entonações, as divagações, as pausas, os risos e a ironia.

textualmente orientada dos três significados do discurso (acional, identificacional e representacional), para servir de base teórica. A orientação linguística da análise, focada na LSF, evidenciou, principalmente, o processo de transitividade, na categoria dos processos relacionais ou de essência, ou dos verbos ser/estar nas condições de ir e de vir recorrente e de se representar enquanto brasileiro e enquanto norte-americano, o que se dá pelas práticas de trabalho e de transmigração, pelos valores sobre a sociedade da terra de origem e da terra de destino e pelos costumes desenvolvidos em uma e em outra nação. Além disso, a orientação textual da análise pontuou algumas questões que indicam como se dão os significados nos discursos, através de construções nominais e sintáticas.

A pesquisa “Discursos do/sobre o transmigrante: um estudo de caso sobre a identidade no entrelugares” escolheu a ADC como ferramenta de reflexão de dados à medida que ela trabalha com o objeto linguístico: discursos<sup>37</sup> de transmigração. De igual forma, a proposta de construção de significados simultâneos em um mesmo discurso (FAIRCLOUGH, 2003) permitiu uma visão do dizer sob três planos/sentidos, descartando a superficialidade das palavras e aprofundando questões que abarcam as interações dos sujeitos na conjuntura de movimentação espacial. Desse modo, considera-se que ADC tem um propósito de investigação não neutra, principalmente, por causa de seu lugar de investigadora social na contemporaneidade.

Portanto, a metodologia proposta buscou um melhor caminho para o entendimento da forma como os transmigrantes constroem seu perfil identitário. O discurso, enquanto representação do indivíduo em meio a uma coletividade, possibilitou a análise qualitativa, uma vez que muito do ser se deixa escapar pelo dizer. (BIAVATI, 2009)

## 6.2 ANÁLISE DE DADOS: O DISCURSO DO TRANSMIGRANTE

Na análise do discurso transmigrante, considera-se a perspectiva relacional existente entre linguagem e sociedade. A linguagem é tida como um sistema aberto (FAIRCLOUGH; CHOULIARAKI, 1999), que, de forma dialética, interage com diversas práticas sociais. Isto é, a linguagem, inserida em um contexto, possibilita uma abordagem linguística vinculada ao

---

<sup>37</sup> É válido lembrar que os discursos dos transmigrantes, nesta pesquisa, não são tomados como generalizantes ou consensuais. Daí ser aceitável também se trabalhar com a nomenclatura “enunciados” dos transmigrantes.

caráter social do texto (nesse caso, o gênero entrevista). Partindo desse princípio, a análise do discurso do transmigrante enfoca a construção de identidades de certo grupo que se movimenta no espaço e ressignifica-se constantemente, mediante sua inserção em novos territórios e em novas culturas.

Nesta pesquisa, adota-se de Fairclough (2001a) a diferenciação entre prática discursiva e de evento discurso. A prática discursiva especifica a produção, a distribuição e o consumo de um texto. Ela é responsável pela reprodução da sociedade tal como ela é (identidades e relações sociais e sistemas de conhecimento e crença) e pela transformação da realidade social. Já o evento discursivo diz respeito a uma instância particular do uso discursivo (FAIRCLOUGH, 2001a), considerado, ao mesmo tempo, como texto, como prática discursiva e como prática social (tridimensionalidade do discurso). Nesse sentido, a adoção do termo “evento discursivo” tem a ver com um momento de uso do dizer feito pelo transmigrante, ou seja, refere-se a um dizer em particular. Já a referência à prática discursiva é para indicar, de forma genérica, o que é comum ao grupo dos transmigrantes.

A conjuntura pós-moderna é o contexto utilizado como embasamento nesta análise discursiva. Ela é considerada como constituída de diversos aspectos, os quais provocam profundas transformações tanto nos indivíduos quanto em suas novas formas de identificação e de representação, criando o “eu múltiplo”, ativo em sua capacidade de refletir sobre suas autoidentidades – em construções reflexivas de sua atividade na vida social. Presume-se que os entrevistados se percebem nessa condição de pós-modernidade, principalmente, porque reconhecem que a prática da transmigração, ou do ir e vir recorrentes, faz com que eles mudem seus modos de agir, de falar, de comportar-se e adotem diferentes perspectivas de vida para se estabelecer em uma e em outra nação. Os transmigrantes do grupo de pesquisa conseguem se reconhecer enquanto seres que se adéquam em um e em outro território, com facilidade e sem constrangimento, e enxergam-se como pessoas suscetíveis à adaptabilidade não só geográfica, mas também social e cultural.

A identidade transmigrante, a princípio, faz parte de uma realidade polifônica, a partir da qual algumas vozes contribuem para a revelação de traços característicos do ser (o próprio transmigrante, as sociedades de origem e de destino, as comunidades étnicas no exterior etc.). Cada indivíduo, possuidor de vivências e de experiências particulares, e participante de um mesmo plano de movimentação geográfica e de interação com o exterior, constitui-se sujeito de discurso: aquele que fala sobre ele mesmo e sobre as práticas, os valores e os costumes do Brasil e dos EUA. Os dizeres dos transmigrantes, além de representarem o mundo exterior

(significado representacional proposto por FAIRCLOUGH, 2003), levaram à construção de um perfil identitário (significado identificacional proposto por FAIRCLOUGH, 2003), especificamente marcado para os contextos físicos e simbólicos escolhidos nesta pesquisa.

Ressalta-se que, neste estudo, não há preocupação em se trabalhar com a construção do conceito de “*ethos*”, evidenciado por Fairclough (2001a). A intenção é apenas relacionar território e identidade transmigrante pela ADC, em uma perspectiva direta e unilateral, que toma o dizer somente como forma de expressão e de identificação do indivíduo. O *ethos*, dessa forma, ultrapassaria o objetivo, já que ele se atém aos aparatos externos<sup>38</sup>, para além do discurso, que implicam a formação do eu, visto como participante social.

A caracterização do perfil identitário do grupo objeto de estudo pertence ao universo do trabalho, do lazer, da família, da língua, dos negócios desenvolvidos nas duas nações, dos enclaves étnicos e da capacidade de refletir sobre o processo de transmigração. Essa multiplicidade de espaços, de contatos e de práticas constroem os discursos dos transmigrantes e realçam uma identidade pautada na diferença – ou no reconhecimento de que o Outro é de, certa maneira, díspar.

### 6.2.1 Os EUA como terra de destino

Todos os seis transmigrantes entrevistados revelam<sup>39</sup> que foram para os EUA na década de 1980, o que confirma os dados sociológicos já apresentados nos capítulos iniciais deste trabalho de que, nessa data, o Brasil se mostrava em crise e o exterior oferecia possibilidades de melhoria de vida (SIQUEIRA, 2009). Em sua totalidade, nessa época, os entrevistados eram jovens e sem diploma de curso superior para tentar emprego (que pagasse bom salário) no mercado local. Logo, todo tipo de representação do estrangeiro e do nacional exposto a partir dos dizeres dos entrevistados sofre influência do nível de escolaridade<sup>40</sup> deles.

---

<sup>38</sup> Nessa parte da discussão, é interessante pontuar a fala de Bourdieu (1984 apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 208): “O *ethos* é então marcado pelo corpo inteiro, não só pela voz”.

<sup>39</sup> Os dizeres serão reproduzidos conforme coletados, independente ou não de seguirem a norma padrão, uma vez que o significado acional permite que o gênero entrevista seja visto com o estilo da modalidade oral informal.

<sup>40</sup> Acredita-se que o nível de escolaridade influa significativamente nos discursos de migração, o que muda a forma de se representar e de ver representados os mundos nacional e estrangeiro. No caso do grupo pesquisado, todos possuíam apenas nível básico ou médio de instrução na época da emigração para os EUA, e ainda permanecem nesse patamar na atualidade.

Os entrevistados destacam o papel do discurso recorrente na cidade de Governador Valadares, na década de 1980, de que os EUA simbolizavam sucesso e futuro promissor (BIAVATI; SIQUEIRA, 2011). Além disso, detecta-se a importância do papel das redes migratórias no fornecimento de informações, de recursos financeiros para patrocinar a viagem e de cooperação na chegada ao território norte-americano. Do grupo entrevistado, todos percebem influência de tais redes na decisão de emigrar:

[Entrevistado 2]: Aí esse primo meu veio deportado. Ele era ilegal lá, foi pego pela emigração. Veio, chegou aqui e falou assim: “Uai, vamos pra lá” e tal, tal, mas ir... Como? Eu não tenho condições financeiras, não tenho nada pra ir. “Ah, nós damos um jeito!”. Aí me ajudou financeiramente pra ir. Eu fui pra lá. Cheguei lá, ele que foi o meu guia, que ele já falava Inglês.

[Entrevistado 6]: Primeiro, tinha meus primos lá, né, e então eu tinha vontade de ir e fui, né, com o tempo eu consegui ir e fui.

Nos dois eventos discursivos, o parente do transmigrante, na figura do primo, é o responsável pelo incentivo à sua ida para o exterior. Em ambos os relatos, o primo é o sujeito dos processos de interpelar, financiar, guiar, apoiar e acolher o recém-chegado nos EUA. Logo, discursivamente, as redes migratórias se materializam como entidade física e simbolizam a principal porta de entrada para o sucesso.

De maneira oposta ao sonho de conquistas americano, nasce o discurso social da terra de origem como local onde é difícil, por vezes, ou quase impossível, alcançar estabilidade financeira. Isso valoriza o território de destino, que passa a ser representado como única saída para driblar a situação financeira de países periféricos:

[Entrevistado 1]: O que me levou lá foi, assim, justamente a condição financeira. Aqui eu era policial, aí eu dei baixa e saí pra lá.

[Entrevistado 2]: [Emigrei na] época por causa da situação financeira mesmo.

[Entrevistado 4]: Não tinha trabalho não tinha nada. Formei aqui e não arrumei nada [...]. E então aqui, na cidade de Valadares, a única coisa que tem aqui é comércio, só comércio, não tem indústria, não tem mais nada, a opção é sair daqui.

[Entrevistado 5]: Só que aqui eu não via muita coisa, né?

Através do plano textual, percebe-se oposição de espaços geográficos marcada pelos conectivos “aqui” e “lá”. Essa ocorrência enfatiza o uso do “aqui” como terra de dificuldades e o “lá” como terra de superação. Assim, o local se inferioriza em relação ao global. O enunciado “na cidade de Valadares, a única coisa que tem aqui é comércio, só comércio”, do entrevistado 4, comprova o discurso consensual de que, nessa cidade, não há variedade de postos de emprego, o que leva as pessoas ou a se adequarem ao serviço no comércio ou a procurarem alternativa, como, por exemplo, a saída para o país estrangeiro. Daí a justificativa para se dizer que “a opção é sair daqui” (entrevistado 4) ou “aqui eu não via muita coisa” (entrevistado 5), o que marca a naturalização da cultura emigratória para o grupo pesquisado.

### 6.2.2 Construção do conceito de “transnacionalidade”

“Aqui” e “lá” são elementos semânticos que, discursivamente e, nesta pesquisa, ajudam a construir a condição<sup>41</sup> de “transnacionalidade”. Para os transmigrantes entrevistados, a transnacionalidade se mostra hoje um evento recorrente em suas vidas, pois as dividem período do ano nos EUA e outro no Brasil. O “aqui” se refere à terra de origem e o “lá”, a terra de destino. Na fala abaixo, a expressão “pra lá e pra cá” demonstra essa frequência de atravessar as fronteiras nacionais, como num movimento de vaivém.

[Entrevistado 1]: Assim eu vivo minha vida pra lá e pra cá.

O ir e vir recorrentes são uma ferramenta importante na manutenção dos laços entre os países de origem e de destino dos entrevistados. O retorno a terra-natal passa então a ser encarado como um acontecimento circular, ainda não definitivo; preso a projetos, à vontade de concretização. Sociologicamente, isso comprova que a transnacionalização, por ser um

---

<sup>41</sup> É interessante pontuar que os transmigrantes entrevistados não se reconhecem na categorial conceitual de “transmigrantes”. Na verdade, eles sabem que vivenciam uma condição do ir e do vir recorrentes, mas desconhecem a nomenclatura utilizada, na Academia, para essa prática.

evento de recorrência, liga o local ao global, modificando-os ou inter-relacionando-os como lugar de mobilidade e de topopoligamia. (BECK, 1999)

A opinião a seguir traz uma perspectiva pessoal de quem começa a encarar a transmigração como uma prática cansativa, mostrando que não há tanto o desejo de permanência nesse estado de movimentação.

[Entrevistado 2]: [...] eu tenho uns seis anos que eu tô vindo aos tiquinho<sup>42</sup> direto, planejando pra vir embora, porque eu acho que a vida tem que ter projeto [...].

Nas orações “tô vindo aos tiquinho” e “planejando pra vir embora”, presume-se que a vida do estar aqui e do estar lá é programada, pesada em relação às consequências de esse evento se dissolver. O Brasil passa a ser visto como a terra para a qual recai o desejo de moradia fixa e os EUA são tomados como espaço onde ainda é necessário habitar. Assim, a manutenção dos vínculos entre os dois países pelo transmigrante é resultado de uma rede de escolhas, que terá fim quando se acabarem as vantagens de se transmigrar.

### 6.2.3 Construção do conceito de “transmigrante”

Da mesma forma que a construção do conceito de “transnacionalidade”, a construção do conceito de “transmigrante”, discursivamente, faz-se através da referência espacial. Os entrevistados se colocam como atores das ações realizadas no Brasil e nos EUA, e ressaltam a condição de elas serem recorrentes e de eles se mostrarem transterritoriais.

A fala do entrevistado 1, abaixo, ilustra esse viver nos dois lugares, e mostra que o transmigrante transita no entrelugares cultural:

[Entrevistado 1]: É. Eu tenho *vinnnte*, vinte e cinco anos que eu saí daqui do Brasil pra ir pra lá. Tô nesse vai e vem, vai e vem, vinte e cinco anos.

---

<sup>42</sup> Uso coloquial da linguagem. Mesmo que “aos poucos”.

[Entrevistado 6]: Ah, eu tô lá ainda, né, tem vinte e cinco anos, eu venho aqui pro Brasil todo ano.

Segundo a perspectiva do funcionalismo hallidiano, as ações são utilizadas como processos de escolhas. Nos exemplos anteriores, essa transitividade é percebida no uso dos processos materiais do ir e do vir, contribuindo à marcação do vaivém recorrente. A expressão “*vinnnnte*, vinte e cinco anos” (entrevistado 1) e as orações “eu tô lá ainda, né, [mas] eu venho aqui pro Brasil todo ano” (entrevistado 6) sugerem que a transmigração já se tornou ação habitual na vida dos entrevistados e que eles convivem com esse fenômeno há bastante tempo. Além disso, o termo “tô”, redução coloquial do verbo “estar”, em ambos enunciados, manifesta condição de ação contínua, quase permanente do indivíduo de se encontrar em movimentação pelos dois países. Isso se reforça com o uso da circunstância temporal “vinte e cinco anos”, a qual também pode refletir o estado de ânimo contrário para continuar efetivando a prática.

É interessante destacar que o verbo “estar”, usado nos exemplos anteriores, também, por ser processo de ligação, é uma forma de caracterização do sujeito. Assim, é parte de uma rede que garante o perfil identitário, ou seja, o ser: alguém é transmigrante e está nessa condição contínua do ir e do vir.

[Entrevistada 3]: Lá e cá. (em resposta à indagação de se querer ou não viver, até o fim da vida, transitando entre o Brasil e os EUA)

“Lá e cá”, no exemplo acima, representam uma circunstância contínua de vida dividida entre duas nações, consolidando a prática discursiva e a prática social recorrente, e incorporando-se aos hábitos e às práticas cotidianos. Além disso, sugerem que o transmigrante só retorna a um dos dois lugares geográficos, porque há motivos que o atraem ora para a terra de origem ora para a terra de destino. Nesse trânsito, entram, em pauta, algumas justificativas, como o negócio montado, a família e o trabalho:

[Entrevistado 1]: Eu trabalho seis meses direto, fico à disposição deles, e seis meses fico de folga e venho pro Brasil. Aí trabalho aqui também. [...] Eu ia falar serviço de

construção, construção civil, compro um lote aqui, ali, fazendo, vendendo, alugando, senão só ganhar e gastar aqui [...] daqui uns dias você não tem nada, né?

[Entrevistado 2]: A minha família é projeto, meus filhos, minha esposa, né? Já meus irmãos, todos eles amaram a minha volta [...]. (Em referência ao momento de retorno na época da entrevista)

[Entrevistado 6]: Todo ano eu venho e passo aqui, porque eu trabalho lá por fora e, na época do inverno, não tem, tem pouco trabalho; então, nos últimos seis anos, sete anos por aí, eu tô vindo final de dezembro, dezembro só volto em abril [...].

O dizer do entrevistado 1 denota que tanto o Brasil quanto os EUA são lugares de trabalho. No entanto, o trabalho desenvolvido nos EUA tende a ser mais intenso, o que pode ser comprovado pelo termo circunstancial “direto” em “Eu trabalho seis meses direto”. Além disso, percebe-se que, nos EUA, o transmigrante adquire condição de trabalhador empregado enquanto que, no Brasil, ele se transforma em empreendedor: “compro um lote aqui, ali, fazendo, vendendo, alugando”.

A fala do entrevistado 2 mostra que o retorno à terra de origem ocorre devido a razões familiares. O uso da metáfora, condição gramatical de nomeação, em “A minha família é projeto” remete à ideia de se resgatar os vínculos afetivos, já que a transmigração, quando em direção à terra de destino, distancia o transmigrante de seus parentes. Nesse mesmo sentido, percebe-se que a escolha do vocábulo “projeto” é uma categoria que se relaciona à valorização da identidade do transmigrante, que passa a ser colocado como alguém amado pela família e que ama a família; portanto, é um indivíduo diferenciado e exaltado pelos parentes. O processo mental do sentir, especificamente postulado na categoria de percepção (HALLIDAY, 1978), em tempo pretérito, e ilustrado através do termo “amaram”, comprova esse desejo de tornar definitivo o “projeto”, uma vez que, na visão do transmigrante, “[...] todos eles (os parentes) amaram (sua) volta”, embora ainda não definitiva.

O enunciado “então, nos últimos seis anos, sete anos por aí, eu tô vindo final de dezembro, dezembro só volto em abril [...]”, do entrevistado 6, promove a materialização do termo “transmigrante”, isto é, mostra que a construção desse indivíduo é marcado por vários movimentos de idas e vindas recorrentes. A oposição semântica entre “vindo” e “volto”, mais uma vez, são processos materiais utilizados, responsáveis por estabelecer essa concretização. Além disso, através da fala desse entrevistado, percebe-se que sua vinda ao Brasil é justificada pelo fator climático do território de destino. O frio dos EUA, na estação de

inverno, implica a diminuição do trabalho, repelindo o transmigrante ao Brasil, país que, por se situar em um polo oposto, vive, no mesmo período, a estação do verão. Logo, ser transmigrante, nesse caso, não provém apenas de uma vontade própria. Na verdade, as condições do território obrigam o indivíduo a se tornar como tal.

A movimentação do transmigrante valadarense para os EUA, conforme já exposto nos capítulos anteriores, requer uma regularização na documentação, que o permita efetuar esse trânsito. É, portanto, uma característica do perfil identitário do transmigrante. Nas entrevistas realizadas, percebe-se que o grupo, em sua totalidade, dispõe ou do *Green Card* ou da cidadania norte-americana.

[Entrevistado 1]: Com um ano e seis meses que eu tava lá eu legalizei.

[Entrevistado 4]: Passei a ir, ficar só oito meses, voltar; ficar quatro meses aqui e oito meses lá, porque eu tenho entrada. Já tem dez anos assim [...].

Os processos ligados ao “legalizar-se” apresentam dois efeitos: um material, que condiz com a prática material de buscar a legalidade do transmigrante no território estrangeiro, e outra, um efeito cognitivo, que traduz uma condição de bem-estar buscado e adquirido pelo migrante. “Estar lá”, presente em “tava” (entrevistado 1), variante coloquial da flexão “estava”, forma imperfeita do pretérito, indica um estilo que caracteriza o processo “estar lá”, compondo o significado identificacional, denotando um estilo do dizer que relata as condições da identidade que se faz no território estrangeiro.

“Legalizar” é o processo expresso que, juntamente com o “estar lá” indica uma característica almejada pelo transmigrante. Os processos relacionados ao termo nomeador “legalização”, comumente usados para indicar a posse do direito de se movimentar com documentação entre os dois países, são “legalizar-se” e “ter entrada permitida” [nos EUA]. Sociologicamente, essa “legalidade” se confunde ao conceito de “documentação”. Na verdade, os transmigrantes são pessoas documentadas e não, legais. O termo “legal” denota uso jurídico, em especial, quando se trabalha com julgamento de crimes.

#### 6.2.4 A língua “obrigatória” do transmigrante

As construções ou redefinições da identidade transmigrante, propostas para esta pesquisa, passam pelo uso do sistema linguístico do território estrangeiro, ainda que ao seu modo para comunicação, feito por esse indivíduo, especialmente nos EUA, onde se dá um encontro mais estreito com a língua inglesa. Acredita-se que o componente linguístico seja revelador de identidades à medida que o transmigrante se sinta ou não confortável e com habilidades ou não para estabelecer relações com o estrangeiro – o que se faz pela língua do país de destino. Dessa forma, conforme Raffestin (1993), a língua é trunfo, pois, quem a domina, interage socialmente com simetria.

No discurso dos entrevistados a respeito do idioma Inglês, comprova-se a hipótese estipulada nesta pesquisa de que esses indivíduos se comunicam na língua inglesa. Essa comunicação, não necessariamente, tem a ver com fluência, mas com a capacidade de o transmigrante se resolver e resolver os problemas do cotidiano na língua diferente da materna.

Para todo o grupo entrevistado, fluência é sinônimo de domínio escrito e falado. Por sua vez, isso lembra domínio formal ou institucionalizado do idioma, normatividade. Sobre essa visão, os transmigrantes informam que se comunicam no idioma Inglês apenas em sua forma falada e não, escrita, sugerindo que eles não a dominam em sua totalidade.

O dizer abaixo deixa margem a observações. Uma delas é que os transmigrantes até conhecem a forma escrita do idioma da terra de destino, no entanto, não se sentem seguros para efetivar uma comunicação por meio da segunda língua. Outra observação sugere que a língua inglesa, em sua forma escrita, é dominada pelos transmigrantes, mas eles, devido ao trabalho que exercem, por exemplo, ou ao convívio social estabelecido com o nativo, têm necessidade de fazer uso dela somente em sua forma falada. O certo é que, em uma ou outra consideração, a língua inglesa escrita é pouco utilizada pelo grupo de estudo.

[Entrevistado 4]: Escrever não é muito.

Torna-se interessante marcar a fala do entrevistado 2, a qual caracteriza o meio de aprendizado do idioma Inglês que, conforme já ressaltado e para o grupo em análise, não se estabelece em escolas específicas a isso:

[Entrevistado 2]: Eu falo mais do que escrevo. Que eu aprendi Inglês na rua. Num cheguei ir na escola lá pra aprender não.

A expressão “Que eu aprendi Inglês na rua” compõe a prática discursiva efetuada pela maioria dos entrevistados. O termo circunstancial “na rua” sugere uma depreciação do idioma aprendido pelos transmigrantes, quando comparado àquele proposto pela gramática normativa. “Na rua” se liga também à ideia de algo que está à margem, distante da escola; portanto, uma explicação para “Eu falo mais do que escrevo”.

[Entrevistada 5]: Não é fluente, não falo fluente, porque fluente você tem que falar tudo, né. Então, é assim: você prepara. Se for pra eu chegar num hotel, quero alugar um quarto, eu sei resolver; mas, se eu chegar num outro local, num hospital, então, depende. O vocabulário já é diferente, já é em relação a hospital. [...] Mas, as poucas palavras que você usar, ele sabe o que você quer.

Nos dizeres acima, destaca-se que a questão da fluência em língua inglesa é um traço marcante nas representações do transmigrante sobre o estrangeiro e sobre si mesmo. Quando se usam as orações “não falo fluente, porque fluente você tem que falar tudo”, nota-se que o indivíduo se encara como alguém que não consegue se manifestar com precisão na língua do Outro. Isso sugere que o transmigrante reconhece a realidade no país de destino, que separa nativos de imigrantes em seus lugares na sociedade. Ao mesmo tempo, há a representação de que não se domina a língua do Outro por meios escolarizados. A comunicação com simetria fica “não resolvida”, já que o processo “resolver”, usado pelo transmigrante 5, é material e cognitivo. No entanto, há contextos em que esse relacionamento com o estadunidense, em língua franca, fica menos dessemelhante. É o caso do exemplo citado no fragmento: “Se for pra eu chegar num hotel, quero alugar um quarto, eu sei resolver”. A proposição oracional “eu sei resolver” ilustra o caráter funcional do aprendizado da língua inglesa. Dessa maneira, há contextos específicos em que a comunicação em Inglês entre nativo e imigrante ganha êxito.

Já a expressão “Mas, as poucas palavras que você usar, ele sabe o que você quer” imprime ao “ele” (nativo) a condição de sujeito condutor da comunicação entre o estadunidense e o brasileiro – exemplificando um modo de realização textual da transformação sintática –, pois cabe-lhe a responsabilidade de desvendar aquilo que é proferido por aquele que não possui a fluência no idioma, necessária em determinadas situações.

[Entrevistado 2]: [...] se for assunto de trabalho, eu não tenho dificuldade nem pra dar preço. [...] a única dificuldade maior que eu tinha, era pra escrever, pra fazer os contratos. Eu tinha que ir em algum contador pra fazer os contratos pra mim. Depois, passei pro computador. Quando precisava, puxava ali...

“Dar preço”, na fala acima, denota a atividade mais recorrente entre os entrevistados, com a atividade comercial entre países. No uso da língua em suas negociações, embora sendo língua inglesa “aprendida na rua”, os transmigrantes conseguem estabelecer relação com a população da terra de destino, principalmente nos locais de trabalho. Aliás, o grupo entrevistado, em sua maioria, realça o local de trabalho como o lugar em que mais desenvolvem o aprendizado e a comunicação em língua inglesa. A oração condicional “se for assunto de trabalho, eu não tenho dificuldade nem para dar preço” confirma o uso que o transmigrante faz da língua inglesa em seu cotidiano de trabalho.

[Entrevistada 3]: Consigo sobreviver estando nos Estados Unidos, falo normal. É aquela coisa: não fui pra escola pra aprender, não. Meu Inglês é de rua, aprendi no trabalho, nos locais que, por exemplo: já fui cozinheira de restaurante, trabalhei muito na área civil de construção, né. Então eu tenho que aprender a falar com palavras, gestos. [...] E assim vai vivendo e aprendendo, né. É desenrolando, que, se não souber alguma coisa, passa fome né. Então, no caso, ou você fala ou...

Na fala do transmigrante 3, a expressão “falo normal” referencia a capacidade de comunicação em língua inglesa do transmigrante brasileiro nos EUA, apesar de, implicitamente, provocar a inferência de que não se sente à vontade para se comunicar em todas as instâncias da vida social, conforme dito: “Consigo sobreviver estando nos Estados Unidos”. Esse indivíduo, para o qual seu “Inglês é de rua”, interage com o estadunidense através de palavras e de gestos, “desenrolando”. Nesse caso, o nativo da terra de destino passa

a possuir o trunfo nas relações comunicacionais, marcando bem sua posição de poder na comunicação. O enunciado “se não souber alguma coisa, passa fome, né” representa tanto a hegemonia do idioma Inglês sobre o Português em território de imigração, isto é, quem não detém a língua do Outro, fica à margem; quanto a crença do poder de uso da língua estrangeira, face aos costumes de lidar com o nativo do território estadunidense. Por fim, a proposição “Então ou você fala ou...” indica, a princípio, dois campos opostos de escolha expressos pela conjunção ou. No entanto, o contexto de enunciação leva a crer que só há uma solução para lidar com a língua inglesa: falar – mesmo que seja “Inglês de rua”.

[Entrevistado 1]: Falar mesmo, eu falo Português, né, as outras, a gente defende. Mas, eu falo Inglês, porque na companhia que eu trabalho, todo mundo tem que falar Inglês e Espanhol.

A fala do entrevistado 1 reforça o exemplo anterior no que diz respeito a ter fluência no idioma Inglês. Para esse transmigrante, a língua inglesa em sua norma padrão lhe parece algo inatingível. Por isso, ele afirma: “Falar mesmo, eu falo Português”, já que Português é sua língua materna e da qual recebeu instrução em ambiente escolar. Na oração “as outras, a gente defende”, percebe-se um tom humorístico para lidar com as outras línguas que não a língua portuguesa. A opção pelo vocábulo “defende”, nesse contexto, representa tentativa de se sobressair linguisticamente, o que, muitas vezes, não é concretizado (na visão desse transmigrante). Além disso, é possível perceber que, nos EUA, é essencial que se fale ou que se tente falar o Inglês no ambiente de trabalho. A frase “todo mundo tem que falar” condiciona o transmigrante à obrigatoriedade de se relacionar com o nativo através da língua do país de destino, mesmo que seja a partir das características de “Inglês de rua” ou do “Inglês defendido”.

O fragmento a seguir, também do entrevistado 1, reforça que há necessidade de se comunicar em língua inglesa no espaço de trabalho, principalmente para quem é empregado de contratante estadunidense. As palavras e expressões modalizadoras em “tem que falar” e “obrigado a falar”, e observações como “num adianta” representam o tom imperativo e decisivo de não distorcer esses parâmetros comunicacionais.

[Entrevistado 1]: No trabalho você tem que falar, porque eu trabalho pra americano, né. Às vezes, quando eles pedem serviço particular é. Mas, [quando] é pra outras embaixadas, outros consulados que têm dentro dos Estados Unidos, aí a língua deles você não é obrigado a falar. Mas, o Inglês, você é obrigado. [...] Quer dizer, num adianta você chegar sem [a língua inglesa].

Abaixo, a fala do entrevistado 6 comprova que a comunicação estabelecida através da língua inglesa deixa de se tornar relevante no ambiente de trabalho em que o contratante não seja norte-americano:

[Entrevistado 6]: Domino, domino, na minha área, eu domino; mas, eu estudei muito pouco, fiz pouco curso, fiz cursinho só pra, pra comunicação mesmo. Então, eu me comunicava... E então depois que eu comecei a fazer o trabalho direto com a firma que os meus primos trabalhavam, então eu comecei já a diminuir...

A repetição do verbo “dominar”, nos dizeres de 6, acaba por ter um efeito discursivo, que reflete sobre sua condição, meio que insegura, mas eficiente, na atividade com a língua inglesa. Outro fato interessante, depreendido da fala do entrevistado 6, diz respeito ao aprendizado do idioma franco em instituição de ensino – o que expõe a força do Inglês escolar como algo determinante para uma comunicação mais confortável do transmigrante com o nativo estadunidense. Presume-se que a falta de fluência em língua inglesa do transmigrante se relaciona ao fato de ele quase nunca frequentar escolas especializadas ao ensino linguístico. Os advérbios de intensidade “muito” e “pouco” na oração “eu estudei muito pouco” imprimem ao próprio entrevistado a responsabilidade de não se esforçar para possuir melhor fluência. Além disso, esses termos fazem com que o indivíduo represente para si e para os outros enquanto uma pessoa frágil (em relação à fluência da língua) e díspar do nativo, embora, em alguns dos casos, esses transmigrantes possuam a cidadania norte-americana. Sobre esse último aspecto, ratifica-se que ser cidadão não garante a competência na língua.

De igual maneira, os enunciados abaixo resgatam a importância de se estudar o idioma em instituição especializada a isso, como característica relatada, importante à consolidação da identidade do migrante no entrelugares.

[Entrevistado 1]: Depois eu estudei [...] eu fiquei na mesma companhia, mas, com outras funções, mais responsabilidade.

[Entrevistada 3]: Vai aprendendo... Tipo assim: eu fiz escola básico I, II, né. [...] Se for pra escrever, eu escrevo. Posso até ter alguns erros, né. Leio, normalmente. Aprendi a ler, né, quer dizer, pego um jornal, leio e te explico tudo o que tá ali. Com o passar dos anos você vai... começa até a ler. E fazer a tradução né, passar do Inglês pro Português e do Português pro Inglês, você vai tentando até dar certo. Graças a Deus, me viro, né.

[Entrevistada 5]: Eu falava só mesmo Inglês, né, normal, básico, né. Mas eu cheguei lá, e fui pra casa da minha irmã. Já morava lá um ano e meio. Aí, eu fiquei na casa dela e fui pra escola lá pra aprender um pouco mais, aprender mais o Inglês do dia-a-dia. Mas o Inglês lá a gente aprende muito na rua, no dia-a-dia, né. Às vezes, você faz alguma assim, um problema, então, você começa a falar um pouquinho, pouquinho, poucas palavras. Você, todo dia, vai aprender uma palavra de Inglês.

A prática de aprender a língua em ambiente escolar é representada, construindo o perfil do transmigrante em uma das suas facetas, no modo de lidar com a língua no território estrangeiro. Na fala do entrevistado 1, a frase “Depois eu estudei” indica uma circunstância temporal capaz de mudar uma realidade na prática de trabalho do transmigrante. Segundo o entrevistado, o conhecimento da língua inglesa adquirido após os estudos, permitiu-lhe permanecer na empresa na qual trabalhava. Implicitamente, deduz-se que, caso isso não ocorresse, ele ficaria vulnerável à demissão. A afirmativa “mas com outras funções, mais responsabilidade” enfatiza que é vantajoso se comunicar no idioma do nativo no ambiente de trabalho, principalmente para adquirir crescimento profissional. Dessa forma, acredita-se que o imigrante falante do Inglês se representa como um indivíduo com melhores chances de atender as expectativas de seu contratante/contratado, quando comparado àquele que não fala o mesmo idioma.

A fala da entrevistada 3 chama a atenção por informar que o contato com a língua inglesa em instituição de ensino é essencial para que o transmigrante adquira competência linguística e estabeleça interação com o nativo – mesmo que esse aprendizado seja em nível “básico”. Discursivamente, também se percebe que a entrevistada não se sente fluente na língua inglesa, pois admite cometer “alguns erros”. Ela busca alternativas para desenvolver uma relação mais simétrica (“me viro”), mas acaba se esbarrando no idioma em sua norma padrão.

A fala da entrevistada 5, por um lado, confirma a relevância de se aprender a língua inglesa em instituição de ensino, detectada como prática importante para o transmigrante. Por outro lado, o aprendizado formal, em diversos momentos, é relegado a segundo plano, pois o

que conta, muitas vezes, é que o Inglês pode ser aprendido mesmo na comunicação com o nativo, feita no “dia a dia”, caracterizando o “Inglês de rua”.

Portanto, a língua inglesa, mediante as considerações, é uma língua obrigatória ao transmigrante, especialmente se ele quer se manter em estado de igualdade/de conforto nas comunicações estabelecidas em território de destino e com a população nativa da terra de destino. Não basta apenas aprender o idioma instrumental, voltado, no caso desta pesquisa, ao ambiente de trabalho do transmigrante. É preciso expandir o vocabulário para abarcar outras instâncias da vida social e dissipar o próprio preconceito que o transmigrante forma em relação a si mesmo: de que é incapaz ou que não possui competência para se expressar, formalmente e de maneira escolarizada, na segunda língua.

Nesse contexto, entende-se que a língua inglesa constrói o significado representacional e mostra-se um elemento formador de identidades do entrelugares no momento em que impõe a diferenciação social entre o transmigrante e o estadunidense, pois o imigrante se sente fragilizado nas comunicações estabelecidas ao desconhecer o idioma escolarizado do Outro. Comprova-se, dessa forma, o pensamento de Raffestin (1993) sobre a língua enquanto trunfo nas relações.

### **6.2.5 Os costumes: práticas reinventadas nos dois lugares?**

Os costumes desenvolvidos pelo transmigrante nos dois territórios se mostram um componente de seu perfil identitário à medida que enumeram e descrevem os hábitos desse indivíduo, os quais tendem a ser diferenciados para uma e outra nação. Logo, ao mudarem-se os costumes praticados em cada país, muda-se a forma de representar a si mesmo e de representar a realidade a sua volta.

Na pesquisa realizada, destacando também o significado acional dos discursos, e como parte de uma identidade que se consolida, nota-se que os hábitos relatados pelos transmigrantes, em sua maioria, singularizam-se para cada um dos países, isto é, há costumes desenvolvidos especificamente no Brasil e nos EUA. Em alguns momentos, no entanto, os mesmos hábitos são reproduzidos nos dois territórios, mas sob uma perspectiva distinta. Sobre esses aspectos, destaca-se que a condição de lugar, colocada por Claval (1999), influencia a forma de se pensar o próprio modo de vida no país de origem e o modo de vida do Outro, no

país de destino. Conforme esse autor, o território é um componente da identidade, pois ele oferece àqueles que o habitam, territorialidades e fortes referências simbólicas de pertencimento.

Os EUA têm tendência a ser o local de trabalho árduo, seja na condição de empregado seja na condição de empregador. O Brasil, por sua vez, passa a ser o local de lazer ou onde a vida financeira, sustentada também pelo trabalho, é menos cansativa e com mais tempo reservado à família e aos amigos.

[Entrevistado 6]: Eu trabalho né, eu gosto de lá. É um ritmo de vida totalmente diferente. Lá, eu levo um ritmo de vida totalmente diferente, porque o clima, a situação que a gente vive é totalmente diferente, não é? Lá, você num sai; aqui, às vezes, sai e encontra algum colega na rua, encontra com outro, vai pro boteco e tal. Lá, também tem, mas, não é a mesma coisa: a maioria do pessoal tá trabalhando, a gente se encontra muito no final de semana ou à noite. Tem um aniversário de um colega, a gente vai. A gente se reúne sabe, então. É, tem muita atividade, mas, o ritmo de vida é diferente. Na segunda-feira, todo dia, todo mundo tá trabalhando. Não é assim, com muito tempo, igual a aqui, não.

[Entrevistado 1]: Eu, quando eu tô trabalhando, eu não me sinto só, sinto mais só quando eu tô aqui no Brasil.

[Entrevistada 5]: Geralmente, era do trabalho pra casa, casa pro trabalho.

Discursivamente, os limites de comparação são condicionados às circunstâncias de lugar. A fala do entrevistado 6 utiliza os termos “aqui” e “lá” e a expressão “totalmente diferente” como marcadores de distinção entre o Brasil e os EUA. Os dizeres mostram que o objetivo da transmigração com direção aos EUA, é, em suma, destinado ao trabalho. Assim, o serviço no qual se insere o transmigrante, caracteriza-se, ao mesmo tempo, um costume e uma prática no território de imigração. Enquanto hábito ou enquanto justificativa para se emigrar, o trabalho é naturalizado e faz parte da rotina dos transmigrantes, o que, no Brasil, pode não receber tamanha importância. O complexo oracional, em voz ativa, “Na segunda-feira, todo dia, todo mundo tá trabalhando. Não é assim, com muito tempo, igual a aqui, não” representa a visão do transmigrante no que diz respeito às disparidades de hábitos realizados no Brasil e nos EUA e demonstra modos de agir diferenciados para cada território. Em geral, a construção das sentenças, ligada às ações descritas no país de destino, referem-se a uma

posição ativa diante dos eventos e dos fatos, o que denota o poder de ação sobre as contingências do território e a percepção do significado acional.

Implicitamente, a terra de origem simboliza o local onde as pessoas dividem sua vida com outros afazeres, que não, em sua totalidade, o trabalho. Essa situação recebe um tom pejorativo ao se afirmar sobre os EUA: “Não é assim, com muito tempo, igual a aqui, não”, o que também é complementado pela fala: “[...] a maioria do pessoal tá trabalhando, a gente se encontra muito no final de semana ou à noite”. Isso sugere que, no Brasil, as pessoas ficam mais ociosas e preocupadas com uma vida social, diferentemente dos EUA, representados pelos transmigrantes como local cujo lazer é colocado em segundo plano. Discursivamente, para esse entrevistado, o hábito do trabalho árduo é representado como algo positivo, tanto que se ratifica “Eu trabalho, né, eu gosto de lá”. Nesse aspecto, pode-se falar de práticas de transmigração e de práticas do entrelugares através dos costumes desenvolvidos pelos transmigrantes, ilustrando, mais uma vez, o significado acional.

A fala do entrevistado 1 concorda com a fala do entrevistado 6 ao valorizar o trabalho enquanto costume ou enquanto prática mais árdua na terra de destino. Percebe-se que o transmigrante é tão acostumado a se ocupar que, quando está no Brasil, onde seus objetivos de transmigração são diferentes, ele sente falta de seu ofício e acaba se encontrando em situação de solidão. O termo “mais”, no período “[...] sinto mais só, quando eu tô aqui no Brasil”, é termo circunstancial que intensifica a dor de não ter ninguém para se relacionar e que, implicitamente, coloca o país de origem como lugar onde o trabalho deixa de ser um costume genuíno. Esse fato tende a ser diferente do pensamento comum, que é o de sentir-se só no país estrangeiro. Ele tem a ver com a condição do ser que trabalha, mais adaptado ao país de destino. Daí falar que existe certo desenraizamento para esse transmigrante, quando ele deixa os EUA e retorna ao Brasil.

A fala da entrevistada 5 também representa o mundo estrangeiro como espaço onde o trabalho é um hábito. A escolha pelo termo “geralmente” se torna decisivo na assertiva, uma vez que comprova que restam poucos costumes a serem desenvolvidos nos EUA: ou se vai para casa a fim de descansar, ou se vai para o trabalho.

Diferentemente do costume de se dedicar quase integralmente à profissão, a vida social nos EUA garante outro hábito que se relaciona ao modo de viver dos nativos. Os transmigrantes brasileiros entrevistados citaram os encontros com amigos em suas casas como o principal costume realizado na terra de destino. Destaca-se, entretanto, que nenhum transmigrante citou como hábito realizar passeios turísticos. Sobre essa situação, presume-se

que o objetivo da transmigração valadarense, no estudo de caso em questão, resume-se especificamente ao trabalho, ao ganhar recursos financeiros para investimento no Brasil.

[Entrevistado 1]: A vida social lá, pra mim, é a mesma daqui, porém, só muda o horário né, aqui, é à noite, o povo vira a noite; e, lá, não, é durante o dia. [...] Na região onde eu moro, dá dia de sábado, a gente vai pra casa do Ronald, por exemplo, faz um churrasquinho, toma uma cerveja, quer dizer, quem toma, né; e eu ouço uma musiquinha baixa durante o dia, porque, à noite, também, deu sete horas, oito horas, cada um vai pro seu canto. Mas, a festa tem dia, lá, começa oito horas da manhã. É assim: o almoço, é churrasco. E sete horas, oito horas, cada um pega seu carro e vai embora, sem estar tonto. Quem estiver tonto, o dono nem deixa sair, porque, se sair, o cara bebeu na sua casa e sai, ali, a polícia te pegou: “Você bebeu, onde? Na casa de fulano?”. Ele tem problema, e o cara, dono lá da casa, também tem problema, porque deixou ele sair dirigindo.

Os dizeres do entrevistado 1 comportam a representação do estadunidense como alguém que tem hábitos sociais parecidos com os dos brasileiros. No entanto, há diferenciações para horários, dia e local destinado à ação de beber com amigos. Os termos adversativos “porém” e “mas” sustentam essa disparidade entre os modos de agir em um e em outro território, o que mostra, nesse aspecto, um componente do significado acional. A oração “A vida social lá, pra mim, é a mesma daqui” é interessante, porque sugere que a transmigração já igualou muitos costumes nacionais, devido a sua recorrência e a sua naturalização como prática na vida dos transmigrantes e, até mesmo, devido ao fato de esse transmigrante conviver somente com a população do país de destino. O enunciado “[...] dá dia de sábado a gente vai pra casa do Ronald, faz um churrasquinho, toma uma cerveja”, discursivamente, menciona que o transmigrante transita com tranquilidade pelo ambiente social do nativo. O nome “Ronald” e a expressão “casa do Ronald” representam, respectivamente, elemento típico do estrangeiro e proximidade com o estrangeiro. Os dois, no plano discursivo, podem ser encarados como uma situação de equidade relacional conquistada pelo brasileiro em solo norte-americano, já que só se entra na casa do Outro caso se possua intimidade com ele. Os termos “churrasquinho” e “cerveja”, tipicamente do Brasil, representam a mistura cultural e ilustram o entrelugares, como território simbólico de trocas culturais. A prática da coerção para o “dirigir bêbado” é apoiada e ratificada pelos migrantes, expressa com a sentença “também tem problema”, o que sustenta, na interdiscursividade, um discurso de apoio à repressão à ação, em geral praticada no território estadunidense. Assim, percebe-se que essa mistura cultural permite que se ratifiquem ações realizadas no dia-a-dia

estadunidense, com valores brasileiros, o que corresponde ao “beber e não poder dirigir”, elemento de um discurso politicamente correto, sustentado como parte dos dizeres do local de destino.

Outro costume desenvolvido nos EUA é o de participar de eventos em instituição religiosa. Nesse caso, a maioria dos entrevistados diz realizar o mesmo hábito no Brasil.

[Entrevistada 5]: A gente ia na igreja.

[Entrevistado 6]: Eles são diferentes. As festas deles, mesmo lá na igreja, que a gente participa, de Santo Antônio... Então, todo ano, tem a festa de Santo Antônio né, em junho. Ali tem a festa de Santo Antônio, e a gente faz a nossa também. Quadrilha. A gente faz a nossa festa também. Então, tem a deles. E tem a nossa também, né. Tem o ritmo deles e a nossa, com quadrilha, com quentão.

[Entrevistado 2]: Posso deixar a turma de Jesus, não (risos). Ele, pra mim, é o polo principal da minha vida: Cristo.

Os entrevistados 5 e 6 afirmam que frequentavam a Igreja enquanto estavam transmigrados nos EUA. Em conformidade com o entrevistado 6, nota-se que a cultura brasileira também se evidencia nos EUA, especialmente quando se encontra em meio aos enclaves étnicos: “A gente faz a nossa festa também. [...] Tem o ritmo deles e a nossa, com quadrilha, com quentão”. No evento discursivo anterior, os vocábulos “quadrilha” e “quentão” são os marcadores de diferenciação entre a cultura de ambos os países, mostrando-se elementos transportados de um território a outro através dos transmigrantes. Além disso, ter “quadrilha” e “quentão” nas festas comemorativas religiosas nos EUA, de certa forma, exalta o modo de representar o universo brasileiro dentro da cultura estrangeira, o que leva a crer que as festas promovidas pela comunidade étnica brasileira é superior à festa promovida pelo estadunidense.

A fala do entrevistado 2 é também interessante. Discursivamente, presume-se, através da afirmação “Ele, para mim, é o polo principal da minha vida”, que a crença religiosa sustenta até mesmo o hábito de transmigração, no momento em que garante apoio espiritual aos momentos de distanciamento do transmigrante de sua terra de origem. O termo “a turma de Jesus” simboliza o discurso religioso utilizado pelo transmigrante, compondo o significado representacional e a interdiscursividade que permeia os relatos. Já o enunciado “Posso deixar

a turma de Jesus, não”, com elemento circunstancial negativo, enfatiza uma obrigatoriedade de se equilibrar a vida cotidiana no universo espiritual.

Enquanto lazer, o encontro esportivo, por meio de torneios de futebol, ilustra o hábito do transmigrante nos EUA e no Brasil.

[Entrevistado 2]: “Lá eu tinha um time de futebol. Eu jogava [no time dos] de cinquenta. [...] É, vários times. Fui mudando de idade, fui mudando pra frente. Eu tinha um time lá, que ia, nossa!, todo domingo de manhã, era quarta-feira à noite e domingo de manhã. [...] Graças a Deus, eu tenho um convívio muito bom, não só lá como aqui, aqui onde nós temos uma pelada na quarta à noite.

Essa fala do entrevistado 2 contribui para a distinção da prática esportiva realizada nos EUA e no Brasil. Inserido no contexto da terra de destino, o enunciado “Lá eu tinha um time de futebol” denota que o transmigrante se movimenta com flexibilidade no ambiente estrangeiro e passa a se divertir com o nativo através do futebol. O tempo pretérito perfeito do processo material “ter” indica que o transmigrante cumpria uma ação recorrente nos EUA de jogar futebol e que ainda a mantém no Brasil: “[...] aqui onde nós temos uma pelada quarta à noite”, fato que também comprova a construção do significado acional. Entretanto, na terra de origem, esse hábito parece não ocorrer com tanta frequência ou não ter recorrência, já que se encontra com o time para jogar bola somente “quarta à noite”. É interessante marcar a diferenciação entre “ter time de futebol nos EUA” e “jogar pelada no Brasil”. A escolha do léxico em função dos territórios carrega uma carga valorativa, em que, na terra de destino, o processo do “jogar futebol” aparece como um fato em que o esporte é levado a sério, enquanto que, na terra de origem, é mais descontraído. A interjeição “nossa!”, também nesse contexto, é contundente. Ela sugere que os momentos de lazer são aprazíveis e funcionam como distração, mas o lazer também é levado a sério com a prática da montagem de times, em um discurso com práticas legitimadas em que, na maior parte do tempo, nos EUA, conforme já exposto, passa-se trabalhando.

Ainda no evento discursivo anterior, a frase “[...] eu tenho um convívio muito bom, não só lá como aqui”, destaca um mecanismo de avaliação à convivência social do transmigrante com a população da terra de destino e da terra de origem. Nesse sentido, depreende-se parte do significado acional. Os termos aditivos “não só” e “mas também” revelam que, por meio da convivência relatada nas entrevistas, destacam-se valores, costumes

e práticas, citados de forma reiterada, as quais, por sua vez, interferem a construção identitária do transmigrante.

O transmigrante, quando retorna à terra de origem, costuma frequentar os ambientes rurais. Alguns deles investem na compra de fazenda e trocam a vida das cidades globais pelo sossego do campo.

[Entrevistado 2]: Aqui, no Brasil, você vai pra roça. Depois que eu cheguei, eu cheguei em dezembro e eu tinha uma fazenda [...], tinha cento e cinquenta alqueires de terra [...].

A declaração “Aqui, no Brasil, você vai para a roça” proporciona a noção de que o Brasil é lugar de descanso junto à família. Ir para a roça é totalmente o inverso de ir para os EUA, que são representados como “centro das atividades no mundo”, através da mídia, como o país da alta tecnologia, do consumismo, dos grandes centros urbanos, o lugar da captação de recursos. Dessa forma, o processo mental do “ir”, em “ir para a roça”, significa um hábito típico e só efetuado no Brasil. Nesse trecho, também se torna relevante a escolha pelo caráter impessoal do pronome, o que figura no uso do “você”. “Ir para a roça” representa uma prática que compõe parte da identidade brasileira. Esse pronome indica que o ator do processo de ir para a roça é genérico, isto é, pode ser qualquer um. Discursivamente, a opção pelo “você” sugere que todos os brasileiros, ou a grande maioria deles, mantém esse hábito de frequentar o ambiente rural. “Ir para os EUA” e “ir para roça” são práticas que, a princípio, seriam incompatíveis entre si, mas que, no conjunto, compõem a rede de práticas do território transnacional e do território de entrelugares.

Mediante as considerações, percebe-se que, entre os costumes dos transmigrantes, há aqueles que são específicos para cada um dos territórios e aqueles que, por diversas vezes, podem ser concretizados nas duas nações, mas de maneira distinta. Daí se falar que certos costumes são reinventados nos dois lugares e são co-presentes.

## 6.2.6 Os valores: o olhar sobre si e sobre o Outro

Os valores têm a ver com aquilo em que os transmigrantes acreditam; o modo como eles representam algo discursivamente. Dessa forma, fala-se de totalidade dos sentimentos dos transmigrantes, considerando-se que eles sentem sobre o Outro: seja território ou outro grupo; seja uma pessoa; seja outro sistema de ações consensuais num determinado espaço.

Os dados recolhidos através do gênero entrevista, em sua maior parte, evidenciam os valores do transmigrante desenvolvidos para os dois territórios. Devido a isso, esta seção se fragmenta em: as representações do transmigrante sobre os EUA e sobre o Brasil; as representações do estadunidense sobre o brasileiro (embora efetuada pelo discurso transmigrante, que é também um brasileiro); e as representações do brasileiro sobre o estadunidense.

### 6.2.6.1 As representações do transmigrante sobre os EUA e sobre o Brasil

Nesta pesquisa, considera-se que o olhar sobre si e sobre o Outro, ou sobre a terra de origem e a terra de destino, incidem sobre as características do ser (CLAVAL, 1999), dos sentimentos e das emoções relatadas. Nessa perspectiva, os EUA e o Brasil se representam de distintas maneiras para distintos atores, e criam crenças também diferenciadas sobre um e outro território. Na perspectiva de Fairclough (2003), pode-se dizer que esse contexto cria o significado representacional, que, por sua vez, interfere a construção do significado identificacional.

Conforme os discursos coletados, são vários os aspectos socioculturais que diferenciam os EUA do Brasil e que, portanto, ajudam a construir o conceito de “entrelugares” nesta pesquisa. Na visão dos transmigrantes em estudo, há uma tendência do olhar mais valorizado às condições do estrangeiro. Para relatar isso, linguisticamente, eles utilizam muitos adjetivos valorativos e estabelecem condições sintáticas de comparação.

Nesta seção, trabalham-se com as representações dos transmigrantes sobre: tratamento ao idoso, impostos, sistema de saúde, funções de órgãos públicos, tratamento cordial ao cidadão, segurança, leis e consumo.

As falas abaixo marcam a disparidade entre o Brasil e os EUA acerca da temática “tratamento ao idoso”. Do grupo entrevistado, destaca-se que nenhum dos transmigrantes ainda se compreende na categoria “terceira idade”. Todos ainda são adultos (mais que 40 anos e menos que 60) em fase produtiva.

[Entrevistado 1]: Pretendo viver meu futuro, minha velhice, mais lá. Aqui, não, porque aqui não tem valor, infelizmente, aqui não. Aqui, quando fica velho, encosta uma cama no canto e o que só [...] sabe fazer é dar comida e dar banho e ali, tchau. Lá, não. Lá, velho tem valor.

[Entrevistada 3]: Você vê lá uma senhora com oitenta anos, você dá, assim, sessenta, vamos dizer, porque tá sempre com cabelinho bem penteado, tá sempre de batonzinho, tá sempre com a roupa limpinha e bonita. Você tem a impressão de que aquela pessoa tem dinheiro mesmo, que é o contrário do nosso país, né?

No fragmento discursivo do entrevistado 1, nota-se uma apreciação do estrangeiro no que diz respeito ao tratamento destinado ao idoso. A oração “Pretendo viver meu futuro, minha velhice, mais lá” sugere que o transmigrante deseja continuar efetuando o movimento de transmigração ou mesmo encerrá-lo no território de destino, pois ressalta que a maior parte do tempo, de sua velhice, intenciona passar nos EUA. A justificativa para essa opção provém do fato de o transmigrante, discursivamente, relatar que, no Brasil, o idoso tende a ser desvalorizado e abandonado pelos familiares, o que pode ser comprovado pelo complexo frasal “Aqui, quando fica velho, encosta uma cama no canto e o que só [...] sabe fazer é dar comida e dar banho e ali, tchau”. O termo “tchau”, nesse fragmento, é uma expressão popular que simboliza finalização, algo para o qual não restam mais ações a serem dispensadas. Nesse sentido, o idoso, no Brasil, de acordo com o entrevistado, não recebe outros cuidados que não atenção ao banho e à alimentação. E isso, para o entrevistado, é o que definitivamente acontece, representado pelo termo “só”. A frase “Aqui, não, porque aqui não tem valor, infelizmente, aqui não” é enfática. O uso repetitivo do elemento circunstancial de negação (“não”) e o termo “infelizmente” se direcionam para a construção do significado representacional do Brasil enquanto país em que ocorre descaso com sua população idosa. De forma contrária, aparece a crença nos EUA como terra em que, de forma generalizada, os idosos são respeitados e valorados, o que é sugerida pela oração: “Lá, velho tem valor”.

A fala da entrevistada 3 também demonstra uma apreciação à terra de destino no que tange o cuidado com as pessoas mais velhas. O significado representacional, nessa fala, é construído através do modo de dizer informal da entrevistada, principalmente a partir de seu exemplo para sobrepor os EUA ao Brasil. No enunciado “Você vê lá uma senhora com oitenta anos, você dá, assim, sessenta, vamos dizer, porque tá sempre com cabelinho bem penteado, tá sempre de batonzinho, tá sempre com a roupa limpinha e bonita”, o uso do “você”, além de marcar uma impessoalidade, quase que como se referindo a alguém não indicado, neutro, chama o interlocutor à reflexão do fato de os idosos estadunidenses serem, para ela, mais bem cuidados que os idosos no Brasil. A escolha pelos vocábulos “cabelinho”, “batonzinho” e “limpinha”, utilizadas todas no diminutivo, sugerem que as pessoas mais velhas nos EUA requerem e possuem assistência e afago dos familiares ou dos cuidadores, tão quanto as crianças. A frase “Você tem a impressão de que aquela pessoa tem dinheiro mesmo, que é o contrário do nosso país”, coloca o discurso enquanto prática social, pois divulga a naturalização do dizer econômico em que somente aqueles que possuem recursos financeiros possuem direito aos bons cuidados. No exemplo em questão, presume-se que os idosos estadunidenses fogem a esse senso comum, pois, possuindo ou não dinheiro, recebem assistência. Daí se acreditar que tal prática, pelo olhar dos transmigrantes, é mais evidente no Brasil, fato notado pela afirmação “que é o contrário do nosso país”.

A referência aos impostos recebe julgamento de valor pelos transmigrantes e marca que, no Brasil, os tributos são mais elevados e cobrados em maior quantidade, caso comparado aos EUA:

[Entrevistado 1]: Eu gosto daqui também, é lógico, mas, em termo de você viver, em termo de tudo, assim, financeiro, moradia, segurança, saúde, não resta a menor dúvida... No Brasil, o tanto de imposto que eu pago... No Brasil, eu pago muito mais imposto aqui do que lá, muito mais. [...] O seguro de moto de veículo, né, já subi não sei quantos por cento, mas, é um dinheiro que você não vê retorno dele. Lá, não. Você paga, mas, você tem o retorno.

A fala do entrevistado 1 apresenta uma justificativa para não se gostar totalmente do Brasil, com o volume de impostos mencionados. A frase “Eu gosto daqui também, é lógico, mas, em termo de você viver, em termo de tudo, assim, financeiro, moradia, segurança, saúde, não resta a menor dúvida...” reforça a ideia de que a terra de destino fornece melhores estruturas para que o cidadão viva com dignidade. As expressões “é lógico” e “não resta a

menor dúvida” garantem ao dizer a comprovação de que, na opção entre o Brasil e os EUA, o entrevistado não hesita em escolher o país estrangeiro. Um fato que justifica a crença de valoração dos EUA sobre o Brasil diz respeito aos impostos estabelecidos por uma e por outra nação. No enunciado “No Brasil, eu pago muito mais imposto aqui do que lá, muito mais”, a expressão repetida “muito mais” intensifica a disparidade de taxas, presumindo, até mesmo, ser essa cobrança algo abusivo. Na finalização frasal “Lá, não. Lá você paga, mas, você tem o retorno”, o termo circunstancial “lá” e a conjunção “mas” promovem um contraste entre os territórios de destino e de origem do transmigrante, quando associados à frase “[...] O seguro de moto de veículo, né, já subiu não sei quantos por cento, mas, é um dinheiro que você não vê retorno dele”. Nessa comparação, acredita-se que, nos EUA, os tributos pagos são revertidos em benefícios para os cidadãos; já, no Brasil, isso tende a não ocorrer com frequência, gerando insatisfação e lamento, sustentando, mais uma vez, um discurso de reprovação às práticas do território de destino.

Ainda no evento discursivo do entrevistado 1, percebe-se a recorrência do pronome “você”. É uma forma interpessoal de lidar com o entrevistador, mas, indireta no tratar das questões, com a impessoalidade marcada. Essa parte interpessoal tem a ver com o modo de representar o Outro, ao dialogar com ele, ou seja, com quem quer que fosse a entrevista, o dizer incidiria sobre um modo de dizer que “todos têm assistência nos EUA”, ou “[...] em termos de você viver [...]” os EUA são o melhor lugar.

Em relação ao sistema de saúde presente em um e em outro país, mais uma vez, o transmigrante acredita que o da terra de destino é o mais eficiente e apropriado ao atendimento à população.

[Entrevistada 3]: Porque nos Estados Unidos é diferente: é Estados Unidos [...], porque lá você tem direito mesmo! Por exemplo: se você chega lá de visita, hoje, e acontece alguma coisa com você, um acidente, uma dor, qualquer coisa, a gente já pode te pegar direto e te levar pro hospital. E o hospital do milionário lá é da pessoa humilde que sou eu. Vamos dizer: lá tem o mesmo tratamento; é VIP. Não existe quarto diferente como aqui. Não existe a tal de enfermaria lá. Você tá entendendo? Você chega, é um quarto com uma cama pra você e a cama do acompanhante do lado. Esse quarto é um hotel de cinco estrelas aqui no Brasil! Você tem de um tudo dentro desse quarto: geladeira, *freezer*, sua cama é a melhor, roupa de cama [...] sofá pra você receber as suas visitas, um banheiro individual só pra você. Eu tô falando de coisa *chick*, bem bonita mesmo, nem um dos melhores hospitais aqui dentro de Valadares, por exemplo, não tem um hospital... [...] A gente aqui não tem apoio nenhum, porque você vai num hospital, você não tem um plano de saúde nem nada, se não for Deus, morre lá, na porta. E lá não, lá eles não te perguntam nem que nome você tem, depois que você foi atendido, resolvido o seu problema, se precisar de

uma cirurgia, depois de tudo pronto que eles vão te perguntar se você trabalha, de onde você é e qual o seu nome.

Acima, a fala da transmigrante 3, através do termo “Por exemplo” – citação recorrente de ações e eventos nos EUA –, estabelece um paralelo entre o atendimento do sistema de saúde estadunidense e o brasileiro. Os termos “lá” e “aqui”, textual e circunstancialmente, garantem a distinção entre os países e a construção do significado representacional sobre ambas as nações.

Uma tabela pode ser usada para melhor ilustrar esse acontecimento. Nela, marcam-se, a partir da análise textualmente orientada, as características do sistema de saúde norte-americano em oposição ao sistema de saúde brasileiro, o qual aparece com características pressupostas, já que, na maioria das vezes, a fala da entrevistada deixa essa construção descritiva nas entrelinhas.

Tabela 1 – Sistema de saúde estadunidense e brasileiro sob a perspectiva do transmigrante

<b>Sistema de saúde norte-americano</b> <b>Constatações</b> <b>Transitividades construídas pelos</b> <b>entrevistados</b>	<b>Sistema de saúde brasileiro</b> <b>Pressuposições</b>
“É diferente”.	Faz parte do conhecimento de senso comum, deixando a desejar em seu atendimento de qualidade.
“Você tem direito mesmo”.	Seus direitos dependem de uma série de fatores.
“O hospital do milionário lá é da pessoa humilde que sou”.	Os hospitais brasileiros fazem distinção de atendimento para as classes sociais.
“Tem o mesmo tratamento: é VIP”.	Não dispensa o mesmo tratamento aos cidadãos, pois faz distinção de classe social a qual pertence o paciente.
“Não existe quarto diferente como aqui. Não existe a tal da enfermaria lá”.	A enfermaria é local de diferenciação de classe social e de poder aquisitivo do paciente.
“Esse quarto é um hotel de cinco estrelas aqui”.	Os quartos de hospitais não deixam o paciente bem instalado.
“Coisa chick, bem bonita mesmo”.	Os hospitais têm problema em sua infraestrutura.
“Resolvido o seu problema, se precisar de uma cirurgia, depois de tudo pronto que eles vão te perguntar se você trabalha, de onde você é e qual o seu nome”.	A preocupação é primeiramente saber se o paciente tem condições financeiras para arcar com um atendimento particular. Dependendo dessa condição, ele tem atendimento diferenciado.

Nesse contexto, conclui-se, pela observação da transitividade, que a condição valorativa do local de destino prevalece, representando-o como ideal, diante das práticas, valores e sistema de conhecimentos e crenças da terra de origem.

A fala a seguir, sobre a prática da transmigração, também da depoente 3, reafirma os dizeres acima.

[Entrevistada 3]: [...] Eu amo o Brasil. Ainda falta muita coisa, num é pouca não! Então, o que aqui, o que a gente vê, hoje, graças a Deus, porque tem condições financeiras pra pagar um plano de saúde, né, pra poder ir num médico particular e tudo... Quer dizer: lá, se você não tiver tudo isso, você vive da mesma maneira, com os mesmos direitos, né. Então, isso é muito importante.

Ainda sobre a questão da saúde nos dois países, o uso dos intensificadores “muita” e “pouca”, pela entrevistada 3, na oração “Ainda falta muita coisa, num é pouca não!”, de sentidos opostos, marca, de maneira enfática, a condição de valor do sistema de saúde brasileiro segundo a perspectiva do transmigrante. Essa inexistência de qualidade no atendimento ao cidadão, revelada pelo processo do “faltar”, não é caracterizada explicitamente, tanto que usa o termo “coisa”, de significado genérico. O termo “então”, conclusivo, reafirma a crença do entrevistado de que o sistema de saúde do Brasil é bem diferente do sistema de saúde norte-americano. A expressão “quer dizer”, no fim do trecho da entrevista, ratifica o pensamento do transmigrante, que é dita, mais uma vez, para o ouvinte, de outra forma.

Nessa mesma fala, torna-se interessante pontuar sobre a oração “Eu amo o Brasil”. Dentro do contexto de transmigração, o processo do “amar” representa uma contradição. Assim, o transmigrante apresenta o país de origem, diz que o ama, mas depois relata experiências valorativas do país de destino. Isso demonstra uma identidade cindida, moldada em/por diferentes lugares. (WOODWARD, 2006; CLAVAL, 1999)

Citando um exemplo de atuação dos órgãos públicos, a fala abaixo coloca que, nos EUA, as funções delegadas a cada setor são cumpridas, especialmente, porque não há muitas responsabilidades dispensadas para as áreas. Contrariamente, no Brasil, um órgão público possui diversas funções, o que acaba por atrasar ou por não cumprir a resolução dos processos.

[Entrevistado 1]: Que você chega lá e sai e você não vê uma ponta de cigarro na rua, por quê? Porque ele tem fiscal. A prefeitura só fiscaliza. [...] tudo é terceirizado mesmo. Nós mesmos prestamos serviço pra prefeitura de lá e a gente é fiscalizado pela prefeitura, pelos fiscais da prefeitura, mas, quem presta o serviço é terceiro, não tem esse negocio de cheio de prefeitura. E aqui tem um monte de obra encerrada, adiada, sem base, sem saneamento. O saneamento básico daqui, tudo é do SAAE<sup>43</sup> mesmo, tudo pertence à prefeitura.

O exemplo utilizado pelo entrevistado na fala acima usa também as comparações entre o Brasil e os EUA. O uso do pronome “você” é genérico e indica que qualquer pessoa pode perceber que, no território da terra de destino, a ação dos órgãos públicos se processa de forma diferente daquela efetuada na terra de origem. A expressão “uma ponta de cigarro” sugere, metonimicamente, que nenhum objeto é jogado nas ruas dos EUA. Logo, deduz-se que há aí uma cultura de limpeza do ambiente urbano, consequência de uma fiscalização rígida por parte da Prefeitura local, destacando o discurso da punição caso as regras sejam desrespeitadas. Essa ideia é ratificada pelas orações “Porque ele tem fiscal” e “A Prefeitura só fiscaliza”, em que o termo “porque” justifica a prática social; e o termo “fiscal”, junto ao processo do “fiscalizar”, em “só fiscaliza”, são essenciais ao trabalho do órgão público. No fim dos dizeres, o olhar do transmigrante se volta para o Brasil. Ele usa os adjetivos “adiada”, “sem base” e “sem saneamento”, característicos das obras desenvolvidas pelo poder municipal, em oposição à ideia dispensada sobre os EUA anteriormente. Dessa forma, implicitamente, revela suas representações sobre ambos os territórios.

Assim como o bom atendimento do sistema de saúde, o transmigrante acredita que o tratamento cordial ao cidadão, dispensado pela polícia, é um elemento diferenciador dos EUA. As falas abaixo retratam esse ponto de vista.

[Entrevistado 1]: Aí, o policial veio, perguntou se eu precisava de ajuda. Eu falei que meu carro tinha acabado o combustível. [...] Aí o cara falou: “O carro tá sem combustível, tá fazendo frio”. Me pôs na viatura e me levou em casa. Aqui foi o contrário: rebocou meu carro e me multou ainda [...]. Perguntei: “Sr., num pode me dar uma carona, pelo menos até Alpercata?”. Ele falou comigo assim: “Isso aqui não é taxi, não. Liga pra um taxi”.

[Entrevistado 2]: [a corporação policial] é bem remunerada. [...] num tenta subornar eles não. Você tentar subornar um policial, você tá preso, não adianta. Ah! Todo lugar tem corrupto, pode ter, mas, esses vinte seis anos que eu vivi lá, eu não consegui ver essa imagem, né? Como já assisti muita televisão aqui, mas, não

<sup>43</sup> Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Governador Valadares/MG.

consegui ver essa imagem. A menos que eles não passam, né, não publicam. Mas, o policial é educado [...].

A fala do entrevistado 1 se torna interessante ao passo que ressalta duas situações distintas de interação entre o cidadão comum e o policial, ocorridas, simultaneamente, na terra de destino e na terra de origem. O transmigrante representa o modo de tratamento utilizado pelo agente de segurança nos EUA, com as sentenças “tá fazendo frio” e “Me pôs na viatura e me levou em casa”. A expressão “levar para casa”, ação em que o transmigrante é paciente, denota iniciativa de cordialidade, oposta à atitude relatada nos dizeres do entrevistado sobre o mesmo tipo de ocorrência no Brasil, com a delimitação territorial e o julgamento do entrevistado “Aqui, foi o contrário”. O depoente representa o policial brasileiro em situação semelhante, retratando os dizeres desse agente em oposição ao tipo de dizer do policial dos EUA: “Ele (o policial brasileiro) falou comigo assim: ‘Isso aqui não é taxi, não. Liga pra um táxi’”. Discursivamente, o policial, no Brasil, é representado como parte de um sistema de segurança pública frágil, retratando a instituição de segurança por meio de uma ação com atitudes diferentes nos territórios de origem e de destino.

A fala do transmigrante 2 também tenta construir a representação profissional dos agentes de segurança pública. Mais uma vez, detecta-se que essa classe, na terra de destino, é melhor vista que a pertencente à terra de origem. A frase “Você tentar subordinar policial, você tá preso, não adianta” realça a crença de que o policial estadunidense é honesto. A oração “Ah! Todo lugar tem corrupto, pode ter, mas, esses vinte e seis anos que eu vivi lá, eu não consegui ver essa imagem, né?” contribui para a construção simbólica do policial como aquele que não é corrompido. A expressão “vinte e seis anos” sugere que essa imagem criada pelo transmigrante seja real e algo crível, uma vez que, em todo esse tempo, ele nunca encontrou qualquer ação que comprometa a integridade do agente de segurança.

[Entrevistada 3]: Nos Estados Unidos, você pode andar à vontade. Há segurança; é mais tranquilo, sem grades, sem portões [...]. Lá, não tem muro nas casas – pra você ter ideia. [...] Você pode sair, ir pro trabalho o dia inteirinho, trabalhar, deixar sua porta encostada. Na hora que você chegar, sua casa continua a mesma.

[Entrevistado 6]: No Brasil, o que eu não gosto, uma coisa que eu não gosto muito aqui é a... Só o meu medo aqui, é só a segurança. [...] ah, lá, lá não tem o que eu mudaria lá não, não.

As falas citadas trabalham com a perspectiva do transmigrante sobre a violência e a criminalidade, o que se figura na segurança das casas e das ruas. Nos dizeres da depoente 3, focam-se os EUA; já nos dizeres do depoente 6, pontua-se sobre o Brasil. Nesse paralelo, percebe-se uma crença mitificada de que na terra de destino inexistem furtos e violência. Isso é reforçado pela oração “Ah, lá, lá não tem o que eu mudaria lá não, não”. Na fala da entrevistada 3, o termo “você” generaliza os sujeitos dos processos “poder andar à vontade”, “poder sair”, “poder trabalhar”, “poder deixar” e “chegar” nos EUA. O elemento circunstancial modal “à vontade” se relaciona à ideia de “segurança”, a qual, por vez, caracteriza o território, através dos termos: “mais tranquilo”, “sem grades” e “sem portões”. A fala do entrevistado 6, ao contrário, representa o Brasil como país violento, ou que não oferece segurança. Assim, o transmigrante afirma “só o meu medo aqui, é só a segurança”, em que o vocábulo “medo” reforça a disparidade entre os países e cria o significado representacional. O termo “só” é interessante, pois, demonstra, outra vez, a identidade cindida (WOODWARD, 2006; CLAVAL, 1999; CASSARINO, 2004; SOUZA; BIAVATI, 2012) do transmigrante. Deduz-se que ele gostaria mais de sua terra de origem, se ela lhe oferecesse outra realidade de vida, distanciada do medo de violência.

No tocante ao cumprimento das leis em ambos os territórios, destaca-se o fragmento a seguir:

[Entrevistado 2]: [...] mas, lá, a lei, a lei não é diferente daqui. Só que ela é executada. Lá, se você faz uma coisa, achando que papai e mamãe tem dinheiro, que vai te proteger, não tem como. Lá, é ótimo! Eu amo a lei de lá. Não deixa você sair nem pra esquerda, nem pra direita. Se você tá certo, você tá protegido; se você tá errado, você vai ser punido.

A fala do entrevistado 2, dentro do contexto de transmigração, julga que o cumprimento da lei nos EUA se torna diferente do estabelecido no Brasil, e justifica com o enunciado “só que ela é executada lá”, em que o termo “só” tem sentido de adversidade. A escolha pelo uso impessoal do “você” coloca o processo do “fazer” como algo possível a qualquer indivíduo. A expressão popular “achando que papai e mamãe tem dinheiro” mostra que a lei dos EUA tende a não ser corrompida e que nenhum crime nesse território permanece impune. As orações “Lá, é ótimo! Eu amo a lei de lá” põem em relevo o ponto de vista do transmigrante, que deixa escapar que tem predileção pelo país estrangeiro, como que uma

idealização. Há também uma pressuposição nessas orações, levando a crer que, se a aplicação da lei estadunidense fosse transferida para o Brasil, muitas pessoas sofreriam punições severas. As expressões “nem pra esquerda” e “nem pra direita”, metafóricas, sinalizam a ação de se esquivar das infrações, o que, de certa forma, é quase impossível de ocorrência nos EUA. O enunciado “se você tá certo, você tá protegido; se você tá errado, você vai ser punido”, através de um jogo entre os vocábulos “certo” e “errado”, coloca as condições para receber a proteção da lei ou para ser autuado por ela. Além disso, as frases indicam ações cujos agentes nem sempre são representados; entretanto, é clara a relação de subordinação a uma voz estatal, maior – seja da polícia, seja do patrão (em outros momentos do gênero relato). Dessa maneira, depreende-se julgamento de valor positivo sobre o sistema legislativo dos EUA, o que, implicitamente, sugere não acontecer para com o Brasil.

No plano financeiro, os dados permitem inferir que o transmigrante representa os EUA como país onde é fácil ganhar dinheiro. Isso vai ao encontro do que Biavati e Siqueira (2011) pontuam sobre a consolidação da prática emigratória na cidade de Governador Valadares, sustentada no discurso midiático regional, especialmente através do gênero reportagem, de que os EUA simbolizam opulência. Nessa perspectiva, a cultura do consumismo estadunidense se adere à vida cotidiana do transmigrante brasileiro (quando está nos EUA). No que pesem as diferenças entre si, a terra de destino acaba por creditar maior prestígio, uma vez que é nela onde o trabalho se faz mais árduo e o retorno financeiro é maior.

[Entrevistada 3]: Se você quiser ir pra lá e viver uma vida igual de americano, você vai morar lá o resto da vida. Vai andar de carro zero, vai ter sua casa, pagar a prestação dela, e viver lá naturalmente. Quer dizer: vai ser uma vida muito boa, porque a pessoa humilde aqui, no Brasil, passa por muita dificuldade, coitada, né, sofrimento. E, lá, pelo menos, você tem direito a levar uma vida digna com seu salário. É a diferença de lá pra aqui.

[Entrevistado 2]: [...] Porque lá ele chega, daí a dois meses ele pode ter um carrão. Vai lá na agência e compra um carrão. Ao invés dele trabalhar e fazer as economias dele pra investir lá [no Brasil] ou em qualquer outro lugar, não, ele quer é aproveitar...

A fala da entrevistada 3 indica uma forma de contradição nas práticas, divididas entre o desejo de poupar para investir na terra de origem e o desejo de aquisição do consumo na terra de destino (SIQUEIRA, 2009), ou nas idas e vindas dos dois lugares. O enunciado “Se

“você quiser ir pra lá e viver uma vida igual de americano, você vai morar lá o resto da vida. Vai andar de carro zero, vai ter sua casa, pagar a prestação dela, e viver lá naturalmente” foge à normalidade dos objetivos propostos, em sua maioria, para a emigração valadarense que toma os EUA como rota, que é poupar no exterior para investir na terra de origem. Os termos “carro zero” e “sua casa” evidenciam a crença de que esses bens materiais só são alcançáveis nos EUA, por isso, são tipicamente americanos. As orações “viver uma vida igual de americano” e “viver lá naturalmente” vão contra a situação financeira vivida por muitos brasileiros, pontuadas pelas expressões “muita dificuldade” e “coitada” e pelo termo “sofrimento”. A frase “vai ser uma vida muito boa”, no contexto discursivo, sugere que, no Brasil, o indivíduo que opta pela emigração, em muitos casos, não tem muito acesso ao dinheiro e ao consumismo. Assim, quando ele chega aos EUA e depara-se com outra realidade, deseja “viver uma vida igual de americano”, com conforto e muitos gastos.

A fala do entrevistado 2 indica um ponto de vista pessoal sobre os objetivos de transmigração, que não pode ser tomado como generalização. Entretanto, discursivamente, pode-se depreender que o universo estrangeiro encanta muitos transmigrantes, principalmente aqueles que não vivem a mesma situação no Brasil. A frase “Ao invés dele trabalhar e fazer as economias dele pra investir lá [no Brasil] ou em qualquer outro lugar, não, ele quer é aproveitar...”, através do processo do “aproveitar”, exemplifica esse encantamento e o desejo de consumo desenfreado, típico dos estadunidenses, conforme observado na entrevista.

[Entrevistado 2]: E o mais importante pra mim é que, se todo brasileiro morasse nos Estados Unidos, pelo menos, três anos, seria ótimo. Ele não precisaria de morar lá mais de três anos, não. Ele aprendia muito, na educação, no respeito às pessoas, com o lixo que a gente joga na rua, né, com a limpeza. Aprendia demais. Pra mim, lá foi uma universidade do mundo. Pra mim, eu não fui na universidade, não. Mas, aprendi muito lá.

Essa fala do entrevistado 2 sintetiza o julgamento de valor do transmigrante brasileiro em relação às crenças sobre os EUA. O enunciado “[...] se todo brasileiro morasse nos Estados Unidos, pelo menos, três anos, seria ótimo. Ele não precisaria de morar lá mais de três anos não. Ele aprendia muito, na educação, no respeito às pessoas, com o lixo que a gente joga na rua, né, com a limpeza. Aprendia demais” demonstra as diferenças nas práticas culturais de ambos os territórios e a aprovação da depoente em relação a essas práticas. A afirmação “seria ótimo”, dentro desse contexto, pressupõe que, se o Brasil adotasse o modelo

norte-americano de práticas culturais, sua realidade social poderia ser melhor. A oração “Pra mim, lá foi uma universidade do mundo” usa o discurso do aprendizado relacionado às boas práticas, pela denominação “universidade”, termo usado para designar essas condições de aprendizado no local de destino, na transmigração para os EUA, além de denotar que objetivos financeiros, concretizados, permitiram o crescimento moral e de mundo dos indivíduos adeptos dessa prática. Implicitamente, essa ideia minimiza os valores sobre o Brasil e coloca sua população como incapaz de lidar com a limpeza, com a interação social respeitosa e com as noções de polidez.

#### 6.2.6.2 Um jogo de impressões: o olhar do estrangeiro sobre o brasileiro (pelo discurso de brasileiros) e a representações do brasileiro sobre o estadunidense

Textualmente, esta secção promove um julgamento, feito pelos transmigrantes, sobre o que eles consideram que os estadunidenses pensam a respeito dos brasileiros e sobre o que eles próprios acham dos estadunidenses. Tem como objetivo comparar o modo de representação das identidades, a brasileira face à estadunidense.

Dentro da perspectiva do olhar estrangeiro sobre o brasileiro, é válido lembrar que essa representação surge das interações, muitas vezes, restritas ao ambiente de trabalho entre o depoente e o norte-americano. Assim, prevalece a perspectiva do trabalho neste item.

Um dos pontos que mais chama a atenção na formação desse perfil identitário brasileiro é a sua condição de trabalhador nos EUA. As falas, a seguir, sustentam essa imagem do brasileiro como pessoa ativa e que não se prende ao ócio.

[Entrevistado 1]: Olha, o trabalho e a honestidade, quer dizer, até onde eu sei, os brasileiros que eu trabalhei com eles lá, que trabalha na companhia também... Os americanos gostam muito de brasileiro, porque ele tem tipo trabalhador mesmo. Português e italiano, eles gostam de brasileiro. Português e italiano deixam o restante da Americana Latina pra lá (risos).

[Entrevistado 2]: Eles olham o nosso povo, eles acham nosso povo bravo, trabalhador demais, guerreiro, sabe, tudo. O brasileiro, nunca vi... Brasileiro é médico, é enfermeiro, é psic. (risos), ele é tudo. Eles falam que brasileiro dá um jeitinho pra tudo (risos). Se o cara não sabe, “não, não, pode deixar que eu resolvo isso aí!”, e resolve mesmo. É porque eles não têm iniciativa. O americano é no

computador, você tá entendendo? Só ali, no *computer*. Nós não, nós vamos pra prática. Eles falam que os brasileiros sabem tudo. Então, eles são apaixonados com brasileiros pra trabalhar. Todo americano gosta de brasileiro pra trabalhar com eles.

[Entrevistada 3]: [...]Quando a pessoa chega lá e quer trabalhar é sempre destacado no meio das outras raças lá. Que o brasileiro, quando quer, ele é bem trabalhador.

Os termos “trabalho” e “honestidade” na fala do entrevistado 1 assumem contornos de características que qualificam o brasileiro na terra de destino. Na oração “Os americanos gostam muito de brasileiro, porque ele tem tipo trabalhador mesmo”, o termo “mesmo” enfatiza a natureza relatada da mão-de-obra brasileira ser justificada como trabalhadora no mercado de trabalho dos EUA. Esse fato explica a situação posterior, em que se fala “Português e italiano deixam o resto da América Latina pra lá”, isto é, na visão do entrevistado, os brasileiros, de forma generalizante, representam-se como povo bem visto e valorizado, se na condição de empregado.

A fala do entrevistado 2 também constrói um conjunto de características do brasileiro mediante as outras culturas. As palavras “bravo”, “trabalhador” e “guerreiro” indicam que a perspectiva estrangeira sobre os brasileiros é positiva. O enunciado “O brasileiro, nunca vi... Brasileiro é médico, é enfermeiro, é psic. (risos), ele é tudo. Eles falam que brasileiro dá um jeitinho pra tudo” naturaliza o discurso de que brasileiro possui habilidades e referenda uma forma de discurso, de lugar comum, de que o brasileiro consegue resolver problemas. Nas frases “O americano é no computador, você tá entendendo? Só ali, no *computer*. Nós não, nós vamos pra prática”, é interessante marcar o uso do pronome “nós”. Esse termo equivale a um elemento de inclusão do entrevistado, que se considera parte de um grupo valorizado no território de destino. Nota-se uma preferência pela força de trabalho dos transmigrantes, tendo em vista o contato deles voltado para o conhecimento dos valores dos empregados da terra de origem e de destino. Isso ratifica a efetivação do entrelugares, o que também se dá pela afirmativa: “Então, eles são apaixonados com brasileiros pra trabalhar. Todo americano gosta de brasileiro pra trabalhar com eles”.

No mesmo contexto, percebe-se pelo significado identificacional, um estilo cujas falas dos entrevistados 3 e 1 só vêm referendar o grupo transmigrante pesquisado como detentor de impressão positiva sobre o modo como ele se vê (e acredita ser visto e avaliado) no mercado de trabalho dos EUA. No entanto, infere-se que a predileção do brasileiro para realizar determinadas acontece, porque ele também se faz interessado e capaz, como se

observa no relato do depoente 3, acima. O enunciado “Quando a pessoa chega lá e quer trabalhar é sempre destacado no meio das outras raças lá” comprova isso.

[Entrevistado 1]: [...] cara que é dono da companhia, aí ele, eu não sei, acho que eles foram com a minha cara [...].

No fragmento discursivo acima, o transmigrante acredita que conseguiu trabalho com o nativo da terra de destino por uma questão de empatia (“Acho que eles foram com a minha cara”). Pelo olhar do entrevistado 1, acredita-se que há uma especificidade que caracteriza o modo de trabalho dos brasileiros. Um exemplo dessa especificidade que representa os brasileiros trabalhadores são as atitudes tomadas por eles, conforme relata o entrevistado 1, na fala abaixo, indicando prontidão como característica representativa do brasileiro para realização de tarefas com o “Aí, na hora, aparece na hora!”:

[Entrevistado 1]: Quando, sempre quando precisa de alguém pra dar um *help*, uma ajuda [...]. Quando tem muito serviço ele [o patrão estadunidense] fala: “Eu quero brasileiro, eu não quero outra nacionalidade não”. Aí, eu vou lá numa cidade chamada *Framingham* – se acha brasileiro ali [...], né. Aí você chega lá, numa padaria que tem lá, e fala: “tô precisando de tantos homens para trabalhar”. Aí, na hora, aparece na hora! Ainda mais agora que serviço lá tá muito difícil, né.

A fala acima demonstra que existe um contato estreito do transmigrante com o nativo no ambiente de trabalho e que, em alguns casos, esse transmigrante exerce cargo de chefia e de confiança para o estadunidense. Discursivamente, essa fala contribui para dois entendimentos: 1) uma forma de sedução que caracteriza o brasileiro, diferenciadamente, diante dos demais, para que os empregados sejam encontrados mais rapidamente. Quando o entrevistado reproduz uma preferência do empregador pelo brasileiro, especialmente através do excerto: “Quando tem muito serviço ele fala: ‘Eu quero brasileiro, eu não quero outra nacionalidade, não’”, ilustra isso; e 2 – pode denotar realmente uma preferência do estadunidense pelo brasileiro, uma vez que esse imigrante se mostra ativo e pronto para cumprir suas tarefas.

De maneira oposta, construindo a representação do brasileiro sobre o estadunidense, algumas passagens das entrevistas revelam que o nativo da terra de destino, em sua maioria, é

representado com características de pessoa insensível e ríspida. Por um lado, isso vai de encontro ao que foi dito anteriormente sobre a predileção do estadunidense pelo trabalho feito por brasileiro. Se são insensíveis, não poderiam dispensar essa opção. Por outro, isso pode indicar que há um jogo discursivo, com objetivos econômicos, no qual os transmigrantes são eleitos apenas para a atividade remunerada e não para fazer parte do grupo social dos nativos da terra de destino.

[Entrevistado 2]: Eles são frios, acho que é a maneira que eles são criados. São muito frios. Eles não têm calor humano igual à gente, não. Quando você faz amizade com um americano ele fica doido com você. Eles não têm isso lá. Eles são “oi!”, “oi!”.

[Entrevistada 5]: [as pessoas norte-americanas são] individualistas. Elas não se preocupam se você, né, se você tá doente, se não tá. Nada. Não preocupam com nada.

Conforme o entrevistado 2, o estadunidense apresenta traços emocionais voltados para a ausência de sensibilidade e para a pouca capacidade de exercitar sentimentos de afeição. A adjetivação “frios” e a oração “Eles são ‘oi!’, ‘oi!’”, são traços nominais atribuídos pelos brasileiros aos estadunidenses, o que é totalmente diferente da caracterização do brasileiro, pois, conforme o depoente, “Quando você faz amizade com um americano, ele fica doido com você”. O processo do “ficar”, nesse sentido, tem a ver com atributos de sensibilidade, atenção e empatia, que denota certa tensão entre ser frio, quando não conhece, e não frio, quando conhece os sujeitos com quem interagem.

A fala da entrevistada 5 é uma visão que não pode ser tomada como senso comum a respeito da representação do norte-americano. O adjetivo “individualistas”, que tem como ilustração o trecho “Elas não se preocupam com você, né, se você tá doente, se não tá. Nada. Não preocupam com nada” demonstra um ponto de vista específico direcionado a pessoas específicas do contexto de relacionamento do transmigrante. Na verdade, como já afirmado anteriormente, há a boa assistência do sistema de saúde nos EUA. Isso denota que as relações profissionais são organizadas, pelo olhar brasileiro, mas as pessoais, são distantes.

Os dois fragmentos a seguir retratam o perfil do estadunidense em relação ao perfil do brasileiro.

[Entrevistado 4]: As pessoas [brasileiras] são mais amigas um do outro; as pessoas são mais companheiras. Igual à gente trabalha no mercado, a gente conhece todo mundo, todo mundo tem parceiro; é amigo um do outro, tem um laço de amizade. O americano não é dado a esse tipo de amizade com as pessoas.

[Entrevistada 5]: O Brasil não é um país ruim de se viver né, é país de clima bom, né, é um país que as pessoas são mais carismáticas né, te recebem melhor. Porque, na América, a gente fala que é um lugar muito... Não é que depois que você passa a viver, não. É que eles são frios. Eles são diretos com você.

O paralelo entre o perfil do brasileiro e do estadunidense, por meio das falas dos entrevistados 4 e 5, destaca, para os latinos, as adjetivações: “mais amigas”, “mais companheiras”, “mais carismáticas”. Já para os norte-americanos, pontuam-se: “não é dado a esse tipo de amizade com as pessoas”, “frios” e “diretos”. É interessante frisar a escolha de intensificadores para valorizar os brasileiros, colocando-os como diferentes dentre os demais grupos. No caso dos atributos direcionados à população dos EUA, as falas 4 e 5 corroboram a ideia dos demais depoentes de que o perfil identitário dos estadunidenses se constrói por sentimentos, em sua maioria, de inflexibilidade, apatia e introspecção, todos, formadores do significado representacional do texto.

A representação tanto do brasileiro quanto do norte-americano se torna senso comum, através do discurso transmigrante, a partir do momento em que traços característicos são estabelecidos, consolidados e disseminados enquanto valor de verdade. Dessa forma, acredita-se que, pelos dados recolhidos, em muito se distanciam um e outro indivíduos, da mesma forma em que se distanciam, em caracterizações, seus territórios.

### **6.2.7 As práticas de trabalho e de transmigração: ações no território transnacional**

As práticas ou ações desenvolvidas no Brasil e nos EUA constituem um traço da composição do perfil transmigrante, porque indicam que esse indivíduo interage com o Outro e estabelece com ele relações simétricas ou assimétricas. As práticas, aqui escolhidas como fonte de análise, têm a ver ou com o ambiente de trabalho do transmigrante nos EUA e no Brasil ou com sua transmigração.

### 6.2.7.1 Prática de trabalho

No ambiente de trabalho nos EUA, a identidade transmigrante é definida como profissional que interage com o nativo, seja na condição de contratante seja na condição de contratado. O trabalhador brasileiro, nos EUA, é estereotipado como “honesto” e “ativo”, conforme visto no subitem anterior. Partindo dessa ideia, naturalizada principalmente no território de destino e nos discursos dos entrevistados, analisa-se o dizer seguinte:

[Entrevistado 6]: É trabalhador. É tanto que, até cara que é vagabundo aqui, que não gostava de trabalhar aqui, lá fora trabalha. Se você não trabalhar, você não vive, você não come, você não come. Não tem negócio chegar na casa do seu tio e ficar ali na casa do parente uma semana, [pensando] não tem problema [...]. Lá, tem disso não. Lá fora, todo mundo trabalha, todo mundo ganha o seu, todo mundo vai pagar suas dívidas, suas contas. Se você num trabalha, você num sabe... Então, existe muitos casos, muitas coisas lá, difícil, porque, nego bota outro pra fora de casa mesmo. Porque ninguém é obrigado a tratar de você. Então, lá, já vi muito caso assim, sabe? Então, não é fácil não, mas, é tudo a força que tem nas pessoas. É essa: o trabalho, que em todo lugar que a gente vai, que faz um serviço, eles gostam. Porque a gente faz além do que tá marcado, né. Então, faz um trabalho bom, você tem um desenvolvimento. Você quer crescer? Então, você mostra serviço. Você quer passar pra frente? Então, se você não mostrar serviço, você não cresce. Todo mundo tem essa ideia, né, de fazer um trabalho bom, de poder, né.

A fala do entrevistado 6 ratifica, a princípio, que o brasileiro, nos EUA, é percebido como trabalhador no território de destino, ainda que não assuma essa condição no território de origem. O trecho “É tanto que, até cara que é vagabundo aqui, que não gostava de trabalhar aqui, lá fora trabalha. Se você não trabalhar, você não vive, você não come” sugere que o cotidiano nos EUA gira em torno do trabalho e que, somente através dessa prática, é possível adquirir sucesso e autonomia. O enunciado “Lá fora, todo mundo trabalha, todo mundo ganha o seu, todo mundo vai pagar suas dívidas, suas contas” cria a representação da terra de destino como lugar em que é costumeiro realizar alguma atividade profissional remunerada (SIQUEIRA, 2008). Isso naturaliza o trabalho enquanto prática atrelada à cultura, isto é, o trabalho deve fazer parte da rotina de todos, construindo o significado acional. Segundo esse transmigrante, a criação da ideia de que brasileiro é trabalhador se explica pela adaptação a que o transmigrante tem de se submeter no território estadunidense. O trecho “Porque a gente

faz além do que tá marcado, né. Então, faz um trabalho bom, você tem um desenvolvimento. Você quer crescer? Então, você mostra serviço” confirma isso.

[Entrevistada 3]: Lá, não é como o Brasil. [...] esposa trabalha; marido trabalha; filhos trabalham. Lá, todo mundo corre atrás do objetivo que é bem diferente daqui, né. Então, quer dizer, todo mundo começa a trabalhar cedo: rico, pobre, todo mundo tem o que fazer na vida lá [...].

[Entrevistada 5]: Quando você chega lá fora, você tem uma vida assim: você trabalha, você pode. Você tem um controle de vida igual a todo mundo tá, como um que trabalha no banco, como um dono de um restaurante. Todos têm sua vida igual, porque você pode ir na loja, comprar e pagar [...].

Em “esposa trabalha; marido trabalha; filhos trabalham”, presente na fala da entrevistada 3, a repetição reiterada do verbo “trabalhar” marca a prática recorrente no território de destino. Tal evento é destacado sociologicamente por Siqueira (2008). A teórica enfatiza o retorno na perspectiva do gênero, mostrando que, na terra de destino, homens e mulheres têm atividade remunerada e ambos contribuem, de certa forma, para a concretização do projeto de se formar uma poupança, comprar uma casa e um carro e montar um empreendimento no Brasil. Esse dizer também denota um dos principais problemas sociais brasileiros: o da desigualdade entre gêneros e o da desigualdade social. Pela análise textualmente orientada, destaca-se também o fato de que a desigualdade social não é um problema tão evidente no país de destino conforme é visível no país de origem. Na frase “Lá, todo mundo corre atrás do objetivo que é bem diferente daqui”, a expressão popular “corre atrás” tem a ver com a ação de trabalhar. Ela se liga ao enunciado “todo mundo começa a trabalhar cedo: rico, pobre, todo mundo tem o que fazer na vida lá”. Desse modo, não há distinção de classe, nem de idade para o agente da ação, caracterizando discursivamente a importância de se desenvolver alguma atividade nos EUA.

Pela fala da entrevistada 5, presume-se que a prática de trabalho é uma característica cultural dos EUA, a ser acompanhada pelos transmigrantes, conforme a exposição dos entrevistados. Portanto, a tendência é que todos assimilem o discurso de que se “você trabalha, você pode”. O trecho “Você tem um controle de vida igual a todo mundo lá [...], porque você pode ir na loja, comprar e pagar” mostra que o trabalho/salário garante igualdade

entre os indivíduos, mesmo que simbólica e mesmo que de maneira diferenciada entre o nativo e o imigrante.

[Entrevistado 1]: Enquanto eu tiver aguentando trabalhar, eu trabalho, é lógico, que eu não abro mão. Tem um senhor que trabalha na companhia, tem oitenta anos, oitenta anos! Nunca quis aposentar. Trabalha até hoje, mas, aqui, você com oitenta anos, você é discriminado. Tem que aposentar.

[Entrevistado 6]: Então, eu saio cedo – eu levanto às cinco horas da manhã – e saio cedo, e não tenho hora pra chegar [...] Os americanos, eles levantam cedo, eles começam a trabalhar cedo. [...] Muito legal mesmo quando o sol fica até oito horas, nove horas. Então, se alguém tentar trabalhar, se o cliente não importar, a gente espicha a hora. Primeiro, porque a gente ganha por hora; então, as pessoas que trabalham, os funcionários que trabalham com a gente ganham por hora. Então, eles querem fazer hora.

Os dizeres acima podem ser agrupados em um quadro, demonstrando a disparidade das práticas de trabalho nos EUA e no Brasil sob a perspectiva dos transmigrantes:

Tabela 2 – Práticas de trabalho nos EUA e no Brasil sob a perspectiva dos transmigrantes

<b>Prática de trabalho nos EUA</b>	<b>Prática de trabalho no Brasil</b>
Pessoas com idade avançada ainda têm permissão para trabalhar. Isso é valorado pela população.	Pessoas com idade avançada devem ser aposentadas. Isso é discriminado pela população.
Há opção de escolha sobre quando trabalhar	Horário regulamentado para trabalhar
Remuneração por hora trabalhada	Remuneração por dia/mês trabalhado
Há possibilidade de “espichar a hora” de trabalho	Não há tanta flexibilidade para “espichar a hora” de trabalho

Ao analisar o quadro, nota-se que a prática de trabalho na terra de destino é mais valorada pelos entrevistados, se comparada com o Brasil. Esse fato responde parte da pergunta de pesquisa da forma como é construída a identidade transmigrante na conjuntura de pós-modernidade. No caso do traço identitário relacionado à atividade remunerada do transmigrante nos EUA, a condição de se ater a uma profissão faz com que o indivíduo, objeto de estudo, encare-se enquanto trabalhador do mundo global, que interage com o nativo, seja como empregado ou como empregador, resolvendo os problemas cotidianos, até mesmo,

pela língua inglesa – daí a existência do Inglês instrumental ou da língua obrigatória do transmigrante, referenciada nas secções anteriores.

[Entrevistado 1]: Assim, o serviço que eu tava fazendo, no começo, era este: entrava no mato aqui e ali, só no jardim da casa deles mesmo. Aí, depois, ele falou assim: “Quer ficar fixo na companhia?”. Falei assim: “É lógico que eu quero!”. E tô até hoje. Vinte e cinco anos. [...] Ele [o patrão] veio no Brasil comigo já, cinco vezes.

A fala acima reitera que a prática de trabalho para o transmigrante lhe garantiu sucesso nos EUA, a partir do momento em que o nativo proporcionou-lhe oportunidade. Confirma-se no grupo, entretanto, o que Siqueira (2006) afirma sobre o trabalho recorrente acontecer, em sua maioria, em setor secundário. Há vinte e cinco anos o depoente presta serviço ao mesmo patrão estadunidense, permitindo que suas condições de transmigrante se efetivassem devido ao sucesso na atividade. O entrevistado 1 menciona, inclusive, o estreitamento de laços com o nativo. A frase “Ele veio no Brasil comigo já, cinco vezes” leva a inferir que existe uma relação cordial, para além do estrito contato profissional entre o empregado e o empregador.

No Brasil, a prática de trabalho do transmigrante, em sua totalidade, é bem distinta daquela realizada nos EUA. No grupo pesquisado, o serviço prestado na terra de destino, em geral, é mais árduo e requer mais horas trabalhadas durante o dia, se comparado ao Brasil, onde o trabalho tende a ser menos cansativo e mais flexível, principalmente, porque os transmigrantes gerenciam o próprio negócio.

[Entrevistado 2]: Aí, a gente continua, né, fazendo, mexendo com construção civil. Nós temos a fazenda, tiramos leite, fazemos uma renda até boa de leite.

[Entrevistada 5]: São oito anos sem parar. É, sem parar! Trabalhei muito, mas muito mesmo, como se diz, né, “deixei o couro lá”, fiz pra investir aqui no Brasil. [...] Porque, lá, a gente trabalha muito, mas, tem mais conforto, né. A gente pode ter mais conforto aqui, é assim, tudo muito caro. No Brasil, eu acho muito caro, né. É um país que, sei lá... Se você não tiver uma função muito alta, não te dão oportunidade pra viver, né. Igual quando você tem uma pequena empresa igual a minha, que é pequena, é micro, né, empresa. Então, assim, chega no final de ano, você pagou todo mundo, mas, você não tem dinheiro pra sair, dinheiro pra tirar umas férias boas, né. Você pode tirar, mas uma coisa regrada [...]. Eu, já não posso viajar dentro daquilo que eu ganhei, porque, né, eu tenho que pagar todo mundo.

A condição de empreendedor do transmigrante, no Brasil, muda sua representação sobre a realidade nacional à sua volta. Dessa forma, pode-se dizer que a prática do trabalho é um elemento que influencia a redefinição identitária desse indivíduo pesquisado. A fala do entrevistado 2 ressalta a atividade profissional na qual se insere o transmigrante no Brasil, como empreendedor que volta para o local de origem e mantém vínculos aqui e nos EUA. O interessante é pontuar que no local de origem, como empreendedor, o entrevistado 2 se transforma em produtor rural, e além de deter outras atividades, administra a fazenda e investe todo o dinheiro ganhado no exterior em gado. Prevalece, portanto, a sua condição de sujeito de ações, de suas práticas, como investidor no local de origem.

A fala da entrevistada 5, discursivamente, revela que a vida de trabalho nos EUA é cansativa e exaustiva. O trecho “São oito anos sem parar” exemplifica isso. As expressões “sem parar”, duplamente utilizada, e “mas muito mesmo” possuem a mesma função: enfatizar a intensidade do trabalho na terra de destino. A referência ao dito popular “deixei o couro lá”, que pode ser complementado por “mas, trouxe o ouro”, sugere que o transmigrante cumpriu, a princípio, seu objetivo com a transmigração: alcançar recursos financeiros para investir no Brasil. Assim, “deixar o couro” simboliza o suor, o trabalho pesado que, apesar de fatigante, possibilita sucesso. Esse sucesso, no Brasil, representa a ação de possuir microempresa, relatada pela entrevistada. Entretanto, no caso dessa transmigrante, seu empreendimento, muitas vezes, não garante a tranquilidade financeira: “Então, assim, chega no final de ano, você pagou todo mundo, mas, você não tem dinheiro pra sair, dinheiro pra tirar umas férias boas, né. Você pode tirar, mas uma coisa regrada”. O termo “coisa regrada” é decisivo nesse fragmento, pois funciona como o oposto da vida experienciada nos EUA, que, idealizada, possibilitaria férias “não regradas”. Daí é necessário redefinir os planos de transmigração, adiantando a volta aos EUA.

#### 6.2.7.2 Prática de transmigração

A prática de transmigração determina que o retorno nunca se efetive por completo para o grupo pesquisado. No entanto, discursivamente, os transmigrantes mencionam seus anseios e, discursivamente, prevalece o desejo de fixar residência em um ou em outro país.

Para aqueles que desejam finalizar sua transmigração permanecendo nos EUA, colocam-se os seguintes fragmentos:

[Entrevistado 1]: Pra mim viver, na minha velhice, é lógico: eu quero ficar lá. [...] É. Eu já pago meus impostos, meu *social security*, já desconta tudo, né, pra, justamente, quando eu tiver velho, não aguentar trabalhar mais, eu quero... Aqui fala asilo, mas, lá não, é asilo tipo um retiro, né, onde o pessoal... Porque eu sou sozinho [...].

[Entrevistado 6]: Eu pretendo voltar [para os EUA].

Tanto a fala do entrevistado 6 quanto do entrevistado 1 mostram a vontade de estabelecer residência fixa nos EUA. Na fala do entrevistado 1, o enunciado “Pra mim viver, na minha velhice, é lógico: eu quero ficar lá” ratifica que há predileção pelos EUA. A expressão afirmativa “é lógico” sugere que, sem hesitar, a opção pelo estrangeiro é certa de se estabelecer.

Já para aqueles que desejam finalizar sua transmigração permanecendo no Brasil, os seguintes fragmentos são sequenciados:

[Entrevistado 2]: Todo mês de março eu tenho que ir lá até eu completar sessenta e dois anos. Mais quatro anos, eu tenho. E tem meus netos, né, que moram lá também. Mas, meus filhos tão querendo que eu vou pra trabalhar. Falei: “Já trabalhei demais, né, deixa eu trabalhar aqui e viver um pouco da vida do Brasil”.

[Entrevistada 3]: Então, eu escolhi viver no Brasil. Hoje, eu vou lá, tomo os remédios, vou ao médico, participo. Fico lá um mês, dois, costumo ir lá cinco, seis vezes no ano. Mas, hoje, viver mesmo, eu vivo no Brasil, que é diferente. Troquei a América pelo Brasil.

[Entrevistada 5]: Aqui, no Brasil, eu gosto muito do Brasil. Eu gosto daqui. Não gostaria de voltar mais para os Estados Unidos. Gostaria de viver aqui.

[Entrevistado 4]: Tenho vontade [de permanecer somente no Brasil]. Eu acho que pra esse ano, [...] só volto esse ano e não quero voltar mais [para os EUA]. Estava resolvendo uns problemas [...] aí eu não volto [para os EUA], tô cansado já.

Apesar de informarem que a prática da transmigração ainda não se finalizou, os entrevistados 2 e 3 já demonstram desejo de estabelecer residência fixa no Brasil. Na fala do entrevistado 2, torna-se pertinente destacar o enunciado “Já trabalhei demais, né, deixa eu trabalhar aqui e viver um pouco da vida do Brasil”. Nesse contexto, “viver um pouco da vida do Brasil” representa o descanso, o convívio familiar, os costumes, os valores e as práticas desenvolvidas somente na terra de origem. Presume-se que o transmigrante já se cansa da prática do trabalho e da transmigração, apesar de os EUA ainda simbolizarem o refúgio financeiro. Na fala da entrevistada 3, a frase “Troquei a América pelo Brasil” indica, sem titubear, que a opção pelo Brasil é mais incisiva. Assim, trocar um estilo de vida por outro, implica, também, a troca de um perfil identitário.

As falas da entrevistada 5 e do entrevistado 4 insinuam que há um desejo de finalizar a transmigração e de estabelecer residência fixa no Brasil. As frases “[...] eu gosto muito do Brasil” e “eu gosto muito daqui”, da entrevistada 5, são redundantes em afirmar o gosto pelo país de origem. Esse uso discursivo sugere que o Brasil ainda recebe maior valoração aos olhos dos transmigrantes. A frase “Aí eu não volto [para os EUA], tô cansado já”, do entrevistado 4, representa que a transmigração, embora positiva, gera cansaço. Melhor mesmo é adotar o modo de vida brasileiro em solo nacional.

[Entrevistada 3]: Eu não posso falar da América nunca, uma palavra sequer má. Porque tudo o que eu tenho hoje, graças a Deus, foi conseguido lá.

Apesar da vontade de permanecer no Brasil e de finalizar a prática de transmigração, o transmigrante ainda mantém uma espécie de gratidão à terra que o acolheu por vários anos e deu-lhe sucesso financeiro. A fala da entrevistada 3, através do trecho “Eu não posso falar da América nunca, uma palavra sequer má”, mostra que o vínculo dos dois lugares e do entrelugares ainda tem possibilidade de continuar, mesmo que seja de forma simbólica, na lembrança da prática recorrente na vida do transmigrante. A opção pelo vocábulo “América” para designar os EUA é interessante nesse contexto de fala. Depreende-se que há uma ideologia de prevalência de uma ordem norte-americana, divulgada, muitas vezes, como senso comum, e fazendo com que as pessoas encarem a América ou as Américas, como sendo apenas um país – embora sabendo que haja outras nações restantes no continente americano.

### 6.3 RESULTADOS

Os transmigrantes valadarenses, que se dividem e redefinem constantemente seu perfil identitário entre o Brasil e os EUA, ao fazerem um balanço da transmigração, julgam-no, em sua maioria, um evento positivo, responsável pelo sucesso financeiro e pela mudança do curso de suas vidas.

[Entrevistado 1]: Hoje eu tenho, graças a Deus, tenho meus dois carros, tenho minha caminhonete, tenho meu carro – comprei semana passada –, tenho minhas casas e tenho meus aluguéis. Se eu não precisar fazer nada aqui mais, eu vivo de aluguel. Tá bom demais.

[Entrevistado 2]: Graças a Deus, eu me considero um vitorioso, né, pelo tempo que eu saí, o grau de escolaridade que eu tenho (que é pouco) e tive tantos conhecimentos desde plantas, né, e até aprendido um pouco de Inglês, pra mim, né, virar sozinho, não ter necessidade de alguém pra traduzir alguma coisa pra você de trabalho...

[Entrevistada 3]: É trabalhar, cuidar dos filhos, ter que comprar uma casa própria, ter que pagar escola... Eu não ia conseguir e estudar ainda, e fazer tudo isso. Ia ser uma confusão muito grande na minha vida. Pensando bem, eu fui pro lugar certo.

Na fala do entrevistado 1, percebe-se que a transmigração para os EUA simbolizou o alcance de bens materiais, hoje necessários à sobrevivência do transmigrante no Brasil. A aquisição de bens, expressos por itens lexicais como “carros”, “casa” e “aluguéis”, financiados pelo trabalho como imigrante, indicam ao entrevistado a posse do conforto e da tranquilidade financeira, tanto que há o julgamento de valor “Tá bom demais”.

O entrevistado 2, de igual maneira, considera que a prática da transmigração para os EUA foi vantajosa, principalmente porque, se ele tivesse continuado apenas no Brasil, não teria adquirido “tantos conhecimentos”, tampouco ter “aprendido um pouco de Inglês”. Dessa maneira, por ter subvertido as expectativas do senso comum, o transmigrante se vê como um “vitorioso”.

A fala da transmigrante 3 dialoga com a fala do entrevistado 2 ao expor que a prática da transmigração para os EUA foi a melhor escolha de sua vida. Quando ela afirma “Pensando bem, eu fui pro lugar certo”, é possível observar o processo mental “pensar” para garantir a reflexão de que em nenhum outro território, conforme os dizeres da entrevistada,

ela alcançaria aquilo que alcançou ou viveria aquilo que viveu. Portanto, caso não tivesse estabelecido sua saída para o estrangeiro e sustentado isso com recorrência por vários anos, seu cotidiano penderia para “uma confusão muito grande”.

Outro resultado interessante obtido através da interpretação dos dados é de que a transmigração valadarense para os EUA se apoia nos enclaves étnicos. Nesses espaços, os transmigrantes se veem mais como “brazucas<sup>44</sup>” (BICALHO, 1989), mostrando-se, no entanto, capazes de conviver com as diferenças culturais. Eles constroem territórios híbridos (não em seu sentido de assimilação cultural, mas de mistura de práticas) e transferem para a terra de destino “geografias imaginárias”<sup>45</sup>, lembradas e revividas, o que contribui, conseqüentemente, para a marcação da identidade do transmigrante enquanto grupo ou enquanto perfil. A fala, exposta abaixo, retrata, sociologicamente, esse acontecimento.

[Entrevistada 5]: Era assim o cotidiano; geralmente, era com brasileiros.

Até mesmo os transmigrantes que convivem somente com nativos não se sentem absorvidos pela cultura da terra de destino. A explicação para isso se dá justamente pela própria condição transmigrante, de idas e vindas recorrentes (CASSARINO, 2004). Como a maioria desses indivíduos realizam essa trajetória há bastante tempo e como a maioria recebe a qualidade de cidadão de duas nações, conviver com as diferenças culturais acaba se tornando algo de fácil resolução. Logo, quando estão nos EUA e interagindo somente com os estadunidenses, assumem traços semelhantes à identidade cultural do nativo, sem, entretanto, abandonar a identidade cultural materna.

[Entrevistado 1]: [...] Tudo é o costume, né. No início, eu achava ‘eu não vou me acostumar’. Mas, depois que você entrosa, que você passa a participar da cultura do povo, entendeu, vive como eles vivem.

---

<sup>44</sup> Termo utilizado por Bicalho (1989) para indicar que os brasileiros, em solo norte-americano, não sofrem assimilação cultural, podendo, dessa forma, ser tipicamente brasileiros nos EUA.

<sup>45</sup> SAID, E. Narrative and Geography. *New Left Review*, n. 180, mar./abr. 1990. In: HAESBAERT, R. Migração e desterritorialização, 2005b.

Na fala acima, a expressão “depois que você entrosa” sugere que, após o contato mais estreito estabelecido com o nativo, a vida passa a ser de mais fácil resolução e a ser vivida com mais satisfação pelo transmigrante.

Um dado interessante detectado através das entrevistas é de que os transmigrantes vivem territorialidades da terra de origem quando estão na terra de destino, mas não o inverso. Em outras palavras, eles se sentem “brazucas” nos EUA (BICALHO, 1989) e desconsideram-se estadunidenses no Brasil – mesmo quando possuem duas cidadanias. Desse modo, acredita-se que a presença das comunidades étnicas no país de imigração é um fator favorecedor dessa condição (ASSIS, 1996), o que, no espaço brasileiro não é evidente. Além disso, esse fato reforça que os transmigrantes sabem lidar com as identidades cindidas de que fala Cassarino (2004), estipulando modos específicos de agir, de pensar e de ser para os dois territórios.

Nesta pesquisa, o transmigrante valadarense que vai para os EUA, de maneira recorrente, não sofre o processo de desterritorialização – tomando aqui desterritorialização como o processo através do qual ocorre a perda do território de origem pelo migrante em seus aspectos físico, econômico, político e cultural. Ao contrário, esse indivíduo passa a viver uma multiterritorialidade (HAESBAERT, 2005b). Falar de desterritorialização, dessa forma, é algo altamente complexo e diferenciado, uma vez que ela tem a ver com o pertencimento social e cultural dos indivíduos transmigrantes; e com os níveis de desvinculação desse sujeito com seu território, considerado território-rede. O transmigrante, por encarar o fluxo migratório como algo passageiro, acoplado a sua vida, mergulhado na flexibilidade e, principalmente, como um acontecimento opcional, não se desterritorializa. Além disso, por ser integrante de uma classe social com recursos privilegiados, não se vê como alguém que perde os laços por completo com sua origem, pois sempre tem condições financeiras de retornar a terra-natal quando lhe é mais conveniente. A multiterritorialidade transmigrante nasce, então, da ideia de que o território valadarense nunca é minimizado ou retirado, mas reconduzido para os EUA, mesmo que de forma simbólica e internalizada, formando territórios multiescalares ou fragmentados. (HAESBAERT, 2005b; CASSARINO, 2004)

A fala a seguir ilustra essa multiterritorialidade transmigrante, no momento em que o entrevistado acredita não ser absorvido cultural e definitivamente pelo território de destino, porque estabelece, de maneira recorrente, interação com a terra de origem ou retorno bilateral. (DOMINGUES, 2008)

[Entrevistado 1]: Pra acostumar, eu levei uns dez anos, mas, eu não sei se é assim, porque eu venho todo ano. Às vezes, eu venho duas vezes no ano. Costuma ser mês de julho, que é Exposição aqui. Eu venho na exposição, fico uma semana aqui, duas semanas e vou embora. Daí, eu não sei se é porque eu venho todo ano. Quando chega mês de outubro, eu já tô com minhas malas prontas pra vim embora. Um mês antes, eu já tô com as malas prontas pra vim embora.

Discursivamente, a multiterritorialidade se constrói na fala acima através de palavras que indicam prática frequente de retorno a uma ou a outra nação. Os indicativos temporais “duas vezes ao ano”, “mês de julho”, “uma semana”, “duas semanas”, “mês de outubro” e “um mês antes” sustentam esse acontecimento e trazem, à tona, a noção de que, nessa mobilidade, o transmigrante experiencia o entrelugares e uma variedade de práticas e de costumes, formando crenças acerca da exteriorização.

É possível ilustrar, em paralelo, os dizeres mais recorrentes dos transmigrantes sobre ambos os territórios, o que acaba se tornando, na perspectiva raffestiniana (1993), marcas de territorialidades, ou em conformidade com Haesbaert (2005a), apropriação de um território simbólico por um ator territorial. A seguir, essa construção se mostra sob a forma de uma tabela, que tem os dois territórios geográficos em função da representação discursiva de suas características.

Tabela 3 – Características dos territórios geográficos, tomando como base os elementos costumes, valores e práticas, sob a perspectiva dos transmigrantes.

	<b>EUA</b>	<b>BRASIL</b>
<b>Costumes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Local de trabalho.</li> <li>• Ritmo frenético da vida pós-moderna.</li> <li>• Tempo de folga restrito.</li> <li>• Não se frequenta bar.</li> <li>• Frequenta-se a Igreja.</li> <li>• Joga-se futebol.</li> <li>• Frequentam-se cidades globais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Local de lazer.</li> <li>• Ritmo abrandado da vida.</li> <li>• Tempo ocioso.</li> <li>• Frequenta-se boteco.</li> <li>• Frequenta-se a Igreja.</li> <li>• Joga-se pelada.</li> <li>• Frequenta-se ambiente rural.</li> </ul>
<b>Valores</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorização do idoso.</li> <li>• Direitos respeitados e leis cumpridas.</li> <li>• Retorno social pelo pagamento de imposto.</li> <li>• Sistema de saúde sem diferenciação de classe social.</li> <li>• Maior atuação do poder público de fiscalização.</li> <li>• Cordialidade dos funcionários públicos.</li> <li>• Segurança.</li> <li>• Maior possibilidade de acesso ao consumo de bens materiais.</li> <li>• Vida digna garantida a todos, sem distinção de classe social.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desvalorização do idoso.</li> <li>• Nem sempre direitos são respeitados e leis são cumpridas.</li> <li>• Imposto com taxas abusivas e sem retorno social.</li> <li>• Sistema de saúde com diferenciação de classe social.</li> <li>• Menor atuação do poder público de fiscalização.</li> <li>• Abuso de poder de alguns funcionários públicos.</li> <li>• Insegurança e maior índice de criminalidade.</li> <li>• Menor possibilidade de acesso ao consumo de bens materiais.</li> <li>• A condição de vida é diferenciada em função da classe social.</li> </ul>
<b>Práticas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho: árduo; ganha-se por hora trabalhada; há opção de escolha sobre quando trabalhar; pessoas com idade avançada podem trabalhar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho: horário institucionalizado de trabalho; ganha-se por dia/mês de trabalho; pessoas com idade avançada devem ser aposentadas.</li> </ul>

A partir dos dizeres dos transmigrantes sobre seus hábitos, suas crenças e suas práticas desenvolvidas nos territórios físicos e culturais, percebe-se que há uma valorização da terra de destino, o que pode justificar a recorrência da prática de migração desse grupo. Esse julgamento de valor é essencial para referendar e consolidar os traços identitários, os quais, por sua vez, constroem uma identidade do transmigrante híbrida em aspectos culturais, mas cindida, em sua dimensão territorial.

Nesta pesquisa, a ADC, especialmente na sua orientação linguística, apoiada na LSF, ajuda a promover a análise do discurso do transmigrante. A forma gramatical oferece indícios do como, do porquê, do para quem, de quem, do quando, e de qual lugar social um discurso é proferido. Pela orientação de Fairclough (2001a), revela-se que os discursos dos transmigrantes evidenciam a mudança discursiva de comodificação, isto é, são vistos como bem de consumo. Eles retratam o mundo capitalista e o modo como o discurso econômico norteia ou é a base de diversos outros discursos, os quais, na interdiscursividade, fazem, vir à tona, discursos: religioso, familiar, sobre o uso da língua franca, cultural e institucional.

Destaca-se também a contribuição da LSF para a observação das metafunções da linguagem e dos significados do discurso. Ressalta-se, particularmente, o papel da transitividade na construção do ser e do agir no espaço estrangeiro, bem como um conjunto de construções vocabulares apropriadas pelos transmigrantes na representação tanto da terra de origem quanto da terra de destino. A compreensão dos significados acional, representacional e identificacional faz surgir, no gênero entrevista, elementos que consolidam a posição dos entrevistados nos territórios físico e simbólico, por meio da transnacionalidade e do entrelugares, respectivamente.

As teorias de Fairclough (2001; 2003), aqui utilizadas, também clarificam a linguagem enquanto possuidora de significados simultâneos, que perfazem os discursos. Não diferentemente, nos dizeres dos transmigrantes, podem ser percebidos elementos que evocam o modo de agir, de representar e de ser dos indivíduos. Linguisticamente, isso se classifica como significado acional, representacional e identificacional. Portanto, através desse viés da ADC, infere-se, através dos discursos, os traços que compõem um perfil identitário, já que, segundo Biavati (2009), muito do ser se deixa escapar pelo dizer.

A orientação social do discurso, por sua vez, neste estudo, revela-se na prática de transmigração, a partir da figura do transmigrante, o qual se coloca como portador de uma voz que referenda valores e práticas migratórias, consolidadas na experiência e na divulgação de um discurso naturalizado da ação de emigrar, enquanto algo que garante sucesso financeiro e acesso aos bens de consumo. Nesse sentido, os dizeres do transmigrante valoram a terra de destino, tornando-se um poderoso mecanismo de sustentação e de efetivação de práticas, especialmente locais.

Pode-se considerar que as perspectivas interdisciplinar e transdisciplinar da ADC, apoiadas em teorias sociológicas, que evidenciam o contexto de pós-modernidade, de transmigração e de redes, e em embasamentos da área da Psicologia, que focam as

representações sociais e as construções das identidades, contribuem para costurar a temática do transmigrante: indivíduo fruto da globalização, que se insere na atual conjuntura, de maneira racional e ativa, e que se movimenta pelas nações com recorrência, cumprindo os objetivos propostos como justificativas de seu ir e vir frequentes. Nessa ação incessante, ele convive com o universo nacional e estrangeiro, com outras culturas, outros valores, outra língua, outros hábitos e diversas práticas. Tal amálgama influencia a construção de suas identidades – que, conforme Cassarino (2004), tornam-se fragmentadas, cindidas – e a forma como elas se representam para ambos os espaços.

O contexto de transmigração depende de um olhar voltado à Geografia, que nesse caso, tem a ver com o território. Nesta pesquisa, ao amarrar a perspectiva discursiva à construção de um perfil identitário, há necessidade de situar o sujeito pesquisado em um plano de interação, o que resulta na escolha de dois espaços: um concreto, constituído pelo Brasil e pelos EUA, e outro simbólico, cultural, que aqui se evidencia através do entrelugares. Considera-se, dessa maneira, a pertinência da dimensão territorial na consolidação de identidades, pois, mudando-se o território, mudam-se as formas de representação, ainda que se fixem tensões e hibridismos. (WOODWARD, 2006; CLAVAL, 1999)

## 7 CONCLUSÃO

Esta dissertação evidenciou a análise discursivo-crítica em construção descritiva, interpretativa e explanativa do território de transmigração e do território de entrelugares. Nela, considerou-se o transmigrante como um resultado direto do processo de globalização; um elemento que liga o local ao universo global, criando o espaço glocal. No constante ir e vir entre o Brasil e os EUA, ou entre territórios-rede, a condição de mobilidade foi decisiva para demonstrar que o sujeito transnacional divide sua vida e sua perspectiva acerca do mundo à sua volta, construindo seu perfil identitário no e pelo movimento; e redefinindo-o, constantemente, a fim de se adequar aos contextos geográfico e sociocultural do país em que está inserido.

O caminho através do qual se chegou à construção do perfil identitário transmigrante passou pela linguagem ou por aquilo proferido por ele em interação social. Os dizeres, portanto, significaram mais que a superficialidade das palavras: indicaram que, de maneira implícita, existem muitos fatores responsáveis pela formação do ser. À luz da Análise do Discurso Crítica e dos trabalhos de Norman Fairclough (2001a; 2003), os discursos de transmigração foram considerados enquanto construídos e construtores dos significados acional, representacional e identificacional ou de modos de agir, de representar e de ser.

A transmigração é uma prática recente, resultado do processo de compressão espaço-tempo. Ela tem a ver não só com o fato de o transmigrante transitar, de maneira recorrente, entre duas nações, mas também com os objetivos propostos para esse retorno constante. Essa bilateralidade permite à transmigração interagir com a diferença cultural e criar um território próprio, simbólico e expressivo, aqui chamado de “entrelugares”. Nesta dissertação, o termo “entrelugares” surgiu como uma forma de referenciar aspectos de hibridismo cultural entre o Brasil e os EUA. Ele foi adotado de Bhabha (1994); portanto, não se configurou um neologismo.

O transmigrante, na condição de trabalhador ou de ser social, movimenta-se no território de transmigração e mantém contatos culturais nesses dois espaços. De igual maneira, adquire duplos costumes, valores e práticas, desenvolvidos, na maioria das vezes, especificamente, para cada espaço geográfico. Divide, assim, sua vida familiar, profissional e relacional, redefinindo as representações sobre a terra de origem e a terra de destino. Nesta pesquisa, o termo “representações” recebeu importância, significando toda construção de

imagem que o transmigrante cria para si a respeito da realidade a sua volta. Vale lembrar que essas representações variam para cada indivíduo e sofrem influência do meio social em que ele está inserido. O caminho ao qual se chega a essas representações passa pelo discurso. Logo, aquilo que se diz ilustra o mundo e seus acontecimentos através de uma perspectiva pessoal, que, por sua vez, junta-se aos demais discursos circulantes na sociedade. No viés da ADC, isso tem a ver com o significado representacional do discurso, o qual, por sua vez, ajuda a construir as identidades dos sujeitos, que compõem o significado identificacional do texto.

O transmigrante valadarense que toma os EUA como rota de destino se mostrou um interessante objeto de análise, principalmente porque ele é ator territorial e agente de um evento social que se sustenta em uma prática discursiva e naturalizada em considerar o país estrangeiro superior à realidade local. Discursivamente, esse acontecimento interfere a representação de si mesmo e a representação do território de transmigração, e ambos, território e indivíduo, em interação, tornam-se, mesmo que em um grau menor de assimilação cultural, amalgamados.

Na reflexão dos dados recolhidos a partir do gênero entrevista, foi possível ratificar algumas hipóteses. Uma delas é que o transmigrante se adapta com maior facilidade ao país de destino, pois se acostumou com o território estrangeiro, devido, principalmente, ao tempo de sua transmigração, e ao fato de se comunicar com o nativo e com a sociedade norte-americana através do idioma Inglês – mesmo que essa língua seja apenas em caráter instrumental. Sobre a língua inglesa, confirmou-se a suposição de que os transmigrantes se resolvem e resolvem os problemas nos EUA através do idioma do nativo. No entanto, eles não possuem fluência; apenas capacidade de comunicação. Já sobre a identidade transmigrante, validou-se a noção de que ela se constrói por ressignificação, tanto na faceta de trabalhador nos EUA e no Brasil, quanto na faceta de seres sociais, que interagem na origem e no destino com evidência. Esse constante movimento de idas e vindas faz com que o indivíduo assuma traços identitários definidos para um e outro território, os quais, muitas vezes, são conflitantes entre si.

Tomando como referência temporal a época em que os entrevistados iniciaram a prática de migração, não foi possível obter respostas, a partir dos dados recolhidos, para a hipótese do estranhamento, sentido por eles, como determinante do retorno ao país de origem ou ao país de destino. Para essa validação hipotética, considerou-se a noção de estranhamento proposta por Siqueira (2009), na qual o retornado se sente um estrangeiro na própria terra,

dadas todas as mudanças ocorridas na sociedade e nas pessoas no período em que ele esteve fora do território físico. Entretanto, tomando como referência temporal os dias atuais, decorridos longos anos de experiência de movimentação, os dados demonstraram que os transmigrantes se sentem acostumados aos espaços físicos e de entrelugares. Eles já não se veem como estrangeiros na própria terra (e nesse caso, o uso da palavra terra evoca tanto a origem quanto o destino). O máximo que admitem perceber é uma diferenciação de crenças sobre ambos os territórios, o que coloca os EUA como lugar mais valorado que o Brasil. Vale lembrar que esse fato é algo facilmente resolvido por eles.

A cultura de emigração, disseminada na cidade de Governador Valadares a partir das redes migratórias e da mídia, permitiu compreender as razões de se optar pelos EUA como terra de trabalho. No caso da transmigração, percebeu-se que todos os transmigrantes entrevistados foram, anteriormente, imigrantes temporários e indocumentados. Com o passar do tempo, principalmente através da aquisição ou do *Green Card* ou da Cidadania Americana, é que a prática de atravessar fronteiras nacionais se efetivou. Assim, longos anos de história, convivendo com valores, língua, costumes e ações de duplos territórios, interferiram a vontade e a necessidade de ir para o estrangeiro e de voltar a terra-natal.

Um fato curioso sobre o grupo de pesquisa em questão diz respeito ao seu nível de escolaridade. Na amostra, os transmigrantes possuem, no máximo, ensino médio completo. Isso é um indicativo sociológico responsável pela razão de se emigrar, já que o mercado de trabalho local garante maiores possibilidades de crescimento profissional e de melhor remuneração a quem tenha mão-de-obra qualificada. Discursivamente, esse dado reflete a maneira de se representar e de representar os mundos nacional e estrangeiro. Acredita-se que o grau de instrução interfira nessa representação à medida que, quanto maior ele seja, maior é a capacidade para lidar com os constrangimentos e as aflições, especialmente do espaço estrangeiro.

Na investigação sobre as justificativas para se se emigrar, notou-se que a maioria dos transmigrantes valadarenses se direciona aos EUA visando ao trabalho. Lá, assume-se condição ou de empregado ou de empregador e há tendência de incorporação da prática cultural estadunidense de considerar o serviço/trabalho formal ou informal uma prática prioritária. Dessa forma, o transmigrante trabalha muitas horas no dia e mantém reserva financeira para investir no Brasil (seja em bens materiais, em empreendimentos ou em férias). É interessante pontuar que a condição de trabalhador nos EUA permite que esse transmigrante também se socialize com o nativo, especialmente quando ele é dono do próprio

negócio. Ao lidar com o estadunidense, na língua inglesa, embora não fluentemente, são estabelecidas relações menos dissimétricas.

Como justificativas para o retorno a terra de origem, os transmigrantes representam práticas tipicamente ligadas à transmigração: administração do próprio negócio, período de férias e reencontro familiar. Essa prática de idas e vindas recorrente cria o entrelugares, e sugere que o território de transmigração se torna um espaço comum: o trabalho atrelado à vida pessoal e a vida pessoal acontecendo em função do trabalho, como costume recorrente. Desse modo, o local se funde ao global e o global se mistura ao local, formando mistura de culturas e criando indivíduos hifenizados.

Sobre essa mistura de culturas, a pesquisa permitiu concluir que os transmigrantes convivem com tranquilidade no universo estrangeiro, sabendo assumir a postura ou de cidadão americano ou de cidadão brasileiro ou, até mesmo, de um indivíduo misto – com traços de ambas as culturas – dependendo do contexto a eles proposto. Aqueles que se inserem nas comunidades étnicas, em alguns momentos, têm chance de experienciar brasilidades nos hábitos; e aqueles que convivem apenas com nativos da terra de destino, também não perdem suas peculiaridades da terra-natal. As comunidades étnicas, convém ressaltar, não descartam a ocorrência do fenômeno de hibridismo – enquanto troca/mistura cultural no território de entrelugares – até porque esses transmigrantes também interagem, em outras situações, com a população estadunidense. Desse modo, os transmigrantes vivem uma multiterritorialidade, transitando por um ambiente amalgamado, mas sem ser totalmente absorvidos pela cultura estadunidense.

Os dados da entrevista revelaram também que o perfil identitário do grupo em questão é formado através de um conglomerado de elementos, muitas vezes, opostos entre si. A vivência nos territórios físico e simbólico é o ponto chave da construção desse perfil. Isso porque, ao atravessar as fronteiras nacionais, os transmigrantes mudam suas perspectivas, suas ações, seus costumes, seus valores e, até mesmo, o código utilizado para se comunicarem. Essa mudança recorrente, assumida para cada território, faz-se de maneira abrupta, mas não a ponto de provocar uma crise de identidade. Ao contrário, por terem se acostumado a essa prática, os transmigrantes aprenderam a lidar com a troca de posturas, equilibradamente definidas para cada espaço geográfico, o que, nesta pesquisa, tem a ver com a construção de identidades cindidas.

A identidade transmigrante, por meio do discurso dos entrevistados, nesse sentido, representa-se através: do processo de alteridade ou do reconhecimento de que o nativo, por

vezes, é diferente do brasileiro e de que a própria dimensão territorial é distinta entre o Brasil e os EUA; do entrelugares; da multiterritorialidade; do contato entre línguas; da prática de trabalho; dos hábitos desenvolvidos especificamente para cada território e daqueles reinventados nos dois países; e, principalmente, das crenças criadas a partir da vivência em ambos os países.

As condições de constante readaptação geográfica e cultural se revelaram no discurso a partir das disparidades estabelecidas sobre cada território. Nesta pesquisa, especialmente as representações sobre os EUA e sobre o Brasil demonstraram que os transmigrantes, em muitas situações, privilegiam o estilo de vida americano e colocam-no superior àquele vivenciado na terra de origem. Assim, quando retornam ao Brasil, a readaptação aos valores tende a ser mais conflituosa; já quando retornam aos EUA, a readaptação é mais confortável, pois a própria estrutura social favorece isso.

Em suma, os discursos dos transmigrantes presumem a noção de que a terra de destino, em variados aspectos, encontra-se em posição mais elevada que a terra de origem. Embora sendo cidadãos de duas nacionalidades, ou topopoligâmicos, os indivíduos entrevistados não se sentem iguais ao nativo estadunidense, o que faz com que eles mesmos se encarem na condição de imigrante, de diferente e de inferior. Acredita-se que esse fato influencie a redefinição identitária constante desse grupo e a divulgação da prática discursiva de que o ambiente global supera o local.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar aqui, estar lá... O retorno dos valadarenses ou construção de uma identidade transnacional? *Caderno de Ciências Sociais*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 36-47, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Estar aqui..., estar lá... uma cartografia da emigração valadarenses para os EUA. In: REIS, R.; SALES, T. (Orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Editora Boitempo, 1999. p. 125-166.

\_\_\_\_\_. A conexão EUA – Governador Valadares: os relatos de uma vida entre dois lugares. *Caderno NEDER*. Governador Valadares, Minas Gerais: Editora Univale, v.1, n.1, [s.d].

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa. Teorias das migrações internacionais. In: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13, 2000, Caxambu. *Anais Eletrônicos*. Disponível em: <http://www.abep.com.br> .

ASSIS, Gláucia de Oliveira, SIQUEIRA, Sueli. As mulheres na formação das redes de emigração. In: *Simpósio Internacional fazendo o gênero*, Florianópolis, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BECK, Ulrich. *O que é globalização?* Equívocos do globalismo. Respostas à globalização. Trad. André Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BHABHA, Homi. How newness enters the world. Postmodern space, postcolonial times and the trials of cultural translation. In: \_\_\_\_\_. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge, 1994. p. 212-235.

BIAVATI, Nádia D. Fernandes. *O lugar do trabalhador e das relações de trabalho em propagandas publicadas em revista brasileira de informação geral: um estudo de caso em ACD*. 2001. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

BIAVATI, Nádia D. Fernandes. *Entre o fato e a regra: unidade e dispersão na constituição da identidade e representação de valores e práticas do professor-mosaico*. 2009. 150 f. Tese

(Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BIAVATI, Nádia D. Fernandes; SIQUEIRA, Sueli. Construindo Identidades e práticas de migração: consolidando a “Terra Prometida”. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, UnB, v. 12, n. 2, p. 127-149, 2011.

BICALHO, José Victor Pires. *Yes, eu sou brazuca*. Governador Valadares: Ibituruna, 1989.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CASSARINO, Jean-Pierre. Theorising return migration: the conceptual approach to return migrants revisited. *International Journal on Multicultural Societies (IJMS)*, v. 6, n. 2, p. 253-279, Dec. 2004. Disponível em: <[www.unesco.org/shs/ijms/vol6/issue2/art4](http://www.unesco.org/shs/ijms/vol6/issue2/art4)>. Acesso em: 12 out. 2011.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Mary Garcia. Trans-identidades no local globalizado. Não-identidades, margens e fronteiras: vozes e mulheres latinas nos Estados Unidos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Universidade Federal da Baía, n. 48, jun. 1997, p. 147-174.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. *GEOgraphia*, ano I, nº 2. 1999. p. 7-26.

CLEMENTE, Claudelir Correa. Analisando territórios e laços sociais de pessoas que vivem em mobilidade internacional. In: *Textos ABEP/NEPO/UNICAMP*. IV Encontro sobre Migração, 2005. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/SCI-4.pdf>. Acesso em: 07 out. 2011.

DOMINGUES, Devani Tomaz. O retorno ao país de origem: sonho e realização do projeto. *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos*, Rio de Janeiro, jun. 2009, 19 p.

\_\_\_\_\_. *Dos Estados Unidos da América para Governador Valadares: Conexões e desconexões*. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. *Associação Comercial de Governador Valadares: sessenta anos de história*. Governador Valadares: ACGV, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. New York: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001a.

\_\_\_\_\_. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. Trad. Célia Maria Magalhães. In: MAGALHÃES, Célia M. M. *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Série Estudos Linguísticos, v. 2, 2001b. p. 31-82.

\_\_\_\_\_. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. *Language and globalization*. USA and Canada: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman; CHOULIARAKI, Lillie. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIST, Tomas; FAUSER, Margit. The migration-development nexus: toward a transnational perspective. In: FAIST, Tomas; FAUSER, Margit; KIVISTO, Peter. *The migration-development nexus: toward a transnational perspective*. New York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 1-26. About Migration, diaspora and citizenship.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

\_\_\_\_\_. *O mundo na era da globalização*. Trad. Saul Barata. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005a. p. 6774-6792.

\_\_\_\_\_. Migração e desterritorialização. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares*. Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005b. p. 35-46.

\_\_\_\_\_. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2006. p. 19-141.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine la Guardia Resende et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M.A.K. *Introducion to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1988.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2010. 349 p.

HELD, David; MCGREW, Anthony. *Globalización/Antiglobalización*. Sobre la reconstrucción del orden mundial. Trad. Andrés de Francisco. [s.n.]: Paidós, 2002.

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

\_\_\_\_\_. *A era do globalismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Dados Estatísticos do Censo 2010 para a cidade de Governador Valadares. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=mg> . Acesso em: mar. 2012.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 63-85.

LEVITT, Peggy; NYBERG-SORENSEN, Nina. The transnacional turn in migration studies. *Global Commission on International Migration (GCIM)*. Global migration perspectives, n. 6, oct. 2004. Disponível em: <http://www.gcim.org/gmp/Global%20Migration%20Perspectives%20No%206.pdf>. Acesso em: 17 out. 2011.

MARCUS, Alan Patrick. (Re) creating places and spaces in two countries: Brazilian transnational migration processes. *Journal of Cultural Geography*, Oklahoma, vol. 26, n. 2, jun. 2009, p. 173-198. Disponível em: <http://www.informaworld.com>. Acesso em: 17 nov. 2010.

MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Trad. Luzia A. de Araújo; Talia Bugel. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

MASSEY, D. S. et al. Theories of International Migration: a review and appraisal. *Population and development review*, v. 19, n. 3, sep. 1993, p. 431-466.

MENDES, José Manuel Oliveira: O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *A globalização e as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2002. p. 503-540.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*. Investigação em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Fátima O. de; WERBA, Graziela C. Representações sociais. In: JACQUES, M.G.C. et al. *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 104-117.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

PATARRA, Neide. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.

PINTO, Juliana Vilela. *As representações do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense*. 2011. 217 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Vale do Rio Doce,

Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares, MG, 2011.

PORTES, Alejandro, RUMBAUT, Rubén G. Introduction. In: *Immigrant America. A portrait*. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 1-27.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SÁ, Celso Pereira de. Representação social: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane P. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 19-45.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SALES, Teresa; BAENINGER, Rosana. Migrações internas e internacionais no Brasil – panorama deste século. *Revista Travessia*, São Paulo, n. 36, jan./abr. 2000, p. 33-44.

SANTOS, Boaventura de Souza. Os processos da globalização. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento, 2001, v. 1, p. 31-106. Coleção A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização: modernização econômica, social e cultural.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno segundo Abdelmalek Sayad. *Travessia*, São Paulo, número especial. p. 3-33, jan. 2000.

SCHILLER, Nina Glick. Transmigrants and National-States: something old something new in the U.S. immigrant experience. In: HIRCHMAN, Charles; KASINITZ, PHILIP; DEWIND, Josh. *The handbook of international migration: the American experience*. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 94-119.

SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC, Cristina SZANTON. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration, *Anthropological Quarterly*, Jan. 1995, p. 48-63.

SCUDELER, Cristina. Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. In: REIS, Rosana Rocha; SALES, Teresa (Orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 193-232.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. 2. ed. Petrópolis, Rio Janeiro: Editora Vozes, 2003. p. 73-102.

SIQUEIRA, Sueli. Emigrantes da Microrregião de Governador Valadares nos EUA: Projeto de retorno e investimento. In: *XV Encontro Nacional De Estudos Populacionais*, 2006, Caxambu - MG. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais: Desafios e Oportunidades de crescimento zero. Campinas: ABEP, 2006, v. 1. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_353.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_353.pdf). Acesso em: 17 nov. 2010.

\_\_\_\_\_. Emigração e retorno na perspectiva de gênero. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. *26ª RBA Desigualdade na Diversidade*. São Paulo: RBA, 2008.

\_\_\_\_\_. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Argvmentvm, 2009.

SIQUEIRA, Sueli; ASSIS, Gláucia de Oliveira; DIAS, Carlos Alberto. As múltiplas faces do retorno à terra natal. *Caderno de Debates*, n. 5, v. 5, Brasília, 2010 (anual). Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/IMDH/ControlConteudo.aspx?area=14baf839-9dd5-4725-ad1e-1bc7e4678789>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

SOARES, Weber. Ser valadarense: a conquista de nova posição no espaço social e a “(re) territorialização” na origem. *Revista Travessia*, São Paulo, n. 21, jan./abr. 1995, p. 23-27.

\_\_\_\_\_. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Governador Valadares e Ipatinga*. 2002. 360 f. Tese (Doutorado em demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR) – UFMG, Belo Horizonte.

SOUZA, Aline Cristina de. Memória e identidade linguística em territórios de migração. *Revista Unihistória*, Governador Valadares, n. 1, v. 2, 2011, 22 p. Disponível em: <http://www.seer.univale.br/index.php/UNIHISTORIA/article/view/30/19>. Acesso em: 04 nov. 2011.

SOUZA, Aline Cristina de; BIAVATI, Nádia D. Fernandes. Valores e práticas do transmigrante: uma identidade no entrelugares. *Revista Vertentes*, Universidade Federal de São João Del Rei, n. 37, v. 38, 2012, no prelo.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. 6. ed. Petrópolis, Rio Janeiro: Editora Vozes, 2006. p. 07-72.

**APÊNDICE**

**APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA****Entrevistado:** \_\_\_\_\_**Idade:** \_\_\_\_\_**Cidadania:** ( ) brasileira ( ) americana ( ) dupla**DIRECIONAMENTOS PRÉ-ENTREVISTA**

Quantos anos de transmigração?

Por que ir e vir?

1. Desde quando mantém contato com os EUA?
  - Por que optou morar nos EUA?
  - Teve informações de rede para ir para os EUA?
  - Quando você voltou pela primeira vez ao Brasil, sentiu algum estranhamento?
  - E por qual motivo retornou novamente aos EUA?
  - Com que frequência acontece o contato com os EUA?
  - Você considera ter residência fixa no Brasil ou nos EUA? Ou em ambos os países?
  - Por que para você é vantajoso viver entre os dois países?
2. Você domina a língua inglesa?
  - Como aprendeu?
  - Você consegue falar e escrever bem nos dois idiomas?
  - Se você não sabe o Inglês, como consegue viver nos EUA?
  - Você já sofreu algum preconceito por falar o Português? Qual?
  - Você considera que o Inglês é superior ao Português? Ou que o Português seja superior ao Inglês? Ou inexistente superioridade de língua?
3. O que há de melhor no Brasil? E nos EUA? Justifique.  
(Semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os americanos)
4. Se tivesse de mudar algo em algum dos dois países, o que mudaria?
5. Quais são as vantagens de ser brasileiro no mundo? E de poder se movimentar entre um e outro país de forma recorrente?
6. O que você faz nos EUA que não faz no Brasil?  
Vai à Igreja, vai ao trabalho...
7. Você vive em uma comunidade de brasileiros nos EUA?

- Você considera importante a presença dessas comunidades no estrangeiro, como forma de minimizar a saudade da terra-natal?
8. Você deseja, em algum dia, viver somente em um desses países? Em qual deles?
  9. Você acha que viver nos EUA é melhor que viver no Brasil (cidade de Governador Valadares)? Justifique.
  10. Você tem convívio social nos EUA? E no Brasil?
    - Quais lugares frequenta?
    - Tem muitos amigos lá e aqui?
    - Tem documentação (trabalho, seguridade social, permissão para dirigir) em ambos os países?
  11. Se você não tivesse a possibilidade de se movimentar entre o Brasil e os EUA, acredita que conseguiria sobreviver financeiramente somente no Brasil?
    - Realizando qual profissão?
  12. Como você define a identidade típica de um norte-americano?
    - Eles são diferentes dos brasileiros?
    - Em quais aspectos?
    - Como os norte-americanos veem os brasileiros?
  13. Conte alguma história sobre um acontecimento no EUA que não aconteceria aqui no Brasil.

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

***TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA A APLICAÇÃO DO FORMULÁRIO SOCIAL***

### 1 – IDENTIFICAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DA PESQUISA:

Título: O transmigrante: identidade no entrelugares
Pesquisador Responsável: Aline Cristina de Souza
Contato com pesquisador responsável Endereço: Rua Gastão de Magalhães, 866, Nova JK, Governador Valadares Telefone(s): 33-84241857

### 2 – IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO:

Instituição: Universidade Vale do Rio Doce
Programa de Mestrado Interdisciplinar Gestão Integrada do Território
<b>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA</b> Rua Israel Pinheiro, 2000 – Campus Universitário – Tel.: 3279 5575

### 3 – INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL:

O Sr. está sendo convidado a participar de uma pesquisa da área de Letras, intitulada “O transmigrante: identidade no entrelugares”. A instituição responsável por ela é a Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), e a mesma tem como objetivo geral analisar as experiências de transmigrantes na formação de seu perfil identitário quando em movimentação espacial pelo território do Brasil e dos EUA.

Solicitamos a sua colaboração para responder a uma Entrevista, que será gravada. As questões se relacionam à sua naturalidade, cidadania, tempo de emigração, nível de escolaridade, e demais situações que envolvem sua vida (como costumes, crenças e práticas) no território estrangeiro e nacional. Além disso, evidencia-se seu relacionamento com o nativo estadunidense através do idioma Inglês.

A entrevista guarda o sigilo e sua privacidade. Em momento algum, o Sr. será denominado através de seu nome ou de qualquer outra característica que possa identificá-lo pessoalmente. Na apresentação dos resultados, seu nome será trocado por número. Na entrevista, a sua participação é voluntária, não recebendo nenhuma remuneração ou benefício material por ela. Portanto, pode se recusar a participar; a responder a qualquer pergunta que lhe causar constrangimento; e a se retirar da pesquisa, se achar conveniente, sem nenhum prejuízo ou penalização.

A sua participação como Informante lhe garante todos os cuidados necessários, prevalecendo a preservação dos seus direitos individuais e o respeito ao seu bem-estar físico e psicológico. Se algumas perguntas lhe causarem constrangimentos, o Sr. pode se sentir à vontade para interromper a entrevista ou para não respondê-la parcial ou totalmente. Esses são os riscos ou desconfortos previstos e estamos imbuídos do esforço de minimizá-los.

Com a realização da pesquisa, espera-se que seja estabelecida uma reflexão sobre as condições de transmigração de valadarenses para os EUA, dado esse fenômeno como algo marcante em nossa cidade. Os resultados serão apresentados em uma análise discursiva de dissertação de mestrado e, posteriormente, em eventos técnico-científicos. Alguns dados poderão também ser publicados como Artigo Científico. Mantém-se, nesse caso, o compromisso com a manutenção do sigilo e da privacidade das Informantes.

**CONSENTIMENTO:**

Confirmando ter sido informado e esclarecido sobre o conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e, por isso, dou meu livre consentimento.

Governador Valadares, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_